



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE MUSEOLOGIA

DÉBORA DE ABREU E SILVA

**Por uma Semântica Museal: afetação, experiência e ressonância na Teoria
Museológica Brasileira Contemporânea**

Brasília, DF

2019

DÉBORA DE ABREU E SILVA

**Por uma Semântica Museal: afetação, experiência e ressonância na Teoria
Museológica Brasileira Contemporânea**

Monografia apresentada como requisito básico para
obtenção do título de bacharel em Museologia pela
Faculdade de Ciência da Informação da
Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Clovis Carvalho Britto

Brasília, DF

2019



FOLHA DE APROVAÇÃO

Por uma Semântica Museal: afetação, experiência e ressonância na Teoria Museológica Brasileira Contemporânea.

Aluna: Débora de Abreu e Silva

Monografia submetida ao corpo docente do Curso de Graduação em Museologia, da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília – UnB, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharelado em Museologia.

Banca Examinadora:

Aprovada por:

Clóvis Carvalho Britto – Orientador
Professor da Universidade de Brasília (UnB)
Pós- Doutor em Estudos Culturais – UFRJ

Ana Lúcia de Abreu Gomes – Membro
Professora da Universidade de Brasília (UnB)
Doutora em História – UnB

Silmara Küster de Paula Carvalho – Membro
Professora da Universidade de Brasília (UnB)
Mestre em Tecnologia e Desenvolvimento – UTFPR

Monique Batista Magaldi – Membro Suplente
Professora da Universidade de Brasília (UnB)
Doutor em Ciência da Informação – UnB

Brasília-DF, 08 de julho de 2019

du de Abreu e Silva, Débora
Por uma Semântica Museal: afetação, experiência e
ressonância na Teoria Museológica Brasileira Contemporânea /
Débora de Abreu e Silva; orientador Clovis Carvalho Britto.
-- Brasília, 2019.
131 p.

Monografia (Graduação - Museologia) -- Universidade de
Brasília, 2019.

1. Semântica Museal. 2. Teoria Museológica brasileira
Contemporânea. 3. Quadro conceitual do campo da Museologia
brasileira. 4. Análise Conceitual . 5. Linguagem de
especialidade . I. Carvalho Britto, Clovis, orient. II.
Título.

Dedico essa pesquisa em honra à minha família, amigos, professores e colegas da vida. À ofereço para que possam entender, com mais palavras e contextos, o que eu quis dizer – com o apoio e direcionamento do meu orientador – por semântica museal. E para visualizarem o que realmente gostei de estudar dentro da Museologia.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus, por toda força e benignidade para comigo, principalmente durante a graduação, me fazendo crescer enquanto adulta mesmo em meio à sofrimentos e angústias e me fazendo observar a beleza da vida e de Seu amor nos pequenos detalhes do dia a dia e na caridade.

Ao meu Anjo da Guarda, pela paciência, bondade e auxílio que teve comigo. Me atrevo a dizer que em muitas partes desta monografia (as consideradas melhores, é claro) tive a concreta ajuda dele para redigi-las.

Ao meu falecido pai, Carlos Alberto dos Santos Silva, por ter sido meu primeiro referencial de intelectualidade, de apreço pelos estudos, pela leitura e pelo prazer em aprender. Não somente agradeço como dedico esse trabalho a ele.

À todos os meus colegas e amigos com os quais convivi na Universidade, principalmente minha mãe Mônica Renata de Jesus Abreu, a qual também está fazendo Museologia comigo na UnB desde 2014, por todo o seu carinho, atenção, apoio e felicidade que me proporcionou dentro e fora do âmbito acadêmico. Dedico também a você esta pesquisa.

Ao meu admirável, paciente e benquisto orientador Clovis Carvalho Britto, pela disposição em me auxiliar na elaboração dessa monografia e no enfrentamento da Semântica Museal, por todos os entendimentos e dicas, por toda a sua sabedoria e por suas experiências acadêmicas, intelectuais e de vida, as quais foram condicionadas a meu favor nesse trabalho.

À Faculdade de Ciência da Informação (FCI) e a todos os seus servidores: pelo aporte acadêmico, por todos os auxílios, por toda a eficiência de atendimento e prestação de serviços e por todo respeito e cuidado que representaram em minha graduação.

À todos os meus estimados, dedicados, queridos, esforçados e atenciosos professores da Universidade de Brasília, dentre eles Ana Abreu (FCI), que me auxiliou honrosamente na elaboração do pré-projeto desta pesquisa, a Andrea Considera (FCI), Carlos Juvêncio (FCI), meu então orientador mas também professor Clovis Britto (FCI), Déborah Santos (FCI), Edson Carvalho (MUS), Eloisa Barroso (HIS), Giovana Tempesta (DAN), Jonas Pegoraro (HIS), Izabela Brochado (CEN), José Jorge Carvalho (DAN), Kelerson Semerene (HIS), Lea Maria Iamashita (HIS), Luciana Portela (FCI), Marijara Queiroz (FCI), Miriam Manini (FCI), Monique Magaldi (FCI),

Nelson Inocência (IDA), Rodrigo Rabello (FCI), Rogerio Araujo (FCI) e Virgílio Arraes (HIS).

Ao meu melhor amigo Victor Pachelli, que está fora do Brasil. A saudade que tenho da presença dele foi um dos motores para a projeção de um futuro com mais afetos e com mais experiências compartilhadas.

Ao meu colega da Engenharia da Computação Rafael Barbosa de Souza, por ter me auxiliado em algumas madrugadas na procura dos significados das palavras experiência e ressonância.

À toda a minha família, principalmente às minhas irmãs Victória (Bibliotecária) e Eduarda de Abreu e Silva (Estudante de Libras), minha madrinha Ana Maria de Jesus Abreu e à minha prima Bruna Siqueira de Abreu (Assistente Social). Eduarda em especial abriu minha mente para a noção semântica de “Raio-x” no tratamento das análises conceituais.

A palavra é meu domínio sobre o mundo
(Clarice Lispector, *A hora da estrela*, 1981)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar o quadro conceitual do campo da Museologia brasileira e de suas estruturas terminológicas e semânticas à luz da identificação e da pesquisa sobre como os termos afetação, experiência e ressonância se estabelecem no discurso dos estudiosos Mário de Souza Chagas (e o termo afetação), Bruno César Brulon Soares (e o termo experiência) e José Reginaldo Santos Gonçalves (e o termo ressonância), . Inclusive são identificadas e analisadas características biográficas e acadêmicas desses autores, os quais participam da Teoria Museológica brasileira contemporânea, a fim de espelhar posicionamentos acadêmicos que se empreendem sob terminologias de cunho relacional e interacional e de se projetar potencialidades e conjecturas semânticas e epistemológicas do campo museal e para o campo museal. Nesta pesquisa, problematiza-se também sobre como a composição terminológica do campo da Museologia se insere na Teoria Museológica brasileira contemporânea. Ademais, observa-se de que maneira é traduzida para a linguagem da Museologia questões nocionais e conceituais do campo.

Palavras-chave: Semântica museal. Afetação, experiência e ressonância. Teoria Museológica brasileira. Quadro conceitual da Museologia.

ABSTRACT

This research aims to analyze the conceptual framework of Brazilian Museology and its terminological and semantic structures in light of the identification and research on how the terms affectation, experience and resonance are established in the discourse of Mário de Souza Chagas (and the term affectation), Bruno César Brulon Soares (and the term experience) and José Reginaldo Santos Gonçalves (and the term resonance). Biographical and academic characteristics of these authors are also identified and analyzed, they are part of contemporary Brazilian Museum Theory. Academic positions related to relational and interactional terminologies are presented in order to project semantic and epistemological constructions, and potentialities, of the museological field and for it. This research also discusses how the terminological composition of the Museology fits into contemporary Brazilian Museological Theory. Therefore, it is observed how notional and conceptual issues are translated into the language of Museology.

Keywords: Museal semantics. Affectation, experience and resonance. Brazilian Museological Theory. Conceptual framework of Museology.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Âmbitos e Conceitos em Mário Chagas	55
Quadro 2: Definições de afetação	64
Quadro 3: Trechos que remetem ao sentido decolonial e a descolonização	76
Quadro 4: Âmbitos e Conceitos em Bruno Brulon	82
Quadro 5: Definições de experiência	84
Quadro 6: Termos e tópicos ligados à experiência (BRULON, 2008)	86
Quadro 7: Termos e Tópicos ligados à experiência (BRULON, 2012)	87
Quadro 8: Termos e Tópicos ligados à experiência (BRULON; BARACAL, 2014; 2017)	89
Quadro 9: Obras mais citadas dentro da Teoria Museológica Brasileira	94
Quadro 10: Autores mais citados dentro da Teoria Museológica Brasileira	94
Quadro 11: Âmbitos e Conceitos em José Reginaldo Gonçalves	100
Quadro 12: Definições de ressonância	105
Quadro 13: Termos e tópicos ligados a ressonância (GONCALVES, 2005).....	107
Quadro 14: Termos e tópicos ligados a ressonância (GONCALVES, 2007).....	109
Quadro 15: Termos e tópicos ligados a ressonância (GONCALVES, 2007) segunda obra.....	112

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

AIB	Association Internationale de Bibliologie
AIG-MRE	Assessoria de Imprensa do Ministério das Relações Exteriores
BVS	Biblioteca Virtual em Saúde Bioética e Diplomacia em Saúde
CNM	Cadastro Nacional de Museus
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DPLP	Dicionário Priberam da Língua Portuguesa
EBA/UFBA	Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia
ECA	Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
FAAP	Fundação Armando Alvares Penteado
FapUnifesp	Fundação de Apoio à Universidade Federal de São Paulo
Ibram	Instituto Brasileiro de Museus
ICOFOM	Comitê Internacional para Museologia
ICOFOM-LAM	Subcomitê do Comitê Internacional para Museologia para a América Latina e Caribe
ICOM	Conselho Internacional de Museus
ICOM-BR	Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus ICOM-BR
IFCS/UFRJ	Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro
Iphan	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LAMEX	Laboratório de Museologia Experimental
MEI	Grupo de Pesquisa Museologia Experimental e Imagem
MINOM	Movimento Internacional para uma Nova Museologia
MNES	Museologia Nova e Experimentação Social
MUSAS	Revista Brasileira de Museus e Museologia
NOMADS.USP	Núcleo de Estudos de Habitares Interativos da Universidade de São Paulo
PAC	Projeto de Atividade Complementar
PACC-UFRJ	Programa Avançado de Cultura Contemporânea da Universidade Federal do Rio de Janeiro
PET / UniRio	Programa de Ensino Tutorial da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

PPA-UFF Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense

PPGA/UFF Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense

PPGAS-MN / UFRJ Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro

PPGMS / UniRio Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

PPG-PMUS / UniRio Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

PPGSA / UFRJ Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro

PSB Partido Socialista Brasileiro

PUC-SP Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

SBM Sistema Brasileiro de Museus

Sebramus Seminário Brasileiro de Museologia

Sesc Centro de Pesquisa e formação do serviço social do Comércio

SPHAN Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

TCC Trajetória do Campo Científico

UAb Universidade Aberta

UERJ Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFBA Universidade Federal da Bahia

UFF Universidade Federal Fluminense

UFG Universidade Federal de Goiás

UFMG Universidade Federal de Minas Gerais

UFRJ Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFS Universidade Federal de Sergipe

ULHT Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

UnB Universidade de Brasília

UniRio Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

UniRio/MAST Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio

UCM Universidad Complutense de Madrid

USP Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

MEMORIAL ACADÊMICO.....	15
INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1 - MUSEOLOGIA E SEUS CONCEITOS	35
1.1 - O QUADRO CONCEITUAL DA MUSEOLOGIA	35
1.2 - A LINGUAGEM DE ESPECIALIDADE.....	47
CAPÍTULO 2 - O CONCEITO DE AFETAÇÃO EM MÁRIO DE SOUZA CHAGAS.....	52
2.1 - MÁRIO DE SOUZA CHAGAS E A IMAGINAÇÃO MUSEAL.....	52
2.2 - O CONCEITO DE AFETAÇÃO.....	62
CAPÍTULO 3 - A EXPERIÊNCIA EM BRUNO CÉSAR BRULON SOARES	70
3.1 - BRUNO CÉSAR BRULON SOARES E A LEITURA DECOLONIAL.....	70
3.2 - O CONCEITO DE EXPERIÊNCIA.....	83
CAPÍTULO 4 - A RESSONÂNCIA EM JOSÉ REGINALDO SANTOS GONÇALVES.....	91
4.1 - JOSÉ REGINALDO SANTOS GONÇALVES E A RETÓRICA DA PERDA	91
4.2 - O CONCEITO DE RESSONÂNCIA	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
REFERÊNCIAS.....	117

Memorial Acadêmico

Para contextualizar e historicizar minha escolha por esse tema de pesquisa, dedico a esta parte da monografia a traçar meu caminho acadêmico e relacioná-lo com esse trabalho de conclusão de curso.

Minha trajetória acadêmica começou no primeiro semestre do ano de 2014, quando ingressei no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás (UFG), Campus Catalão-GO. Dentro dessa Universidade, além das disciplinas curriculares, participei do Congresso Nacional de Educação do Décimo Quarto Simpósio de Pedagogia da UFG. A partir desse momento de minha vida comecei então a me atrair pela dimensão da interação, principalmente na esfera social e educacional, mas naquele momento essa atração ainda estava ligada à área da Educação e não a da Museologia.

Após um semestre cursando Ciências Sociais, me desliguei da UFG, fiz um Concurso Vestibular para ingresso na Universidade de Brasília (UnB), Campus Darcy Ribeiro e, após ser aprovada no referido Concurso, no segundo semestre de 2014, tornei-me graduanda de Museologia, curso da Faculdade de Ciência da Informação (FCI).

A escolha por esse curso foi baseada por dois motivos: um baseado em sentimentos e emoções, eu estava sentindo falta da minha cidade, Brasília-DF, e de minha mãe. E por um segundo motivo, baseado em minha afinidade por interação, história, artes e Museus, assuntos esses que, de alguma maneira, interligam-se ao curso de Museologia. Diante disso, vê-se então essa atmosfera de assuntos e vivências relacionais começando a conectarem-se às minhas escolhas da vida acadêmica.

Minhas escolhas curriculares, dentro da UnB, Campus Darcy Ribeiro, abraçaram disciplinas ofertadas pelos seguintes departamentos: Departamento de Artes Visuais, Departamento de Antropologia, Departamento de História, Departamento de Música e Faculdade de Ciência da Informação. À parte o penúltimo departamento referido, meu caminho acadêmico, no que tange a escolhas curriculares, não se afastou das disciplinas obrigatórias e optativas do curso de Museologia na UnB, o qual é composto curricularmente, por disciplinas destes mesmos departamentos. É justo afirmar então que meu horizonte acadêmico abrange essas escolhas.

Também realizei atividades correlacionadas à experiência de graduanda de Museologia.

No ano de 2014 participei da Semana Universitária da UNB. Já no ano de 2016 realizei as seguintes atividades:

1) participei da Aula Inaugural do curso de Arquivologia da UNB, do primeiro semestre, cujo tema foi *Diversidade e Convivência*; 2) participei da palestra *Cuidados para exposição das obras de Arte* vinculada à Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP), no Museu Nacional; 3) participei de um Projeto de Atividade Complementar (PAC), da Comissão do II Seminário Aberto do Grupo de Pesquisa Imagem, Memória e Informação (IMI), criada para o Encerramento do Projeto IMI/CNPq *Documentos, Audiovisuais, Informação e Memória: identificação de acervos fotográficos e fílmicos no Distrito Federal*, ligado à Faculdade de Ciência da Informação da UNB.

4) Ainda com relação ao projeto referido anteriormente, conjuntamente a ele, participei de alguns minicursos os quais foram ministrados no Seminário.

No ano de 2017 trabalhei como mediadora e monitora da exposição *Miguel Arraes 100 Anos Uma Trajetória de Luta Pelo Brasil*, realizada pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB) e que teve como curadora a Primeira Dama de Brasília: Senhora Márcia Helena Rollemberg (164 horas trabalhadas).

Do mês de maio do ano de 2017 até junho de 2018 trabalhei como estagiária na Assessoria de Imprensa (AIG) do Ministério das Relações Exteriores (MRE), mais especificamente vinculada à Comissão RE50: um projeto que tem como função proteger, legitimar, divulgar e expor documentos, obras e bens de valor histórico, artístico e cultural, ligados ao MRE.

Neste estágio realizei atividades relacionadas com a divulgação e a valorização do patrimônio documental do Ministério das Relações Exteriores, em coordenação com unidades pertinentes da Secretaria de Estado e mediante parcerias com entidades da sociedade civil.

De maneira geral obtive grande vivência em diversas áreas das Ciências Humanas, as quais, dentre outros aspectos, abrangem o universo relacional e emocional do ser humano. Também me utilizei de sentimentos como afetação e experiência e exerci interações sociais dentro das minhas dinâmicas pessoais, estudantis, acadêmicas e profissionais. Tudo isso me norteou ao interesse pelos termos da pesquisa, apreciando-os como conceito e como assunto.

Apoiei-me na Teoria Museológica por essa ser uma fonte informacional da qual partem as narrativas e paradigmas do campo, principalmente no que tange a assuntos relacionais e interacionais de maneira geral. Mergulhar nessa fonte me pareceu interessante academicamente, pois senti que seria mais desafiador e interessante me tirar de uma zona onde eu poderia perceber *afetação*, *experiência* e *ressonância* de maneira mais explícita e experimental, como em um Museu, por exemplo, e me debruçar sobre o universo teórico, que me atraiu academicamente desde as disciplinas de Introdução à Museologia mas que só agora pode ser substanciado em minha trajetória acadêmica.

INTRODUÇÃO

A Museologia como campo de práticas e conhecimentos apresenta uma recente constituição científica, uma recente Trajetória do Campo Científico (TCC), com início há um pouco mais de um século, e que ainda passa por processos de transformação. Diferentes conhecimentos foram produzidos, advindos de diversos campos de aplicação prática e de disciplinas científicas, configurando então um quadro acadêmico e científico amplo e plural.

O estado da arte do tema deste trabalho, *afetação*, *experiência* e *ressonância* na Teoria Museológica Brasileira Contemporânea, em específico, não é tratado exatamente dessa maneira na Museologia, até agora. Contudo, o que se verifica, principalmente com a Pós-Doutora Suely Moraes Cerávolo, é a preocupação acerca da composição conceitual do campo, sendo esse um dos motes para a pesquisa acerca desses termos.

Suely Cerávolo aponta em seu artigo intitulado *Linguagem de especialidade e a elaboração da noção de campo científico: o caso da Museologia*, do ano de 2008, que pesquisas documentais de natureza terminológica quando abordam a Museologia sob o aspecto da sua institucionalização podem evidenciar a expressão de objetos da Museologia como o museu, a relação do homem com o objeto e a musealidade (2008).

Suely Cerávolo (2008) indica que pesquisas documentais dessa referida natureza suscitam à Museologia uma circularidade de concepções que envolvem, sistematicamente, Museologia e Museu. Diante desse tipo de dinâmica que configura em pesquisas terminológicas, Cerávolo conjectura dois pressupostos: a Museologia

como recurso de cientificidade para os museus e a Museologia como área de conhecimento científico.

É diante dessa potencialidade epistemológica¹ que uma pesquisa teórica de natureza terminológica e semântica pode ter para a construção de um campo, que uma pesquisa como a desse trabalho de conclusão de curso, a qual procura analisar a maneira como determinados termos compreendem-se dentro de um determinado âmbito da Museologia, pode ser defendida.

Ainda com Suely Cerávolo, mas agora em outra obra da autora, um artigo, intitulado *Museologia: retrospectiva sobre a formação da área e método de pesquisa para delimitar um domínio conceitual*, verifica-se que ela indica ser importante para o campo a observação de como este foi constituído historicamente enquanto campo de conhecimento, principalmente no que tange a como sucedeu a construção do conceito de museologia a partir de seus traços identificadores. Nesse referido texto, um desses traços identificadores são os termos que compõem o campo.

Ademais, verifica-se também que Suely Cerávolo (2005) se debruça sobre uma espécie de inquietação quanto à caracterização da área Museologia como um campo do saber com noções (conceitos) e termos próprios. Para lidar com essa situação Cerávolo utiliza-se então de uma metodologia de rastreamento para captar o conceito de Museologia em suas origens, inclusive terminológicas, e porque não dizer, semânticas.

É possível inferir que Suely Cerávolo (2005) exalta que o processamento terminológico acerca do conceito de museologia determina-se como um núcleo fundante para o próprio processo de denominação mais determinante para a área.

É possível também interpretar desse artigo que a autora concebe que o sistema conceitual e terminológico da Museologia é um importante determinante das características, propriedades e representações mentais que concebem o processo de feição da Museologia. Infere-se também da sua narrativa que o trabalho terminológico do campo deve cumprir com a ação de se identificar o objeto de estudo da Museologia.

Com tudo isso, vê-se que essa identidade semântica e terminológica da Museologia apresenta diversas influências para o campo, dentre elas a própria

¹ Ao longo deste trabalho serão utilizados os termos epistemologia e epistemológico, além de outras inflexões destas palavras. O sentido empregado para esses termos, aqui nesta monografia, está ligado a noção de um conjunto de conhecimentos sobre a origem, a natureza, as etapas e os limites de conhecimentos, havendo-se uma aplicação ao âmbito de conhecimentos concentrados no campo museal, observando-se um estudo crítico de convenções, conclusões, métodos, teorias e práticas.

formação do conceito de Museologia, quanto para a apuração de seus objetos de estudo, quanto para a qualificação e caracterização de seus discursos, por exemplo.

Diante desses apontamentos, essa pesquisa propõe confirmar que os termos *afetação*, *experiência* e *ressonância* possam ser considerados como pertinentes dentro da Teoria Museológica brasileira contemporânea, podendo eles serem desencadeadores da manutenção de temáticas e discursos mais auxiliados por termos que qualificam as interações, relações e reverberações humanas frente ao campo Museal.

Complementarmente a todas essas perspectivas de Cerávolo, mas principalmente a essa última com relação a feição e representação mental da Museologia concebida através de seu sistema conceitual e terminológico, é válida a reflexão dos estudiosos Desvalless e Mairesse em *Conceitos-chave de Museologia*, de 2013, acerca da noção de campo museal, visto que para os autores, o questionamento crítico e teórico deste é a própria museologia, isto é, materializa a natureza da museologia.

Primeiramente, para esses autores (DESVALLESS; MAIRESSE, 2013) o termo museal faz referência à tudo aquilo que é relativo ao museu. Também determinam à ele a noção de campo de referência onde acontece a criação, a realização e a reflexão sobre o funcionamento da instituição estabelecida como museu e sobre seus fundamentos e questões.

Já para *campo museal*, Desvalless e Mairesse (2013) designam o sentido de campo de exercício de um museu e de uma relação específica do homem com a realidade, inferindo-se disso, então, a noção de campo museal como todo o âmbito prático e aplicado dos museus.

Nessa obra Desvalless e Mairesse (2013), dentre vários outros pontos, enfatizam uma reflexão sobre o campo museal através de uma listagem de diversos termos ligados e interligados a ele, não querendo eles determinar um panorama conceitual definitivo nem genérico, mas sim reflexivo e transformador acerca do que se pode ser transmitido e contemplado da Museologia e do campo museal dentro de um sistema teórico.

Diante de tudo isso, portanto, é crível afirmar, à luz de Cerávolo e da referida obra de Desvalless e Mairesse, que a conjuntura de um quadro conceitual e de interpretações terminológicas podem carregar uma grande influência sobre a imagem, a linguagem e a feição de uma área (aqui a Museologia) e de um campo de atuação

(campo museal) verificando-se então a potencialidade acadêmica e científica da análise do quadro conceitual da Museologia.

Uma característica que pode atribuir ao processo de construção do corpo conceitual da Teoria Museológica seria a de que, segundo Suely Cerávolo, houve “dificuldades para lidar com conceitos que estruturassem (...) os argumentos dessa área” (CERAVOLO, 2004, p. 245).

A partir de diferentes formações conceituais e terminológicas, de modo especial com relação a termos que correspondem semanticamente a interação e inter-relação, tanto no tocante a objetos da Museologia, quanto em relação à própria realidade teórica do campo, a necessidade de pesquisar o tema deste trabalho de conclusão de curso tem relação com o fato de que o corpo conceitual da Teoria Museológica brasileira é recente e necessita de pesquisa para o aprimoramento de sua constituição e, conseqüentemente, para uma melhora do potencial científico e acadêmico da Museologia. Segundo Cerávolo em sua obra *Delineamentos para um teoria da Museologia*:

Os delineamentos para (...) uma teoria para a Museologia foram gerados e divulgados no plano internacional a partir (...) dos anos 80 do século XX e se relacionam com a instauração do Comitê Internacional para a Museologia (Icofom), vinculado ao Conselho Internacional de Museus (Icom). (...) Embora tenham surgido concomitantemente dificuldades com as palavras e com elas o “problema terminológico”, (...) a conjuntura que envolveu (...): o ambiente, os objetivos, o modo como foi (...) composta, os fundamentos que lhe caracterizam e (...) discussões ocorridas (...) ficaram como herança para essa área de especialidade. (CERAVOLO, 2004a, p. 237)

Com base em todos esses apontamentos, a Teoria Museológica brasileira contemporânea representa uma parcela importante do campo da Museologia. Dado isso, termos utilizados nas referências textuais do campo e de seus autores podem refletir o quadro conceitual da Teoria Museológica e, conseqüentemente, refletir a realidade ontológica² e epistemológica da Museologia. A partir disso, escolheu-se enfrentar aspectos semânticos dessa área, a fim de contribuir para estudos sobre o quadro conceitual do campo da Museologia e de verificar o comportamento

² O aspecto ontológico pode ser compreendido enquanto uma investigação teórica do ser e da natureza comum dos seres, nesse sentido a realidade ontológica da Museologia pode ser entendida como a dimensão existencial da Museologia, de uma natureza intrínseca do campo.

terminológico dos termos *afetação*, *experiência* e *ressonância* em textos de autores da Teoria Museológica brasileira contemporânea.

Perante esse campo, mais especificamente dentro da Teoria Museológica brasileira, esta pesquisa propõe-se como constructo para o processo de compreensão e expansão do campo da Museologia, por meio da análise desses três termos específicos e de suas reverberações para o sentido de textos de teóricos ligados à teoria museológica contemporânea (os quais foram selecionados no *corpus* teórico) e para a abordagem acadêmica e científica desses autores.

Uma das problematizações em que este trabalho de conclusão de curso está inserido diz respeito à criação da disciplina da Museologia, campo de conhecimento considerado recente e interdisciplinar. Assim, um dos questionamentos que esta pesquisa levanta é: em que medida os conceitos de *afetação*, *ressonância* e *experiência* podem colaborar para a constituição de uma construção teórica própria para o campo da Museologia?

Esta pesquisa realiza então uma análise da conjuntura em que emergem os referidos termos específicos a partir de um desenho da postura teórica dos autores sobre seus textos. Assim, diante desse desenho, faz-se necessária uma observação de que a Teoria Museológica pode ser um meio que reafirma a Museologia como área que alimenta discussões teóricas e epistemológicas.

A partir dos referidos pontos de pesquisa levantados, visualiza-se que o papel social do Museu e da Museologia e de temas ligados ao humano e ao social do Campo da Museologia são assuntos discutidos no campo da Teoria Museológica brasileira contemporânea, e estes apresentam termos e conceitos que, *a priori*, traduzem e exprimem esses assuntos.

Metodologicamente, seria então possível afirmar que existem várias maneiras de investigar a presença desses e de outros assuntos semelhantes em referências textuais do recorte temporal e espacial aqui proposto: momento contemporâneo e cenário brasileiro, consecutivamente. Assim como de investigar os termos que qualificam as narrativas das quais esses assuntos fazem parte e as sustentam conceitualmente. Não obstante, nesta monografia, a investigação será feita por meio da busca de termos que possam demonstrar o estado desses tipos de assunto na Teoria Museológica brasileira no então momento contemporâneo, assim como também revelar como se mobiliza a constituição do quadro conceitual do campo da Museologia contemporânea no cenário brasileiro.

Para tanto, inferindo-se que um campo científico necessita de investigações e estudos semânticos e terminológicos, esta pesquisa fundamenta-se então por trazer para a realidade da Museologia e da Teoria Museológica, de que maneira a análise conceitual de *afetação*, *experiência* e *ressonância* podem dimensionar terminologicamente assuntos ligados a musealização e patrimonialização (por exemplo).

Os conteúdos curriculares do curso de Museologia são organizados por eixos temáticos, o eixo do qual o tema desta pesquisa faz parte é o Eixo 1 - Teoria e prática museológica. De acordo com o site do curso de Museologia da Universidade de Brasília, esse eixo “Focaliza a formação específica compreendendo disciplinas de conteúdos teóricos e práticos voltados para a Museologia, a Teoria Museológica, a Pesquisa Museológica e a Museografia.” (MUSEOLOGIA, 2019, p.1)

Diante dessa base temática da monografia, o objeto de pesquisa que ora se propõe são os três termos mencionados anteriormente dentro de referências conceituais da Teoria Museológica brasileira contemporânea. E o problema de pesquisa deste trabalho é: de que maneira esses termos estabelecem-se dentro da Teoria Museológica brasileira Contemporânea e contribuem para a autonomização e consolidação desse campo teórico.

É possível afirmar que esses termos e/ou suas variações semânticas são utilizados na narrativa de vários estudiosos ligados, de alguma maneira, as ciências humanas, da qual a Museologia brasileira contemporânea faz parte.

A presença desses termos revela, a princípio, leituras semanticamente vinculadas a significações de cunho emocional, sentimental e relacional. Essas podem ser entendidas como qualidades e como qualificadores da linguagem humana. Esse entendimento pode contribuir para a atestação ou para o fomento do caráter relacional e interativo do quadro conceitual da teoria Museológica brasileira, pois explicita-se com isso a necessidade de uma transformação do quadro conceitual do campo em consonância com o uso de termos que podem instrumentalizar linguagens mais integradas a discussões da Teoria Museológica brasileira sobre práticas museológicas efetivas e qualificadas a uma realidade humana e social, por exemplo.

A investigação e a análise terminológica enquanto componentes da composição de um quadro conceitual de um campo científico pode vir a fortalecer o plano conceitual do campo da Museologia, explorando suas potencialidades discursivas e epistemológicas, podendo-se levar a uma qualificação terminológica que

servirá de dispositivo para as discussões do campo enquanto área científica e acadêmica.

O enfoque dado aos termos *afetação*, *experiência* e *ressonância* e de seus conceitos é dado porque esses relacionam-se ao ser humano, e por conseguinte, ao que parte da interação dele com o Museu, com a Museologia ou com a Teoria Museológica.

Diante disso, o recorte dado para a análise desses três termos, frente à problemática da constituição conceitual da Museologia, justifica-se porque além da necessidade de recorte de objeto para haver-se uma pesquisa honesta e coerente com os limites de uma monografia, é legítima a verificação de que a Teoria Museológica brasileira e seu corpo de conceitos refletem o estado das discussões que abordam temas que contemplam termos com conotação e denotação relacional.

Outra justificativa seria a de que a percepção desses termos pode vir a ser um novo aspecto de estudo acerca do quadro conceitual da Museologia. Uma preocupação com a construção de discussões teóricas que lidem semanticamente com a realidade humana, seus sentimentos e a reverberação de seus interesses, eleva-se então. E que igualmente fomentem a construção de narrativas teóricas atendidas por termos que exprimem a condição humana e a maneira como observam o mundo.

O atual cenário da Teoria Museológica brasileira, semântica e discursivamente apresenta-se como um ambiente mais aprazível a uma realidade relacional mais ampla, diversa e inclusiva tanto com relação a discursos mais incisivos sobre participação social no Museu, sobre integração da Museologia em contexto escolar, sobre inclusão social e acessibilidade, dentre várias outras temáticas similares e imbricadas à essas, quanto com relação à própria inclusão mais aparente de vocábulos semanticamente relacionados a *afetação*, a *experiência* e a *ressonância*.

Diante desse referido cenário contemporâneo da Teoria Museológica brasileira, essa pesquisa visualiza a necessidade de analisar-se a atmosfera semântica e terminológica da Museologia, com vias a apontar como o corpo conceitual da área está constituindo-se, em específico com relação ao objeto dessa pesquisa. E mais do que isso, explorar também os contextos para o uso desses termos e como eles estão apresentados.

Assim como está circunstanciado no Memorial acadêmico, alguns dos motivos pessoais para a elaboração desse trabalho de conclusão de curso vieram da

apreciação por temas como emoções, e interação quando verificados tanto na literatura da Museologia, quanto nos objetos de estudo do campo, em especial os museus (canalizando-se aqui a leitura teórica sobre eles, não a partir de uma vivência empírica).

A busca por estudar esses temas sintetiza-se então em uma investigação terminológica dentro da teoria Museológica brasileira contemporânea porque, metodologicamente, não me vi interessada por pesquisar um museu de maneira experienciada e nem por outro tipo de metodologia além da revisão de literatura, focando-se então em uma pesquisa sobre textos e conceitos.

Portanto, acredita-se ser interessante ter essa pesquisa como aporte de estudo para outros projetos que de alguma maneira possam vir a relacionar-se a esse, servindo como um parâmetro, um referencial teórico na Teoria Museológica brasileira.

Este trabalho de conclusão de curso tem por intenção servir de insumo para uma incrementação do quadro conceitual do campo e de suas estruturas terminológicas e semânticas, enquanto construto para o campo da Museologia.

As obras do doutor Mário de Souza Chagas escolhidas para essa pesquisa são: *Museu, Patrimônio e Cidade: camadas de sentido em Paraty* do ano de 2014, *Território, museus e sociedade* de 2018 e *Uma introdução à Museologia Social* de 2015.

Na primeira obra, a qual também tem como autora a especialista em Conservação e Restauração de Bens Culturais e Mestre em Memória Social pelo Programa de Pós-graduação em Memória Social (PPGMS) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio) Claudia Storino, observa-se a presença de 5 vocábulos que são e/ou ligam-se ao termo *afetação*.

A partir de um estudo concentrado no Museu de Arte Sacra da cidade de Paraty, Mário Chagas e Cláudia Storino tratam nesse texto sobre os Museus sendo compreendidos como

práticas sociais, antros de relação e dispositivos de narração que se constroem por meio de espacialidades, temporalidades, imagens, informações, vivências e convivências tratadas, em simultâneo, como bens, representações e manifestações culturais. (CHAGAS; STORINO, 2014, p. 71)

Na segunda obra elencada para a pesquisa, *Território, museus e sociedade* (2018), a qual Chagas e outro estudioso, chamado Vladimir Sibylla Pires, são organizadores, observam-se 52 vocábulos que são e/ou se ligam ao termo *afetação*.

De maneira geral, nesse livro Mário Chagas e Vladimir Pires (2018) refletem sobre a história da Museologia e sua atual conjuntura, incluindo nessa reflexão suas diversas correntes de pensamento e práticas, em especial quando relacionadas à museologia social.

Quanto a terceira referência textual, *Uma introdução à Museologia Social* contém 21 vocábulos que são e/ou ligam-se ao termo *afetação*. Ela é uma coletânea de textos os quais fazem parte do Curso *Uma Introdução à Museologia Social* ministrada por Mário Chagas e realizado pelo Centro de Pesquisa e Formação do SESC São Paulo.

As referências textuais de Brulon escolhidas para essa pesquisa são: *Quando o Museu abre portas e janelas: o reencontro com o humano no museu contemporâneo* de 2008, *Máscaras guardadas: musealização e descolonização*, do ano de 2012 e *Stránský: uma ponte Brno-Brasil / Stránský: a bridge Brno-Brazil* do ano de 2017.

Na primeira referência (BRULON, 2008) encontram-se 152 vocábulos são e/ou se ligam ao termo *experiência*. Aqui Bruno Brulon (2008) analisa as mudanças ocorridas na concepção de Museu e das novas experiências que passaram ao longo do século XX, como por exemplo o movimento intitulado *Nova Museologia*³.

Na segunda referência escolhida existem 167 vocábulos que são e/ou ligam-se ao termo *experiência*. Já aqui, Bruno Brulon (2012) discorre sobre os processos de musealização na França a partir de classificações de especialistas da antropologia, com isso ele reflete sobre o estudo de museus etnográficos tradicionais e ecomuseus.

Na terceira referência escolhida de Brulon, a de 2017, verifica-se 48 ocorrências de vocábulos que são e/ou ligam-se ao termo *experiência*. Nela o autor (BRULON, 2017) apresenta abordagens teóricas sobre a ação de pensar a Museologia, reflexões sobre a importância de Stránský na História da Museologia e percepções acerca do objeto de estudo da Museologia dentro de uma concepção ligada a ótica teórica de Stránský.

Seguem as referências de Gonçalves: *Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios* (2005), *Antropologia dos Objetos: coleções, museus e patrimônios* (2007) e *Os Limites do Patrimônio* (2007).

³ De acordo com Alice Duarte (2013) a Nova Museologia seria um movimento de grande abrangência teórica e metodológica, o qual apresenta posicionamentos evidentemente centrais para uma renovação de todos os museus do século XXI.

Nesta primeira referência (GONCALVES, 2005) observa-se a ocorrência de 23 vocábulos que são e/ou ligam-se ao termo *ressonância*. Aqui, José Reginaldo Gonçalves reflete sobre os patrimônios culturais sob termos etnográficos, pesquisando-os enquanto fatos sociais totais⁴

Na segunda referência da lista (GONCALVES, 2007) observa-se a ocorrência de 52 vocábulos que são e/ou ligam-se ao termo *ressonância*. Neste livro o autor discorre sobre: teorias antropológicas e objetos materiais; museus etnográficos e visualidade; museus e experiência urbana; museus e identidade nacional; concepções de patrimônio cultural; sistemas culinários como patrimônios culturais; antropologia na ótica de Luís da Câmara Cascudo; representações açorianas do patrimônio no contexto das festas do divino espírito santo; uma reflexão sobre as categorias *ressonância*, materialidade, subjetividade e discursos do patrimônio e concepções modernas de antropológicas de cultura.

Nesta terceira obra de José Gonçalves, também do ano de 2007, encontram-se 10 vocábulos que são e/ou ligam-se ao termo *ressonância*. Sinteticamente, pode-se dizer que o autor trabalha nela questões referentes a processos sociais e culturais, patrimônio e patrimônio cultural.

Finalmente, os textos desses três últimos autores foram escolhidos, também, por serem obras recentes, tanto em comparação a todo o histórico de produções acadêmicas de suas carreiras quanto ao da própria Museologia. Com isso pode-se atestar que elas apresentam análises e concepções mais atualizadas frente à vigente conjectura do campo e frente ao recorte de temporalidade (contemporâneo) desse trabalho de conclusão de curso.

Essas obras foram escolhidas também por canalizarem uma substancial amostragem de terminologias as quais estão ligadas a *afetação*, *experiência* e *ressonância*, termos esses que foram aqui associados a esses autores como essenciais à personalidade intelectual desses autores e ao tipo de conceitos que utilizam.

Diante dessas aspirações, em suma, os objetivos dessa pesquisa são: Identificar e analisar como os termos *afetação*, *experiência* e *ressonância* se estabelecem no

⁴ Fato social total termo concebido dentro da Sociologia, sendo ele apropriado por estudiosos como Émile Durkheim e Marcel Mauss. Para Marcel Mauss (2003), por exemplo, fato social total seria uma atividade que apresenta implicações em toda uma sociedade, em instâncias econômicas, jurídicas, políticas e religiosas.

discurso dos estudiosos Mário de Souza Chagas (e o termo *afetação*), Bruno César Brulon Soares (e o termo *experiência*) e José Reginaldo Santos Gonçalves (e o termo *ressonância*).

Para isso, propõem-se: problematizar como a Teoria Museológica brasileira contemporânea se debruça sobre a composição terminológica do campo da Museologia, analisar de que maneira é traduzida para a linguagem da Museologia questões nocionais e conceituais do campo e identificar características biográficas de autores da Teoria Museológica brasileira contemporânea a fim de espelhar posicionamentos acadêmicos que se empreendem sob terminologias de cunho relacional.

Alguns dos principais autores escolhidos para o referencial teórico desta pesquisa são Suely Moraes Ceravolo (como observa-se até agora), André Desvallées e Zbyněk Zbyslav Stránský⁵.

São apresentados aqui os estudiosos André Desvallées e Zbyněk Zbyslav Stránský com o intuito de contextualizar a ótica brasileira contemporânea, a qual se arquiteta, a partir de (e também em oposição a) paradigmas, discursos e linguagens predecessoras à elas, as quais podem ser qualificados como relevantes para a história da Museologia e de sua formação como campo científico. Por conseguinte, salvando-se a inserção do contexto basilar desse momento contemporâneo.

Eles dois e Cerávolo entram na acomodação do tema desta pesquisa ao estado da arte da qual ela se depreende na Museologia.

De acordo com informações do currículo *Lattes*⁶ de Suely Moraes Cerávolo, esta estudiosa apresenta graduação em História, iniciada no Instituto Sedes Sapientiae da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Brasil; e finalizada na Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil. É Mestre em Ciência da Informação e Documentação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA). É doutora em Ciências da Comunicação, também pela ECA. Apresenta pós-doutoramento na área de Museologia e História dos Museus no Brasil, realizado junto ao Museu Paulista/Universidade de São Paulo.

⁵ Nascido em 1926 e falecido em 2016, Stránský foi um museólogo nascido na Tchecoslováquia, tendo sido considerado como o “pai da Museologia científica”. Foi um dos fundadores da Escola de Brno, com o intuito de aliar a prática em museus à um sistema teórico específico, esta foi tida como a primeira escola de Museologia dedicada à teoria museológica no mundo.

⁶ Plataforma que registra a vida pregressa e atual de estudantes e pesquisadores do país, adotada pela maioria das instituições de fomento, universidades e institutos de pesquisa do Brasil.

As áreas das quais seus trabalhos acadêmicos partem são: Museologia. Patrimônio. História Cultural. História dos Museus no Brasil. Ciência da Informação. Membro do Conselho Editorial dos *Anais do Museu Paulista*; e participa do Cadernos de Pesquisa da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Diante desse caminho acadêmico o qual foi ratificado por trabalhos de pesquisa significantes para a área da Museologia, essa autora foi escolhida porque essas áreas de estudo, das quais participa, conversam com a temática dessa monografia, e não somente isso, contribui para a pesquisa teórico e epistemologicamente.

É legítimo o destaque a uma de suas obras, sua tese de doutorado intitulada *Da palavra ao termo – um caminho para aprender Museologia*, do ano de 2004. Nesta obra, ela explica que a questão terminológica na área de Museologia percorre o emprego de sua linguagem de especialidade e, principalmente, a formulação de conceitos e de suas designações.

Segundo Suely Cerávolo (2004b), essa linguagem de especialidade pode ser definida como a linguagem de comunicação de uma área, ou como a linguagem específica e profissional de uma área.

Colaborativamente a compreensão dessa linguagem de especialidade Cerávolo, destaca a definição de outra estudiosa, Maria Cristiane Barbosa Galvão. Para Maria Galvão (2004) a linguagem de especialidade seria a “comunicação rápida e precisa entre os profissionais, estudantes e pesquisadores de uma área, para que suas ações ganhem um desempenho com maior qualidade.” (GALVAO, 2004, p. 244)

Diante dessas percepções é crível apontar que esta pesquisa pode ser contemplada à realidade da linguagem de especialidade da Museologia, apresentando-se a ela a partir da presente problemática da constituição do corpo conceitual do campo da Museologia e a partir da presente proposta de análise de termos existentes na literatura brasileira contemporânea da área.

Ainda sobre a tese de Suely Cerávolo, do ano de 2004, ela informa que diante do histórico de constituição da área no decorrer dos anos 1980 do século XX, identificam-se diversos objetos de estudo para a Museologia, principalmente os relacionados à natureza teórica e temática da área, levando-se então a um estado de investigação em publicações acerca dos pressupostos e os modos como o próprio campo era constituído.

Com relação a uma das intenções dessa monografia, a consolidação do corpo conceitual da Teoria Museológica, Cerávolo aponta que:

a metodologia da investigação terminológica aplicada sobre documentos da área reflete o uso da linguagem de especialidade registrada nesses textos cujo resultado aponta para (...) a atuação da linguagem de especialidade e presença de conceitos, instrumentos estruturantes da teoria (...) (CERAVOLO, 2004b, p. 4)

Essa autora foi escolhida como um dos referenciais deste trabalho de conclusão de curso, por se adequar metodologicamente aos recortes temporal (momento contemporâneo) e espacial (cenário brasileiro) desta pesquisa e por conseguir realizar em sua leitura acadêmica e no seu trabalho teórico, uma leitura panorâmica e analítica de referências teóricas predecessoras a ela.

Agora tratando de André Desvallées, de acordo com informações biográficas dispostas no *blog* “História da Museologia”⁷, ele é um museólogo francês, que durante 18 anos (1959 a 1977), foi assistente de Georges Henri Rivière⁸, sendo este considerado como um dos mais influentes museólogos. Tem e teve um importante papel na Museologia, e na criação e definição de vários conceitos, incluindo o de *Nova Museologia*.

Desvallées conseguiu, dentro da *Direction des musées des France*⁹, reconhecimento internacional. Nesse contexto que ele utiliza pela primeira vez, em 1981, o termo *Nova Museologia*. Esse conceito foi largamente utilizado por profissionais que acreditavam ser pertinente colocar o humano no centro do dispositivo museal e evidenciando a visão de responsabilidade do trabalho do museu em benefício da sociedade, características essas que são atribuídas epistemologicamente ao conceito e às qualidades da Nova Museologia.

A partir desse momento expressivo dentro da história da Museologia nasceram então a associação Museologia Nova e Experimentação Social (MNES), de 1982 e também o Movimento Internacional pela Nova Museologia (MINOM) do qual Desvallées foi um dos membros fundadores.

A partir dessas noções pode-se então verificar uma possível causa para a escolha desse estudioso e não de outro. Desvallées foi um dos precursores da criação

⁷ Segundo Brulon (2017) este é um *Blog* vinculado ao projeto de pesquisa intitulado *História da Museologia: o pensamento museológico na estruturação de um campo do saber*, sendo ele concebido e realizado pelo estudioso Bruno César Brulon Soares, a partir do trabalho de alunos da graduação em Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio).

⁸ Georges Henri Rivière: museólogo francês tido como o fundador da museologia francófona e também como idealizador do Museu Nacional de Artes e Tradições Populares em Paris (BRULON, 2017).

⁹ Serviço da administração central do Ministério da Cultura francês (BRULON, 2017).

e do uso de conceitos e de instâncias epistemológicas que abordaram e fundamentam semântica e discursivamente assuntos ancorados ao humano, a sociedade; conceitos e instâncias essas que participam da temática deste Projeto.

Também de acordo com informações biográficas dispostas no *blog História da Museologia* o outro estudioso importante para essa pesquisa seria então Stránský. Nascido em 1926 e falecido em 2016, foi um museólogo nascido na Tchecoslováquia, tendo sido considerado como o “pai da Museologia científica”. Bruno Brulon (2017) afirma não ser exagero tratar Stránský como “pai” da Museologia científica, para ele isso:

pode não ser um exagero se considerarmos qual foi a principal motivação para o desenvolvimento de suas ideias: criar um corpus de conhecimento específico para ser sistematicamente ensinado a profissionais de museus em formação. (BRULON, 2017, p. 405)

Entre os anos 1960 e 1970, foi o responsável por uma das primeiras tentativas de estruturação de uma base teórica para a Museologia no período em que dirigia o Departamento de Museologia do Museu da Morávia, em Brno.

Stránský foi um dos fundadores de uma Escola de pensamento museológico em Brno (cidade da República Checa) a Escola de Brno, com o intuito de aliar a prática em museus a um sistema teórico específico. Esta foi tida como a primeira escola de Museologia dedicada a teoria museológica no mundo.

Stránský foi também um precursor da construção de uma Museologia que é pensa como ciência social, criando um sistema próprio de pensamento com base em conceitos próprios.

Entre os anos 1980 e 1990, ele trabalhou de maneira ativa no Comitê Internacional de Museologia – ICOFOM do Conselho Internacional de Museus – ICOM, tendo coordenado, a partir do ano de 1985, o projeto terminológico que tinha como proposta a criação de um *Tratado de Museologia* e de um *Dictionarium Museologicum* (dicionário com a tradução, para diversas línguas, de diferentes de termos tido como essenciais da Museologia).

Dentre vários outros pontos considerados por ele como importantes para a constituição da Museologia como disciplina científica, Stránský julgava e pleiteava que a Museologia deveria ser uma ciência com uma terminologia e uma linguagem específica.

A proposta metodológica deste trabalho de conclusão de curso é básica, uma vez que o fluxo teórico e discursivo da monografia se sustenta em uma revisão de

literatura de referências que se relacionam à Teoria Museológica brasileira contemporânea. Pretende-se também interpretar a maneira como autores ligados à Teoria Museológica lidam com os três referidos termos.

Quanto aos procedimentos de coleta de dados serão feitas pesquisas em referências textuais do corpo teórico da pesquisa. Compor-se-á reflexiva a natureza da observação que se dará a esses dados que serão recolhidos. A pesquisa apresentará teor analítico e compreensivo. Quanto à constituição das informações esta pretende ser qualitativa.

As fontes serão referências textuais que virão de estudiosos que estabelecem relação com a Museologia, porque é o que diz respeito ao objeto de pesquisa.

A escolha por esses três termos *afetação*, *experiência* e *ressonância* foi determinada por três motivos: primeiro por opção pessoal, isto é, interesse em contemplar e pesquisar esses três termos em si, segundo por percebê-los em textos de estudiosos da Museologia e terceiro por achar pertinente interligá-los à Museologia e a Teoria Museológica.

A fim de estabelecer uma sistematização metodológica e um recorte de pesquisa mais padronizado, optou-se por trabalhar os referidos termos enquadrando-os e relacionando-os cada a seus autores: Mário de Souza Chagas, Bruno César Brulon Soares e José Reginaldo Santos Gonçalves, e os termos são *afetação*, *experiência* e *ressonância*, respectivamente.

A associação destes autores com esses termos em si foi baseada em uma leitura poética e acadêmica tanto de suas biografias curriculares quanto de suas obras aqui analisadas. Esses termos e outras variações semânticas dos mesmos encontram-se presentes na linguagem dos autores e no uso repetido desses termos em seus textos.

Esses termos apresentam força epistemológica considerável dentro das Ciências Humanas. E como foi comentado anteriormente, validam-se como objeto de pesquisa dentro da Museologia, a qual pertence a essa grande área. Bruno Brulon, José Reginaldo Gonçalves e Mário Chagas relacionam-se então ao núcleo da temática da Pesquisa.

Os motivos para a escolha destes autores e desse *corpus* documental e não de outros são os seguintes: esses três autores são brasileiros, mostrando-se então uma primeira concordância com o recorte espacial (Brasil) aqui preestabelecido; eles são contemporâneos entre si e em relação a Teoria Museológica, isto é, suas obras e

suas influências acadêmicas são estabelecidas em uma temporalidade atual e convergem também em um momento contemporâneo da conjuntura da Teoria Museológica brasileira, com isso é estabelecido então uma segunda concordância com o recorte temporal estabelecido no objeto de pesquisa.

Um outro motivo para as escolhas seria o de que esses autores apresentam legitimidade e grande experiência acadêmica dentro e para a Museologia, podendo-se então fazer uma pesquisa que busca um entendimento integral do cenário contemporâneo da Teoria Museológica brasileira, isto é, a pesquisa está respaldada então em um procedimento de interpretação o qual estabelece-se a partir de um recorte teórico-metodológico para contemplar-se um todo, aqui determinado como a Teoria Museológica brasileira contemporânea.

De acordo com informações disponíveis em seu currículo *Lattes*, o outro estudioso que fará parte da pesquisa desse trabalho de conclusão de curso é Bruno César Brulon Soares, Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (UFF), em 2012.

De modo geral, Bruno Brulon apresenta experiência nas áreas de Museologia, Antropologia e História, com ênfase em: Teoria Museológica, Museologia Experimental, Ecomuseus e Museus Etnográficos, Descolonização da Museologia e dos Museus, História dos Museus e História da Museologia como Campo Disciplinar.

Ele atua, de modo especial nos seguintes temas: Museu, Museologia, Musealização, Sociedade, Patrimônio, Ecomuseu, Museus Etnográficos e Descolonização.

Diante desse perfil acadêmico de Brulon, a escolha por ele para essa pesquisa está ligada, primordialmente, à natureza dessas suas experiências acadêmicas e pelo eixos temáticos de seus trabalhos, os quais refletem, de maneira geral, a condição teórica, interativa, humana, social e identitária do campo da Museologia e dos objetos de estudo do campo, condições essas que perpassam termos e conceitos do campo e, logo, podendo inferir disso, a qualidade das narrativas que perpetuam-se a partir desses conceitos, estabelecendo-se então uma ligação a pesquisa.

A escolha por Brulon para esse trabalho de conclusão de curso também se justifica por esse autor ser tido como um estudioso que problematiza as condições colonizadas da epistemologia, ele busca ao articular cultura e política, por exemplo, de maneira a legitimar elementos epistêmicos mais atuais e locais e buscando bloquear imposições coloniais na manutenção da epistemologia brasileira.

Diante também de informações biográficas apresentadas também na Plataforma *Lattes*, o outro estudioso com o qual esse trabalho de conclusão de curso contará é Mário de Souza Chagas, doutor em Ciências Sociais pela UERJ (2003).

Em síntese, tem experiência nacional e internacional no campo da museologia e da museografia, com ênfase na museologia social, nos museus sociais e comunitários, na educação museal e nas práticas sociais de memória, política cultural e patrimônio.

Assim como no caso dos autores referidos anteriormente, Chagas está nessa monografia por causa da natureza dessas suas experiências acadêmicas e pelos eixos temáticos de seus trabalhos

Por fim, com base em informações publicadas em seu currículo da plataforma *Lattes*, resumidamente, o Pós doutor em Antropologia Cultural pela Universidade de Virginia, Charlottesville, Estados Unidos (1989) José Reginaldo Gonçalves insere-se nas seguintes áreas de estudo: Antropologia, Antropologia Cultural, Antropologia e literatura, Antropologia dos objetos, Antropologia da Arquitetura e Sociologia.

Assim como foi verificado anteriormente com o estudioso Brulon, diante desse caráter acadêmico de José Reginaldo Gonçalves, a escolha por ele para esse trabalho de conclusão de curso está ligada, basicamente, à essas suas escolhas acadêmicas que caracterizam então os eixos temáticos de seus trabalhos, os quais refletem, nesse caso, condições antropológicas, social e identitária que correspondem ao campo da Museologia e dos objetos de estudo do campo.

Logo, para entender a presença desses termos na Teoria Museológica brasileira contemporânea, faz-se um recorte amostral de três textos desses três autores que apresentam legitimidade dentro do campo da Museologia, e em especial para a Teoria Museológica.

Em alguns destes textos, existe a presença de coautores, coorganizadores e coeditores, conjuntamente a Chagas, Brulon e Gonçalves, mas o parâmetro para a assimilação dos conceitos apenas ganha, nesse caso, condicionantes de textualidade e narrativa, os quais podem corroborar para o entendimento das escolhas e direcionamentos intelectuais, da concordância e da acepção dos conceitos e de seu conjecturável sentido tônico.

Dois alertas primordiais e especiais: primeiro, serão consideradas também a variação terminológica e de classe gramaticais dos termos *afetação*, *experiência* e *ressonância*, isto é, para o termo *afetação* (substantivo masculino) entra em

consideração na pesquisa, também, a presença dos termos afetar (verbo), *afeto* (substantivo masculino) e afetividade (substantivo feminino), por exemplo.

De acordo com o que foi dito anteriormente, esses termos escolhidos serão analisados a partir de três referências textuais de três estudiosos. Para cada termo será feita uma associação a um autor: Mário de Souza Chagas e o termo *afetação*, Bruno César Brulon Soares e o termo *experiência* e José Reginaldo Santos Gonçalves e o termo *ressonância*; estes autores são relevantes para o Campo da Museologia contemporânea, sobretudo devido a suas reflexões de importância acadêmica e científica para o referido Campo e principalmente para a teoria museológica.

A ordem de análise (dos termos) nesse trabalho de conclusão de curso é afetação, experiência e ressonância. Ela é estabelecida aqui primeiramente por uma ordenação alfabética das palavras, em segunda instância por suscitar uma gradação de ações sobre um sujeito, isto é, se dá por uma determinação crível e lógica de ações: primeiro um sujeito se afeta, em seguida ele cria um canal emocional e relacional (experiência) e em seguida esta relação reverbera e ressoa passivamente sobre o sujeito.

Resumidamente, no capítulo 1 serão abordados os seguintes pontos: alguns dos conceitos da Museologia e a constituição de seu quadro conceitual nocional, linguagem de especialidade, questões nocionais e epistêmicas, elementos históricos, sociológicos e científico acerca da natureza semântica da Museologia contemporânea brasileira, Museologia enquanto área e disciplina e uma visão sobre a legitimidade científica da Museologia.

Para o capítulo 2, discorre-se sobre: o conceito de Afetação, o conceito de afetação em Mário Chagas, apresentação e análise de aspectos biográficos, acadêmicos e profissionais do estudioso, a personalidade intelectual de Chagas, alguns de seus principais conceitos, a noção de imaginação museal, questões semânticas e epistêmicas, a problemática conceitual e da cientificidade da Museologia, linguagem e poética, das obras do autor aqui selecionadas.

No capítulo 3, serão tratados os seguintes assuntos: o conceito de experiência, o conceito de experiência em Bruno Brulon, leitura decolonial, a trajetória de Bruno Brulon, alguns de seus principais conceitos, sua personalidade intelectual e profissional, seu perfil e escolhas acadêmicas, Museologia Experimental, linguagem e análise sobre sua postura epistêmica, das obras do autor aqui selecionadas

Por fim, para o capítulo 4 analisa-se: o conceito de ressonância, o conceito de ressonância em José Gonçalves, aspectos da trajetória de José Reginaldo, alguns de seus principais conceitos, retórica da perda, análise das obras do autor aqui selecionadas, sua personalidade intelectual e profissional, interdisciplinaridade, antropologia e teoria museológica.

Capítulo 1 - Museologia e seus conceitos

1.1 - O quadro conceitual da Museologia

O quadro conceitual da Museologia pode revelar importantes características do campo Museal e da Teoria Museológica, a fim de se apresentar um pouco dessas referidas características, neste primeiro momento da pesquisa, estão dispostos alguns elementos de natureza histórica, sociológica e científica os quais sinalizam atributos formadores da Museologia enquanto área e disciplina, sendo elas: sua legitimidade científica e a problemática da constituição de seu quadro conceitual e nocional frente a composição de sua linguagem de especialidade.

À luz de considerações de Bruno Brulon em *Máscaras Guardadas: Musealização e descolonização* (2012), partindo-se primeiramente da relação entre Museu e Museologia – relação essa que produz e reverbera discussões e apontamentos científicos, históricos e acadêmicos basilares do campo da Museologia – é possível inferir que o germe da construção do quadro conceitual da Museologia se deu, também, por históricos processos de musealização, exercidos tanto a partir de dentro da atmosfera museal do museu quanto externamente a ele, como por exemplo, de suas reverberações sociológicas.

Para Bruno Brulon (2012), observa-se que, historicamente, a musealização se formou como um componente de conversão do olhar sobre objetos, a partir da proposta de perspectivas, discursos e conceitos¹⁰ que constroem e desconstroem entendimentos sobre a Museologia e sobre o campo museal.

Segundo André Desvallées e François Mairesse (2013), a partir de uma ótica museológica, a musealização seria uma espécie de

¹⁰ Conceito é definido como “unidade de pensamento constituído por propriedades comuns a uma classe de objeto” (CINTRA et alli; 1994:36).

“operação de extração, física e conceitual, de uma coisa de seu meio natural ou cultural de origem, conferindo a ela um estatuto museal – isto é, transformando-a em *musealium* ou museália, em um “objeto de museu” que se integre no campo museal” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 57).

Dito isso, observa-se então que o processo de musealização nasce com pretensões de transcender uma operação física, podendo ela ser tida como um mecanismo de compreensão, em nível conceitual, do campo museal, servindo também como uma ferramenta para o enquadramento dos conceitos da Museologia.

A Musealização pode ser aplicada, por exemplo, no conjunto de atividades de um museu: na preservação, quando aliada aos processos de seleção, aquisição, gestão e conservação; na pesquisa, quando concebida para fins de catalogação e na comunicação ou quando aplicada ao universo das exposições e das publicações. Ou seja, todas essas atividades constituem-se por discursos, conceitos e categorias, e esses perpassam esse mecanismo, observado aqui como importante ao campo museal e a Museologia, por conseguinte.

Com base em Bruno Brulon (2012) é possível afirmar que, principalmente sob os sentidos de opinião, entendimento, julgamento, juízo, apreciação, convicção e de ponto de vista, a musealização implementa conceitos tanto a nível empírico quanto a nível teórico, pois essas ações museais transbordam também para discursos e, conseqüentemente, para terminologias¹¹ e conceituações dentro e fora do Museu, alargando-se então a completude da Museologia.

Diante dessa reflexão abordada – a qual se apresenta como um ângulo para o entendimento do quadro conceitual da Museologia e um básico ponto de acesso ao complexo universo da Museologia e não como uma abordagem que esquematize todo o comportamento da constituição do quadro conceitual da Museologia – é crível afirmar que o quadro conceitual da Museologia apresenta um importante nascente: o *campo museal* e os processos de musealização.

Esta afirmação acaba revelando um pouco do caráter ontológico do campo. O quadro conceitual da Museologia pode ser percebido como um campo de realidades

¹¹ A palavra terminologia pode referir-se ao menos a três conceitos, explica a estudiosa Maria Tereza Cabré (1993): uma disciplina; uma metodologia; um conjunto de termos de uma área específica. Aqui se faz pertinente esse terceiro conceito.

terminológicas e conceituais que existem e coexistem para além de realidades temporais, podendo esse ser contemplado numa espécie de simultaneidade de compreensões e de embates semânticos, os quais podem ser associados às históricas práticas do campo Museal e a realidade contemporânea da Museologia.

Isto porque, de acordo com Bruno Brulon (2012) as capacidades e o entendimento sobre os processos de Musealização se correlacionam as suas alternâncias circunstanciais, empíricas e epistemológicas, principalmente as que ocorrem entre o que se concebe sobre Museus e Musealização.

A título de exemplo, uma importante situação em que se evidencia essas alternâncias é o que Bruno Brulon indica como a “descolonização dos museus”, acerca do que já se concebeu sobre musealização. Para ele:

a ‘descolonização dos museus’ está ligada a uma revolução, por assim dizer, na própria ideia de musealização (...) países que desempenharam, no passado e de certa forma ainda no presente (...) um poder colonial ou dominante transferiram a sua teoria museológica e o conjunto de práticas museográficas que desenvolveram ao longo dos séculos XIX e XX aos países que dominaram, como um meio de manutenção dos laços de dependência política, econômica e cultural”. (BRULON, 2012, p. 292)

Dito isso, visualiza-se então, de acordo com Bruno Brulon (2012) uma espécie de “raio-x” do quadro conceitual da Museologia a partir da teoria museológica. Esta se imbuíu e ainda se imbuí de conceitos advindos das ideias e das práticas de musealização que descenderam de processos de colonização política, econômica e cultural de frentes de características hegemônicas sob realidades cooptadas pela institucionalização de convenções, assim como das visíveis descolonizações posteriormente advindas dela.

Em consonância a essa percepção, é verificável também a interpretação de Stránský (*apud* BARY; TOBELEM, 1998) com relação à musealização em âmbito contemporâneo. Para Stránský o termo “museificar”, o qual pode ser atrelado como uma realidade semântica dos processos de musealização, por exemplo, passou a ser usado para dar um certo sentido pejorativo ao ato em si, visto que de acordo com Stránský, “Museificar” é congelar, é remover do contexto; seria como congelar uma percepção sem se introduzir a outra.

Portanto, é possível conjecturar a existência de uma espécie de arquitetura terminológica a qual compreende “edifícios” de termos advindos de percepções conceituais diferentes mas convergentes: um constituído de uma tentativa

hegemônica de imposição museológica (a *priori* anterior à Nova Museologia) em paralelo a outro edifício de percepção conceitual, vinculado a uma tentativa de, como afirma Bruno Brulon (2012), “descolonização dos museus”. Portanto, propõe-se essa arquitetura terminológica como um ponto de vista da compleição do quadro conceitual da Museologia.

Acerca dessa condição do quadro conceitual da Museologia, em outra importante obra de Bruno Brulon *Provocando a Museologia: o pensamento germinal de Zbynek Z. Stránský e a Escola de Brno* (2017) entende-se que ele almeja – dentre vários outros propósitos ao longo desse texto – elevar à reflexão a validação da natureza conceitual e terminológica da Museologia e da Teoria Museológica enquanto construtos para seu caráter científico, para o seu domínio de comunicação e para a linguagem¹² do campo. Uma terminologia específica, uma linguagem e um sistema teórico (dentre outros pontos) eram essenciais para a cientificidade e para a identidade da Museologia e para a Teoria Museológica, em consequência. Sendo essas aliadas também a uma inerente necessidade de emancipação histórica, ligada ao que Bruno Brulon (2012) indica como descolonização dos museus (sendo estes muitas vezes tidos como caros à atmosfera da Museologia).

Reflexão essa que se aspira como profunda em relação ao que já foi concebido e preconcebido acerca da Museologia sob entendimentos epistemológicos e científicos do estudioso Zbynek Z. Stránský a partir de Brulon em *Provocando a Museologia: o pensamento germinal de Zbynek Z. Stránský e a Escola de Brno* do ano de 2017.

Neste texto, Bruno Brulon (2017) observa que o estudioso Stránský condiciona a Museologia como uma área que se modula e se constitui entre o núcleo das práticas – que pode-se limitar (ou não) ao universo empírico dos museus – e ao núcleo das observações teóricas. Mais uma vez é possível observar e inferir então que o quadro conceitual da Museologia se configura sob esses polos.

¹² A linguagem é abordada pela Linguística e pela Semiótica como matéria de relevante profundidade e complexidade. Um dos objetivos desta monografia é o de apenas apontar, a partir da linguagem, a questão de terminologia para a área de Museologia. É interessante, contudo, apresentar as correntes do estudo da linguística: estruturalista (aborda fatos linguísticos para uma tipologia de línguas); e generativa (concentra-se na descrição da capacidade de linguagem dos indivíduos; explicam os fatos linguísticos). A linguagem comporta três teorias de ordem sistemática: a da competência, a de atuação e da aquisição da linguagem pelas crianças linguagem enquanto fenômeno humano articulado a uma área específica (AUBERT; 1996), no caso aqui a Teoria Museológica, sob prisma de questões terminológicas.

Portanto, considera-se que o quadro conceitual da museologia se alicerça, primordialmente, sob a estabilização da Museologia enquanto área científica, consideração essa baseada em Bruno Brulon (2017). Esse tipo de afirmação pode ser vinculada à realidade não só desta como de muitas outras áreas de conhecimento, mas no caso da Museologia ela vai além do caráter de emprego de legitimidade, ela aqui também influi enquanto componente do feitiço semântico da Teoria Museológica em si.

Em Bruno Brulon (2017), ante percepções de Stránský, vê-se uma outra perspectiva relevante acerca do processo de se estruturar o corpo teórico de conceitos e de métodos da Museologia: associar a teoria museológica à prática museal a fim de haver um aprimoramento das capacidades do museu e da Museologia em relação à figura humana e às realidades sociais.

Mais especificamente, para Brulon, à luz de Stránský:

A ruptura com a ideia (...) de uma museologia que tratava estritamente do estudo dos museus (...) permitiu a Stránský associar a teoria museológica à prática museal, sem, no entanto, desconsiderar o museu como objeto de interesse, mas entendendo-o como apenas uma das possibilidades de se materializar essa postura humana específica com a realidade. O que ele almejava, ao contrário, era fazer do trabalho em museus essencialmente dependente dos esforços museológicos. (BRULON, 2017, p. 410)

É possível compreender que Stránský entendia a estruturação do sistema teórico da Museologia como um valor; como uma virtude a qual, para ele, valia então como uma espécie de ponte entre a teoria museológica e as realidades empíricas da Museologia. Diante disso e de Bruno Brulon (2017) a Teoria Museológica pode ser tida então como uma ferramenta para a depuração da problemática conceitual da Museologia, a qual consiste em conceitos, classificações, correlações e generalizações.

Zbyněk Zbyslav Stránský (1974) afirma que o Museu se caracteriza como uma espécie de ponte pela qual se reconhece a relação do homem com a realidade e, por isso, merece para ser estudado e compreendido de maneira norteada. Dito isso, ele propõe então a necessidade de haver conhecimentos específicos e a Museologia com um quadro conceitual bem amarrado poderia desenvolver esse Norte. Stránský foi um importante fomentador da estruturação da teoria Museológica e principalmente, de um sistema conceitual específico da Museologia; um quadro conceitual.

A integração entre “teoria e prática” como cenário necessário ao campo museológico (assim como as críticas a isso, pode-se dizer), as discussões acerca dos direcionamentos da Museologia enquanto disciplina dos museus e a percepção da Museologia como instrumento para uma finalidade a partir de atribuições de valor às coisas da realidade, se caracterizam como importantes discursos catalisadores de terminologias participantes da teoria museológica. Concomitantemente, essas terminologias depreendem-se de realidades remanescentes da formação social, histórica e política da área.

Bruno Brulon (2017) aponta que Stránský foi o precursor de uma tentativa contemporânea de dar estrutura a Museologia.

O quadro conceitual da Museologia apresenta em sua composição termos ditos como *para a Museologia* e, como manifesta Stránský (*apud* BRULON, 2017), termos *da Museologia*. Sendo assim, visualiza-se dessa estrutura do quadro conceitual terminologias e conceitos análogos semanticamente, mas que em certa medida são verificados, também, enquanto antagônicos uns aos outros quando postos em uma perspectiva de legitimidade e de distinção da Museologia enquanto disciplina científica, perspectiva essa verificável desde o início da formação da Museologia enquanto disciplina.

Dito isso, os conceitos de museália, musealidade e musealização atribuídos à Stránský, por exemplo, apresentam-se para Bruno Brulon (2017) como sendo instrumentos semânticos (e pode-se dizer até políticos) *da museologia*, para a formalização de sua realidade em âmbito teórico e prático, ligada à atribuição de valor às coisas da realidade. Esse parâmetro inscreve à realidade nocional da Museologia condicionantes linguísticos e atribuições terminológicas que acabam cumprindo com a conformidade conceitual da Museologia.

Todavia, uma outra análise, perceptível a partir da obra das estudiosas Vânia Maria Siqueira e Tereza Cristina Scheiner, *Museu, Musealidade e Musealização: termos em construção e expansão* (2012), seria a de que o quadro conceitual da Museologia apresenta-se instável no mundo científico porque justamente se encontra sob alternâncias de posturas sociais de instituições museológicas, de vocábulos próprios da área e de tratamentos teóricos, metodológicos e técnicos relacionados a funções museológicas.

Com base nessa compleição do quadro conceitual da Museologia, Suely Moraes Cerávolo, em sua obra intitulada *Da palavra ao termo: Um caminho para compreender*

Museologia (2004), reafirma e aborda que principalmente para o momento contemporâneo, um dos pontos formantes e problemáticos para a Museologia e para sua área de atuação seria a sua questão terminológica, isto é, a demanda científica, acadêmica e intelectual ligada ao conjunto de termos específicos e ao sistema de palavras próprios à Museologia e próprios da Museologia.

A princípio, observa-se à luz da autora, um relevante apontamento: ao se lidar com as características do quadro conceitual da museologia vê-se um plano de conceituação correspondente a discursos formulados sobre conceitos individuais e gerais, isto é, as coisas, fenômenos, processos, acontecimentos e atributos interligados a uma pretensão de unidade da linguagem da Museologia a qual não se coagula.

Suely Cerávolo (2004) enxerga que o termo, enquanto veículo para a formulação de conceitos e de suas designações, exerce um papel importante quanto às funções e aos resultados do trabalho intelectual da Museologia, e porque não dizer, da Teoria Museológica.

Para Suely Cerávolo o conceito básico para a compreensão do “domínio da museologia” (CERAVOLO, 2004, p. 4) seria o conceito de Museologia. Com a interpretação da autora e a partir dela, é percebido que a incorporação, a interpretação, a conceituação e a determinação (assim como o inverso dessas ações) de termos e conceitos para a área da Museologia e da área da Museologia se sucedem, também, a partir de resoluções e indagações acerca do conceito de Museologia, assim como de instrumentos estruturantes da teoria Museológica.

Ainda à de Suely Cerávolo pode-se afirmar também que uma das facetas do drama terminológico da Museologia se instaura sobre os embates intelectuais e sobre tentativas de implementações de conceituação de Museologia e sobre o papel e os encargos da Museologia enquanto área, principalmente no que se refere a instituição Museu. A autora infere que:

embora tenham ocorrido proposições diferentes, em geral o objeto da Museologia funda-se sobre a instituição como atributo constituinte. Mesmo o deslocamento da proposição para que esse objeto fosse compreendido como uma ‘relação entre o homem e o objeto’, ele finca-se na instituição. As propostas da Ecomuseologia e Nova Museologia propõem um outro deslocamento voltado para a noção de patrimônio extenso, no entanto, ele não pode ser abordado como tema e sim como termo integrado ao conceito museologia. (CERÁVOLO, 2004, p. 16)

Além da questão terminológica, há também como ponto de discussão a questão linguística. Para esse âmbito, Suely Cerávolo (2004) identifica o Conselho Internacional de Museus (ICOM), o qual trata de assuntos relacionados aos museus em todo o mundo, visto que é ligado à Organização das Nações Unidas para a Educação, para a Ciência e para a Cultura (UNESCO).

Suely Cerávolo (2004) versa que pessoas com interesses em comum provenientes de países, culturas e línguas diferentes, procuram se ajustar às chamadas línguas de trabalho com as quais o ICOM lida: inglês, francês e espanhol para se expressarem sobre os museus e museologia de maneira, a *priori*, mais congruente.

Através desse Conselho gera-se conhecimento característico ao domínio dos museus, estabelecendo-se uma área temática, como aponta a autora (2004), que “em si e similarmente a outros domínios, vai se construindo à medida que é posto em relevo seu próprio campo e suas fronteiras”. (CERAVOLO, 2004, p. 18)

É possível verificar dessa perspectiva de Suely Cerávolo (2004) uma necessidade de composição de conhecimentos e de conceitos perpetuados em discussões e publicações ligadas ao que acontece no universo dos museus para que, a partir disso, se ocorra a comunicação com apreensão e compreensão dos conteúdos em ação, e isso se realiza (mesmo que apenas em nível ideológico) através do ICOM. Mas alinhado a esse fluxo terminológico, na prática, ocorrem muitos deslocamentos conceituais e de significados para o quadro conceitual da Museologia justamente por essa propulsão de linguagens e conceituações.

Contudo, conforme Suely Cerávolo (2004), é possível delinear que o quadro conceitual da Museologia se constrói muitos mais a partir da identificação das relações entre áreas especiais à Museologia e também nos domínios da linguagem e do discurso. Conceituações e terminologias próprias da Museologia corroboram com esses domínios, os quais dão uma espécie de forma e de expressão à Museologia enquanto área, promovendo sua disseminação e propositando, inclusive, sua tradução em nível linguístico e nocional.

É possível inferir das concepções dos estudiosos até agora mencionados que o quadro conceitual e o vocabulário da Museologia foram sendo agrupados ao redor dessa necessidade de expressão, empregando palavras que, de certa forma, foram sendo readaptadas com vias a estabelecer uma união entre prática e teoria.

O Conselho Internacional de Museus (ICOM), criado em 1946 e explicado anteriormente, apresenta cerca de trinta e um Comitês Internacionais (a parte seus subcomitês) dedicados ao estudo de tipos de museus, a assuntos relacionados a museus e a Museologia. De acordo com o Comitê Brasileiro do ICOM (ICOM-BR), eles buscam de maneira geral “a troca de informação científica a nível internacional, o desenvolvimento de parâmetros profissionais e a adoção de regras e recomendações” (ICOM-BR, 2019, p.1)

Dentre esses destacam-se para a discussão do quadro conceitual da Museologia o Comitê Internacional para Museologia (ICOFOM) e o Comitê do ICOFOM para a América Latina e Caribe (ICOFOM-LAM). Estes são importantes unidades de poder discursivo e deliberativo para o universo dos Museus, da Museologia e para a Teoria Museológica. Caracterizam-se por serem instâncias de produção de conhecimento para a área de Museologia e por serem polos de conversações as quais promovem discussões, dentre outras pautas, acerca do quadro conceitual da Museologia, a fim de promover o “fortalecimento da Museologia como campo disciplinar” (CARVALHO, 2008, p. 132).

O ICOFOM (fundado em 1977) surge como uma interligação com o ICOM, um comitê do ICOM, com fins a formalizar não apenas atividades práticas, mas sim um plano teórico para a Museologia. As principais pretensões científicas e acadêmicas do ICOFOM, como determina Suely Cerávolo (2004), seriam as de delinear a Museologia enquanto ciência via uma base teórica, a partir da necessidade de identificação de um léxico¹³, promovendo-se com isso uma estabilização de significados, propícios a servir de apoio para a formulação da teoria museológica.

De acordo com informações retiradas do *site* Oficial do ICOM, o ICOFOM-LAM (fundação em 1989), então subcomitê Regional do ICOM para América latina e Caribe, caracteriza-se por ser formado por profissionais de museus e acadêmicos desses locais interessados no desenvolvimento e na produção da teoria museológica para as referidas áreas, realizando, por exemplo, em 2005, uma reunião (23ª Reunião do

¹³ O léxico pode ser entendido como uma lista de palavras de uma língua, com regras que explicam uma área. Existem também unidades léxicas tidas como fonológica, morfológica, sintática e semanticamente como um conjunto de regras de formação de palavras e de reajustes, como conjunto de projeções possíveis sobre as estruturas sintáticas, como conjunto de condições restritivas das regras.

ICOFOM LAM) na Cidade do Panamá com o tema *Diversidades e convergências da Teoria Museológica na América Latina e Caribe*.

Portanto, esses referidos comitês podem ser tidos, dentre outras diversas características, como agentes propulsores de narrativas, discussões e implementações conceituais e científicas para a manutenção da Museologia e de suas linguagens. Esses tipos de ações colaboram com a estruturação e a manutenção do sistema conceitual e terminológico.

No plano da linguagem, além das estruturas externas e alusivas aos Museus e à Museologia, como os processos históricos, antropológicos e sociológicos que intemperam o universo dos Museus e da Museologia, a estrutura teórica e conceitual da Museologia é composta por sobreposições de linguagens, como afirma Cerávolo, seriam elas:

as línguas naturais (...) e (...) línguas de trabalho do ICOM (...) perpassadas pelos conteúdos das linguagens (...) dos museus (...) Nesse movimento de sobreposições foram surgindo e se fixando linhas de raciocínio explicativas sobre museologia, cada qual com suas concepções, sem que as palavras tivessem seus significados muito determinados. (CERAVOLO, 2004, p. 16)

Apoiando-se sobre as ideias de Suely Cerávolo (2004) é possível inferir que, diante de todo esse cenário de interposições externas e internas à Museologia, a concisão epistemológica, e por consequência a conceitual, que se insere também sobre âmbitos de humanidades, encontra-se, em aberto.

De acordo com Ellis Burcaw (*apud* CERAVOLO, 2004) o estabelecimento de conceitos da e para a Museologia é muitas vezes criticado e rebatido, e diversos agentes da área dos museus, assim como outros agentes correlacionados ao universo dos Museus, apresentam argumentos e contra-argumentos acerca de um possível engessamento do quadro conceitual da Museologia.

Ellis Burcaw (*apud* CERAVOLO, 2004) aponta que existem diálogos e embates entre realidades de museologias e que essas discussões acabam remodelando ou mesmo diluindo o quadro conceitual da Museologia. Em contraponto ao próprio Ellis Burcaw (1995), por exemplo, existe a corrente de pensamento do iugoslavo Tomislav Sola. Para Burcaw, a Museologia compreendia basicamente o resultado do cruzamento das atividades internas dos museus, perspectiva bastante aceita por alguns europeus, já para Sola, informa Ellis Burcaw (1995), ela deveria ser mais ação

do que instituição, deixando de ser obsoleta na medida em que assimilava o que lhe era contemporâneo.

Segundo os estudiosos André Desvallées e François Mairesse em *Conceitos-chave de Museologia* (2013), o quadro conceitual reside sob uma evidente necessidade de se refletir sobre os fundamentos teóricos da museologia, carente de uma perspectiva plural e integradora a qual, *a priori*, não somente deve se apoiar sob a linguagem da museologia mas sim sob a riqueza conceitual das palavras que a compõem. Apesar das diferentes interfaces de interpretação do que se concerne sobre a Museologia e seu campo de atuação, os termos e conceitos da Museologia revelam a integralidade entre a teoria e a prática do campo da Museologia.

A noção de conceito-chave requerida por André Desvallées e François Mairesse (2013) demonstra, empiricamente, um trabalho teórico de delineamento de conceitos para o domínio conceitual da Museologia. De acordo com o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP-2008) conceitos-chave são aqueles tidos como centrais para determinada área ou domínio de saber. Com isso, verifica-se então que a contemporização desses conceitos-chave traz uma perspectiva de estabilização e de uma depuração semântica para o quadro conceitual da Museologia.

Ainda com relação a essa última obra de 2013 de Desvallees e Mairesse, é possível verificar uma interessante perspectiva sobre os conceitos que compõem esse cenário conceitual da Museologia. Nessa obra, a qual se apresenta no cenário contemporâneo com certa legitimidade, André Desvallées e François Mairesse, em parceria com o trabalho de tradução e comentários de Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury, destacam vinte e um termos (principais), além de apresentar termos derivados e correlatos a esses, com concepções atreladas a um propósito de compreensão Museológica.

Orientados por substanciais referências teóricas, como o Dicionário de Museologia, o qual se caracteriza por ser um trabalho resultado de anos de pesquisa, análise, revisão e de embates realizados pelo Comitê Internacional de Museologia, esses autores acabam por apontar não somente uma perspectiva acerca da composição conceitual da Museologia como também acabam, numa espécie de metalinguagem, refletindo a maneira como o plano conceitual do campo da Museologia foi sendo formado.

Os conceitos tidos como conceitos-chave primaciais são os atribuídos aos seguintes termos: Arquitetura, Coleção, Comunicação, Educação, Ética, Exposição,

Gestão, Instituição, Mediação, Museal, Museografia, Museologia, Museu, Objeto (de Museu) ou Museália, Patrimônio, Pesquisa, Preservação, Profissão, Público e Sociedade.

Esses termos se caracterizam por serem parâmetros para assuntos da Teoria Museológica. Diante disso é salientável observar a necessidade de contemplação e depuração conceitual e nocional desses termos, visto que a Teoria Museológica pode ser tida como uma espécie de dispositivo para a manutenção e organização do quadro conceitual do campo da Museologia.

Ademais, infere-se e interpreta-se de André Desvallées e de François Mairesse (2013) que a composição terminológica do campo da Museologia pode ser tida como um elemento intrínseco e extrínseco à Teoria Museológica, isto é, é verificado não somente como constituinte das abordagens da Teoria Museológica, como também é campo de atuação da mesma.

É possível verificar que, a partir da análise das estudiosas Ana Maria Marques Cintra, Maria de Fátima Gonçalves e Marilda Lopes Ginez Lara e Nair Yumiko em *Para entender as linguagens documentárias* (1994), a questão nocional da Museologia se tornou quase que um pleito político de autoafirmação, o conjunto das noções acerca e para fins da Museologia, na contemporaneidade, faz-se como um elemento primordial para a identificação da Museologia enquanto área especializada da experiência humana.

O grande drama, ou talvez o grande diferencial de alguma maneira positiva à Museologia, é a aparente falta de organização nocional da Museologia, quando essa está aliada a legitimação da Museologia como polo informacional, característica esta que pode ser tida como crucial para a identificação científica da Museologia e para o “processo de transmissão e aprendizagem de temas” (CERAVOLO, 2004, p. 108)

Diante desse cenário a Teoria Museológica contemporânea trabalha, dentre outras ações, com estruturação nocional do campo e, por conseguinte, dos conceitos.

Ao visualizar-se todos esses aspectos anunciados, observa-se que a realidade conceitual e semântica da Teoria Museológica e da Museologia necessita ser enfrentada, não somente para atender demandas científicas mas como para se alimentar antíteses, discussões e para, também, se alargar as possibilidades de identificação da Museologia enquanto área ligada ao humano e a relação entre museus e público, por exemplo.

Um relevante apontamento de Cerávolo que vai ao encontro dessa percepção seria a de que:

O resultado das definições teóricas da Museologia, as categorias nocionais, as declarações gerais podem constituir a base da investigação da museologia prática e se prestam a regular e modificar comportamentos do “Fator M” no interior dos museus ou no ponto de junção entre museu e público. (CERAVOLO, 2004, p. 189)

Por fim, pode-se concluir então que a referida museologia prática, a realidade museus e público e a própria Teoria Museológica necessitam, intrinsecamente, de uma realidade de definições e problematizações teóricas e terminológicas, tanto como para, em alguma instância se legitimarem, quanto para se manterem enquanto áreas.

1.2 - A linguagem de especialidade

A fim de analisar-se especificidades conceituais, conceitos-chave e de se discutir questões nocionais nessa segunda parte deste capítulo será abordada a linguagem de especialidade em si e a que é determinada à Museologia.

Segundo a estudiosa Maria Cristiane Barbosa Galvão, em seu texto *A linguagem de especialidade e o texto técnico-científico: notas conceituais* (2004), pode ser definida como linguagem de especialidade a linguagem utilizada na construção de um texto técnico-científico. Essa definição de linguagem de especialidade torna-se muito plausível à Museologia visto que a construção (e desconstrução) de seus conteúdos perpassa a manutenção de sua identidade enquanto ciência e enquanto ferramenta causal para uma relação entre indivíduo e museu ou entre indivíduo e o fato Museológico, por exemplo.

Diante disso, uma das maneiras de conceber a Museologia atualmente é determinando-a como uma área de especialidade, isto é, uma área provida de linguagem específica e representativa, fortemente ligada a diversos assuntos vinculados aos museus e às práticas museológicas. Mesmo sendo essa uma caracterização que levanta enfrentamentos epistemológicos advindos de diversas correntes de pensamento (como as vistas anteriormente) essa especificação pode estar ligada, mais uma vez, à necessidade de fortalecimento da Museologia enquanto ciência.

Suely Cerávolo e Fátima Tálamo (2008) indicam que para se compreender a linguagem de especialidade da Museologia é preciso visualizar seu campo de

atuação. De acordo com as autoras, este campo da Museologia apresenta: a relação com o museu e a relação com o fato museológico, o qual se estabelece, segundo palavras de Waldisa Rússio¹⁴ (1981), na específica relação entre o homem e o objeto no museu. Essas duas ênfases podem ser tidas como elementos essenciais dessa linguagem, visto que a especificidade das expressões, discussões a nível teórico, verbal e escrito são circunscritas nessa realidade museológica.

Uma maneira de se aprofundar nesse entendimento sobre a linguagem de especialidade seria a de se abordar sobre terminologia enquanto conjunto de termos de uma área específica, visto que, segundo Teresa Cabré (*apud* CERAVOLO; TÁLAMO, 2008), *a priori*, uma linguagem – pode-se dizer sendo de especialidade ou não – se utiliza de termos para sua transmissão, assim como para sua estagnação. Uma linguagem de especialidade que se faz através de terminologias e conceitos que, se pretendem específicos a um fim e a uma realidade de definição de características.

Ao analisar, por exemplo, a Teoria Comunicativa da Terminologia apresentada por Sueley Cerávollo e Fátima Tálamo (2008) mas veiculada a Teresa Cabré (1999), verifica-se que ações terminológicas englobam alternâncias discursivas geradas em virtude de adequações específicas da linguagem. Dito isso, é possível inferir e afirmar então que as terminologias incutidas em uma linguagem de especialidade, assim como na linguagem de especificidade da Museologia, podem integrar de maneira orgânica alternâncias discursivas externas, internas, além e aquém à linguagem de especialidade.

De outro modo, à luz de Francis Henrik Aubert (1996), é possível deduzir ainda que uma comunidade com interesses que confluem em uma realidade específica, como o campo da Museologia, pode-se utilizar de uma linguagem de especialidade, mas essa realidade não retrata uma uniformidade, devido ao que Francis Henrik Aubert (1996) anuncia como necessidades, pressupostos e motivações diferentes, as quais podem configurar usos linguísticos diferentes, pondo-se em crítica então, nesse sentido, uma ideia específica de linguagem de especialidade, principalmente quando colocada frente a uma realidade tão complexa como a da Museologia.

¹⁴ Cerávollo e Tálamo – em sua obra *Linguagem de especialidade e a elaboração da noção de campo científico: o caso da Museologia*, de 2008, aqui discutida – se amparam sobre o conceito de fato museológico (ou fato museal), de Waldisa Rússio. O qual está contido em seu artigo de 1981, posteriormente republicado em 2010, intitulado *A interdisciplinaridade em Museologia*. Nesse artigo, Waldisa Rússio define como objeto da Museologia o então “fato museológico”, ou “fato museal”.

De maneira a assimilar as compreensões de Teresa Cabré (1999) e de Francis Henrik Aubert (1996), desfecha-se então que as diferenças linguísticas e de linguagem da Museologia também podem promover uma espécie de essência museológica através da linguagem de especificidade, ou melhor, essa pode ser apreendida em sua natureza através de uma assimilação de distintos conjuntos semânticos, comportando-se então através de um caráter unitivo, sob o qual uma linguagem pode ser interpretada.

Para as estudiosas Suely Cerávolo e Fátima Tálamo (2008), o conceito de *Museologia*, por exemplo, caracteriza-se por ser um elemento importante para a compreensão da área da Museologia e, por que não deduzir, para a linguagem de especificidade do campo visto que, diante disto e do que já foi mencionado anteriormente, o conceito de Museologia se estrutura no decurso da:

construção de um inventário; delimitação das características constitutivas e/ou consecutivas; sínteses das variações encontradas; categorização e identificação de temas e conclusões. (CERAVOLO; TALAMO, 2008, p.4)

Ações essas que interligam à realidade da linguagem de especialidade da Museologia. É possível projetar então que o conceito e as tentativas de conceituação da Museologia são o epicentro das diversas reverberações e problematizações conceituais do campo.

Esses processos acabam não somente perpassando o conceito de Museologia, como também decorrem da própria Museologia e das suas terminologias, para as referidas autoras:

(...) o saber construído sobre museu delimita um campo de especialidade segundo parâmetros da Terminologia, o que nos leva a pressupor limites identificáveis em relação a outros campos ou ao conhecimento geral. Critérios intelectuais e funcionais predeterminados são os fatores que delineiam o campo e estão carregados de intencionalidades. (CERAVOLO; TALAMO, 2008, p.4)

Por fim, deseja-se com esse trabalho uma espécie de pretensão epistemológica, a de que os próprios conceitos de Museu e de Museologia sejam contemplados além de amarrações de definição, como a definição de Museu:

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural,

abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (Lei Nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009)

Não refutando de maneira nenhuma essa perspectiva, mas sim abraçando-a, preferencialmente, existe uma dualidade de sentido conceitual. Como já foi versado aqui, a variedade e o dinamismo conceitual e epistemológico da Museologia parece ser o “veneno” e ao mesmo tempo o “antídoto” para a construção e manutenção do quadro conceitual da Museologia, assim como para o problema nocional da Museologia.

Como diria Maria Isabel Roque (2017) em seu artigo intitulado *A (in)definição de museu*:

(...) as alterações no conceito de museu se afiguram como a sua mais consistente característica e precisamente porque (...) um museu não é um museu, mas um universo de circunstâncias particulares, talvez não faça sentido continuar numa incessante procura da melhor – e mais sintética – definição que inclua a maioria das especificidades e inclua todas as mudanças (...) tentar encontrar uma definição superlativa em substituição (...) não fará sentido. O que não significa que não faça sentido a reflexão a discussão sobre o significado do museu na realidade de hoje. (ROQUE, 2017, p. 1)

Por fim, pode-se concluir que o quadro conceitual da Museologia e a sua linguagem de especialidade revelam a fundamental realidade Teórica da Museologia enquanto campo de conhecimento e enquanto disciplina científica.

Mesmo diante de todo esse trânsito terminológico e nocional e das questões acadêmicas, científicas e políticas, a Teoria Museológica, como um âmbito da Museologia, consegue estabelecer-se enquanto conjunto de determinações sistematizadas, com efeitos aplicáveis ao campo. Revelando-se que a problemática da constituição do quadro conceitual da Museologia dentro do campo museal pode estabelecer então, não somente algo que deva ser tratado (ou não), como também a realidade intrínseca da Museologia brasileira contemporânea.

Diante disso, a linguagem da Museologia enquanto área científica também se firma sobre os descontentamentos e irresoluções semânticas e nocionais, isto é, ao se almejar a cientificidade da Museologia e um estabelecimento conciso de seus conceitos faz-se necessário um exercício de compreensão e incorporação de terminologias e princípios conceituais e semânticos colaterais (ou coexistentes) aos já firmados conceitos-chave da Museologia.

É possível dizer que se faz necessário examinar não somente a realidade e a formação de uma constituição epistêmica e nocional da Museologia como também a

realidade poética, transversais ou não, à linguagem de especialidade da Museologia. Para isso, os próximos capítulos apresentam cada um, termos que não foram elencados nos *Conceitos-chave de Museologia* (2013), isto é, que não estão presentes em determinações conceituais da Museologia já sistematizadas, mas que podem corroborar para a referida necessidade de exame da realidade poética da Museologia em favor de uma semântica Museal

São eles: *Afetação*, *experiência* e *ressonância*, os quais fazem alusão à linguagem dos estudiosos Mário de Souza Chagas, Bruno César Brulon Soares e José Reginaldo Santos Gonçalves, consecutivamente, sendo eles tidos como acadêmicos cujos pensamentos são mobilizados constantemente na teoria museológica contemporânea.

Capítulo 2 - O conceito de afetação em Mário de Souza Chagas

2.1 - Mário de Souza Chagas e a imaginação museal

Poeta. Esta é a primeira característica que Mário de Souza Chagas atribui a si mesmo no resumo biográfico de seu currículo publicado na plataforma virtual *Lattes*, criada e mantida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)¹⁵. Essa atribuição pode ser tida como qualidade primal à uma compreensão sobre quem Mário Chagas é enquanto intelectual e, pode-se dizer, enquanto pessoa¹⁶.

De maneira a corroborar para uma compreensão biográfica de Chagas observa-se alguns dados sobre ele em uma entrevista do ano de 2005. Esta entrevista foi realizada em programa intitulado *Ideias da Aldeia*, na Emissora televisiva *Aldeia Acre*, e foi analisada aqui através de sua versão disponibilizada pela mesma na plataforma *Youtube*. Quem entrevista Chagas é Vássia Vanessa da Silveira, Mestra em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Quando questionado por Silveira (TV ALDEIA, 2005) sobre o que lhe despertou o interesse sobre Museologia e sobre sua paixão pelo campo, Chagas abriu um sorriso, olhou para cima, aparentemente surpreso, podendo-se dizer até encabulado e nostálgico, como se procurasse uma resposta suficientemente resoluto.

Em seguida a essa reação, de acordo com suas palavras para a entrevistadora (TV ALDEIA, 2005), ele responde que entrou nesse mundo da museologia desejoso de voltar-se ao campo da memória, da história, da arqueologia mas que em certa altura, o que de fato o surpreendeu pessoalmente, foi quando ele percebeu que falar de Museus não era falar de morte, ou falar de algo estático, percepção que ele compreendeu como concebida por muitos. Mas sim, que falar de museu poderia ser falar da vida, de uma “vida vivida” (2005, a partir do minuto 21:00:00), de “vida em dinâmica” (2005, a partir do minuto 21:00:00). Quando ele percebeu que o Museu poderia ter esse sentido, ele exclama que foi isso que lhe encantou.

Em outros momentos da entrevista Chagas responde também a Vássia Silveira (TV ALDEIA, 2005) que de algum modo foi um rato de museu, mas seu maior interesse

¹⁵ Os dados depreendidos do currículo *Lattes* de Mário Chagas partem da atualização do currículo datada em 18 de Março de 2019.

¹⁶ Pessoa sendo entendida aqui enquanto ser consciente de si mesmo; ser com identidade própria.

por museus ocorreu depois de entrar no campo. Ele fala também à entrevistadora (TV ALDEIA, 2005) que tinha (podendo-se dizer que ainda tem) interesse em poesia e isso fez com que ele visse poesia nos museus. Ele explica (TV ALDEIA, 2005) que os Museus de algum modo mexem com os sentimentos; usam de linguagens; de metáforas; de hipérboles; de figuras de linguagem, e isso para ele era interessante de ser observado, e essa realidade lhe ganhou. De maneira lânguida (podendo-se arriscar essa descrição) ele exprime (TV ALDEIA, 2005) que ao falar de Museus ele fala com alegria.

Ainda na entrevista, observa-se (TV ALDEIA, 2005) que quando foi questionado sobre sua paixão por Museologia ele logo se direciona ao Museu. Em um primeiro momento, não seria determinável dizer que esse direcionamento foi feito apenas por uma aproximação axiomática¹⁷ Museu e Museologia, uma análise comportamental do porquê desse direcionamento não seria justa.

Todavia é possível inferir (e conjecturar) que, a partir dessa sua fala, em contraponto ao que se pode conceber sobre Mário Chagas intelectualmente, ele tenta articular essa potencialidade poética do Museu como algo que energiza e contextualiza a sua percepção de Museologia. Essa inferência pode ser tida como um ponto medular de sua formação como um todo. E talvez possa ser essa uma resposta mais suasória a este Poeta. Uma resposta a *imaginação museal* de Chagas (posteriormente explicitada).

De acordo com as respostas de Chagas nesta entrevista (TV ALDEIA, 2005), vê-se pensamentos, conceitos e qualificadores¹⁸ que podem refletir o caráter intelectual e biográfico de Chagas, como: (2005, entre os minutos 00:40:00 e 29:39:00) “museus como flores da sociedade”, “museu como espaço da poesia”, “museu como espaço que pede conversa”, “museu como templo da conversa”, “museu como espaço do ser”, “museu como casa das musas e “*museodiversidade*”.

¹⁷ A aproximação axiomática pode ser entendida aqui enquanto uma dedução lógica. Então nesse sentido esse tipo de dedução acontece ao se concernir sobre a relação entre o que se entende sobre Museu e Museologia, havendo uma associação lógica e automática ao se tratar sobre Museu e Museologia, e vice e versa.

¹⁸ Qualificador sendo compreendido aqui segundo Sueli Suga, Andrea Hayashi e Maria Conceição (2012), as quais apontam os qualificadores como sendo descritores que determinam diferentes concepções de um conceito e perspectivas discutidas por um autor em um determinado tema.

Diante dessa entrevista (TV ALDEIA, 2005) e de informações curriculares observa-se que Chagas pode ser considerado um entusiasta das potencialidades do Museu (CHAGAS, 2019).

Mário Chagas é um intelectual que visivelmente se utiliza de expressões, figuras de linguagem, parábolas, terminologias, conceitos e neologismos que podem ser tidos como recursos de linguagem apenas personalísticos, estilísticos ou puramente poetizados (pejorativamente, ou não), contudo, estes podem sim ser observados como mecanismos poéticos e ferramentas epistêmicas de tradução¹⁹ do universo Museal.

É possível afirmar que Chagas é um intelectual que crivelmente valoriza a palavra em favorecimento de suas potencialidades semânticas e comunicativas.

Ademais, Mário de Souza Chagas é graduado em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio-1979), licenciado em Ciências, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ-1980). É Mestre em Memória Social pela UniRio (1997) e Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ-2003).

De acordo com seu currículo, Mário Chagas (2019) foi tido como um dos responsáveis pela Política Nacional de Museus, a qual foi lançada em 2003 e um dos criadores do Sistema Brasileiro de Museus (SBM), do Cadastro Nacional de Museus (CNM), do Programa Pontos de Memória, do Programa Nacional de Educação Museal (PNEM) e do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). Chagas foi o Fundador da Revista Brasileira de Museus e Museologia (MUSAS) e também foi o criador do Programa Editorial do Ibram.

No momento atual é Diretor do Museu da República do Instituto Brasileiro de Museus, também é presidente do Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), é professor (e colaborador) do Programa em Pós-graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), como também é professor visitante do Departamento de Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT).

¹⁹ Tradução sendo compreendida aqui enquanto meio para viabilizar compreensões; clarificar conhecimentos; movimentos de troca e comunicação para compreensão discursiva; para viabilizar a compreensão de conhecimentos, a luz de Antoine Berman (2009).

Mário Chagas (2019) indica também que tem experiência, em nível nacional e internacional, no campo da museologia e da museografia, com destaque na museologia social, nos museus sociais e comunitários, na educação museal e nas práticas sociais de memória, política cultural e patrimônio.

Agora, a fim de se estruturar as áreas (e subáreas) de conhecimento, ou melhor, os âmbitos de estudo e de exercício profissional nos quais Chagas construiu sua formação teórica, acadêmica e profissional, assim como alguns dos seus principais conceitos (enquanto termo e enquanto noção) utilizados pelo intelectual segue-se um primeiro quadro com duas sistematizações.

Nela, essas duas sistematizações apresentam as seguintes características: os âmbitos estão demonstrados aqui a partir das informações acadêmicas de Chagas, disponibilizadas na Plataforma *Lattes* (com informações atualizadas ainda no ano de 2019), estes âmbitos foram indexados²⁰ um complementarmente ao outro.

Já quanto a alguns de seus conceitos, estes foram dispostos (em ordem alfabética) através de uma análise extensiva²¹ dos títulos das obras de Mário Chagas, das informações de seu currículo *Lattes* (CHAGAS, 2019) e também dos textos de Chagas propostos para essa monografia. A seguir:

Quadro I – Âmbitos e Conceitos em Mário Chagas

Âmbitos	Conceitos
Ciências; Ciências Humanas; Ciências Sociais; Ciências Sociais Aplicadas; Sociologia; Assuntos Culturais; Cultura Popular; Turismo; esporte e recreação; Poética; Aspectos Sociais da Literatura Brasileira; Artes; Arte e Religião; História; História das Mentalidades; História dos Museus; Psicologia Histórica; Psicopatologia da Expressão; Patrimônio; Patrimônio Cultural; Patrimônio Ambiental; Memória; Pontos de Memória; Arquitetura e Urbanismo; Campo museal; Campo museológico; Museus; Museu	Afetar (optando-se nesse trabalho pela variedade afetação enquanto termo e enquanto sentido tônico da textualidade de Chagas); Bem (enquanto posse); Cidade; Coleção; Comunidade; Contemporaneidade; Cultura; Cultural; Diversidade museal; Educativo; Empatia; Fratrimonial; Identidade; Imaginação; Imaginação Museal; Imaterial; Memória; Memória Social; Monumento; Museal; Musealidade; Musealizar; Museologia Social; Museologia; Museu; Nacional; Patrimonial; Patrimônio;

²⁰ Segundo Sueli Suga, Andrea Hayashi e Maria Conceição (2012), indexar seria um mecanismo de representação de informação através de descritores, a partir de um processo de análise. O currículo de Chagas foi analisado semelhantemente a essa metodização, utilizando-se informações acadêmicas para a assimilação dos âmbitos sobre os quais Mário Chagas se debruça intelectualmente.

²¹ Análise extensiva, à luz de Susana Henriques (2012), seria a análise de um número alargado de unidades de amostragem (utilizou-se aqui informações curriculares, linhas de pesquisa e produções) combinada com a aplicação de instrumentos de recolha de informação (utilizou-se aqui o *Write Words Counter* e interpretação heurística das obras de Chagas). A *WriteWords Counter* (2002-2019) é uma plataforma de sistematização informacional britânica que oferece serviços à comunidade de escritores a mais dez anos, ela foi utilizada aqui, também para captação de termos repetidos.

e Etnografia; Museu e Turismo; Museu e Educação; Museus comunitários; Museus de Ciência; Museus de Arte; Museus de História; Museus de Tecnologia; Museu de Favela; Museus Brasileiros; Museus Norte-Americanos; Museologia; Museologia Social; Museologia e Computação; Teoria Museológica; Gestão Museológica; Prevenção e Segurança no Museu; Primeiros Socorros e Prevenção de Acidentes; Transporte de mobiliário; Coleções Científicas; Acervos Museológicos; Restauração e Conservação de Coleções Museológicas; Museografia; Educação; Educação Museal; uso educacional de Museus e Monumentos.	Patrimônio Cultural; Pensamento Social Brasileiro; Pertencimento; Poder; Poesia; Poética; Popular; Saber (Enquanto conjunto de conhecimentos); Social; Sociedade; Sociocultural; Sociomuseologia (<i>Sociomuseology</i>); Transversalidade.
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaborada por Débora de Abreu e Silva (2019)

A *imaginação museal* – um dos conceitos evocados no início do capítulo e também anteriormente disposto no Quadro I – caracteriza-se, também, por ser um conceito construído por Mário de Souza Chagas. Ele é tido como um importante conceito para compreender-se a mística²² de Chagas. Em sua tese, do ano de 2009, intitulada *Imaginação Museal: Museu, Memória e Poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro* compreende-se o desenho conceitual e semântico que Chagas determina para esse conceito, o qual ele também interliga a Barroso, Freyre e Ribeiro, isto é, sua conceituação de *Imaginação Museal* se conforma, também, a partir da *Imaginação Museal* de Barroso, de Freyre e de Ribeiro, atribuídas por Chagas.

Objetivamente, para ele a *imaginação museal* seria “a capacidade singular e efetiva de determinados sujeitos articularem no espaço (tridimensional) a narrativa poética das coisas” (CHAGAS, 2009, p. 64).

Mário Chagas²³ desdobra nesse texto que a capacidade imaginativa serve de iluminação para a dimensão política dos Museus. Essa *imaginação museal* (CHAGAS, 2009) seria inclusive como um “conjunto de pensamentos e práticas que determinados atores sociais de “percepção educada” desenvolvem sobre os museus e a museologia” (CHAGAS, 2009, p. 64).

Chagas depura e explicita seu entendimento de *imaginação museal* a partir de sua análise sobre as *imaginações museais* dos estudiosos Gustavo Barroso, Gilberto

²² Este termo é aqui utilizado abonando-se o sentido etimológico de “ideias, princípios e valores” da palavra mística (MICHELIS, 2015) e apartando-se o outro significado do termo, atrelado ao estudo do divino e do espiritual.

²³ Em meio acadêmico e científico o Doutor Mário de Souza Chagas é referenciado também como Mário Chagas, sendo essa versão encurtada de seu nome completo também atribuída pelo próprio estudioso em seu currículo *Lattes* (CHAGAS, 2019).

Freyre e Darcy Ribeiro. Para Mário Chagas (2009) esses estudiosos apresentam um interesse pela linguagem²⁴ poética das coisas, enxergando no universo tridimensional potencialidades comunicativas além do que ele diz de “termos museais”, sendo a partir dessa dimensão poética que cada um apresenta um estilo de imaginação museal.

De maneira geral, Mário Chagas apresenta a percepção desses intelectuais quanto à preservação do patrimônio cultural, ao que eles entendem por museu e como estes definiriam o que são bens culturais. Mário Chagas (2009) afirma que eles seriam narradores do universo das coisas, conselheiros, em suma, poetas.

E essa linguagem poética, esse estilo de narrativa, de imaginação, apresenta relevante *experimentalidade* para as transformações e investigações do campo museal e da prática museológica. De acordo com o Doutor Clovis Carvalho Britto, em *Nossa maçã é que come Eva: a poética de Manoel de Barros e os lugares epistêmicos das Museologias Indisciplinadas no Brasil*, de 2019, uma prática museológica faz-se efetiva quando:

em serviço de imaginações poéticas e políticas comprometidas com a celebração da potência da vida, instaurando ‘deslimites’²⁵ ao evidenciar os enquadramentos impostos pelas tendências museológicas normativas, extravasando-os. (BRITTO, 2019, p. 150)

A partir de informações postadas, em 2010, no portal oficial do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram, 2010), na *internet*, essa obra de Mário Chagas (2009), vai além de regras disciplinares, proporcionando um olhar, tido como singular, sobre Barroso, Freyre e Ribeiro.

A imaginação museal é entendida conceitualmente através de outras perpetuações conceituais de imaginação dispostas nessa obra de Mário Chagas (2009), as quais são inúmeras. Dentre vários outros exemplos neste texto de 2009, esse conceito se desenvolve de maneira convergente, também a:

- "imaginação poética"; (CHAGAS, 2009, p.5)
- "imaginação de criança"; (CHAGAS, 2009, p.14)

²⁴ De acordo com o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2009), o termo linguagem é contemplado aqui a partir da linguística enquanto caminho lexical (HOUAISS, 2009) sendo linguagem compreendida então enquanto meio sistemático de comunicar ideias e sentimentos através de signos, como os sonoros, gráficos e gestuais.

²⁵ Este conceito de “deslimite” foi concebido pelo poeta Manoel de Barros e foi apresentado por Clóvis Britto (2019) a partir de entendimentos de Elton Luiz (2010) sobre esse mesmo conceito. Britto discorre que esse deslimite seria “uma forma de alargar a experiência poética, para além dos limites apresentados pela literatura” (BRITTO, 2019, p.150)

- “imaginação para crianças”; (CHAGAS, 2009, p.14)
- "imaginação criadora"; (CHAGAS, 2009, p.16)
- "imaginação mítica"; (CHAGAS, 2009, p.60)
- "re-imaginação"; (CHAGAS, 2009, p.81)
- “imaginação construtiva”; (CHAGAS, 2009, p. 147)
- “imaginação do homem” (CHAGAS, 2009, p. 150)

Portanto é possível ver nessa obra de Mário Chagas (2009) a intensa presença do termo imaginação, o qual apresenta uma relevante carga semântica para Chagas.

Através de uma espécie de metalinguagem²⁶, Mário Chagas trata sobre poética de maneira poética, isto é, ele transpõe a narrativa do imaginário acima de categorizações científicas ou como ele próprio atribui de “percepção educada” (CHAGAS, 2009, p. 64).

Para a percepção do conceito de *poética*, empregado neste trabalho a partir deste capítulo, e para o norte de compreensão do que seria a *linguagem poética* em si, recorta-se alguns dos seus significados, apresentados pelo Grande Dicionário Houaiss (2009), sendo a coordenação pelo Instituto Antônio Houaiss, unidade de lexicografia, a escolhida para a pesquisa.

Seriam eles, segundo o dicionário Houaiss: a poética enquanto opção temática, estilística e composicional; enquanto opção estilística que tem a atmosfera, o encanto e a característica de poesia; e enquanto arte que produz inspiração. Ademais, ressalta-se também a origem etimológica Grega do conceito, *poiētiké*, que seria o de talento poético.

Esse recorte conceitual de poética e do que pode ser poético faz-se necessário enquanto uma tentativa metodológica que a princípio preza por abster possíveis interpretações demagógicas que possam ser atribuídas ao que é poético ou ao que tem natureza poética, como por exemplo a conotação de alheamento científico e acadêmico com o que é poético pode ter.

E para concentrar uma via interpretativa do que pode ser considerado poético, sendo esse um tipo de consideração que pode levar a diferentes juízos e a levar

²⁶ A metalinguagem de Chagas é vista aqui segundo a definição de Fábio Laudonio (2018) sobre o conceito, o qual entendido como um processo em que a própria linguagem é utilizada como matéria e conteúdo daquilo que será escrito.

também ao universo da poética enquanto disciplina, realidade estaria mais distantes das percepções atribuídas aqui, as quais versam mais sobre a função da poética²⁷.

Quanto a função poética, observa-se em *Museologia e poética: a instituição como composição* (2005) da Professora Doutora Mabe Machado Bethônico e em *Objetos Biográficos: A Poética de Intersubjetividade em Museologia* (2012), de Pedro Pereira Leite (essa segunda inclusive cita Mário Chagas), exemplos de obras que mostram um caminho para a linguagem poética na museologia contemporânea e apontam que esse é um assunto já discutido no campo.

Na primeira obra, de Mabe Machado Bethônico (2005), verifica-se uma discussão quanto a variedade de enfoques de linguagem, principalmente a poética, no processo de investigação de posturas e relações de apropriação ligadas à museografia e, por conseguinte, a Museologia.

Na segunda obra, de Pedro Pereira Leite (2012), este comenta que o objetivo do livro é o de:

relacionar o movimento de renovação da museologia contemporânea com a teoria crítica através a análise dos desafios introduzidos na prática museológica pela intersubjetividade. (...) argumentar sobre a possibilidade de uma prática museológica reflexiva e transitiva com base na proposta de inclusão da poética como ferramenta da intersubjetividade (LEITE, 2012, p. 5)

Especificamente, acerca dos objetos de pesquisa deste trabalho e dos recortes temporal (momento contemporâneo) e espacial (cenário brasileiro), vale ressaltar-se que esse tipo de abordagem poética acerca da linguagem teórica da Museologia não é característica somente em Mário Chagas, observando-se semelhanças e correspondências (mesmo que amenas e indiretas) dessa postura semântica e dessa tônica poética na própria dimensão do âmbito da Museologia Social²⁸ brasileira, a qual garante (e é abastecida por) Chagas e outros autores como, por exemplo, Marijara Souza Queiroz e o predeterminado para a pesquisa José Reginaldo Gonçalves (que será apresentado posteriormente).

²⁷ Segundo Márcia Fernandes (2019), a função poética caracteriza-se “(...) pela preocupação com a forma do discurso, ou seja, o modo utilizado para transmitir uma mensagem (...)” (FERNANDES, 2019, p.1).

²⁸ Segundo Frederic Mayor (1989) a Museologia Social seria um fenômeno: “(...) do desenvolvimento da consciência cultural - quer se trate da emancipação do interesse do grande público pela cultura como resultado do alargamento dos tempos de lazer, quer se trate da (...) consciência cultural como reação às ameaças inerentes à aceleração das transformações sociais (...) no plano das instituições, encontrado um acolhimento (...) favorável nos museus.” (apud MOUTINHO, 2009, p.7)

Por exemplo, segundo informações curriculares²⁹ Marijara Souza Queiroz (2019) Queiroz é Museóloga, Mestra em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (EBA/UFBA). Ela acumula obras como *O Traje como Experiência Social: a coleção de Eufrásia Teixeira Leite assinada por Charles Worth no Museu Casa da Hera* (2018), *(Meta)Curadoria em Processos de Museologia Social* (2016), *Memória e morte como tema e discurso de museus e coleções* (2015) e *Luta, resistência e conquista: a experiência expográfica na implantação do Ponto de Memória da Estrutural* (2016). Resumidamente, essas obras contemplam semanticamente realidades ontológicas além e aquém do campo museal, principalmente as conotam dimensões sociais e patrimoniais, assim como Chagas.

Mais especificamente no texto *(Meta)Curadoria em Processos de Museologia Social* (2016) Marijara Queiroz reúne reflexões sobre ideias associadas a práticas e processos de museologia social desenvolvidos na Casa dos Movimentos da Estrutural, Brasília-DF, os quais são chamados por ela de metacuradoria. Marijara Queiroz desenvolve que a metacuradoria pode conceber um senso crítico acerca da articulação de narrativas plurais e dialógicas entre o público e exposição.

Marijara Queiroz (2016) aponta a perspectiva teórica em processos de produção de conhecimentos ligadas a exposição museológica. A autora apresenta nessa obra discussões teóricas ligadas a curadoria e a ideia de metacuradoria.

Assim como em Chagas, visualiza-se nessa obra de Marijara Queiroz (2016) a presença de discussões acerca de instrumentos de articulação metalinguística e multidisciplinar ligadas à dimensões teóricas e práticas, percebendo-se também que ela evidencia tendências contemporâneas transdisciplinares, que podem apontar uma quebra de paradigmas da museologia e uma resignificação de práticas. Depreendendo-se também de Marijara Queiroz (2016), assim como em Chagas, uma tentativa de tradução semântica acerca do entendimento de Museologia Social.

Mário Chagas (2009), através e a partir do que concebe sobre Barroso, Freyre e Ribeiro, retomando-se a imaginação Museal, trata sobre patrimonialização, sobre museus e sobre bens culturais, utilizando-se e elevando-se a narrativa poética das coisas, não apenas como algo a ser valorado ante determinações epistêmicas e terminológicas concebidas (e podendo-se dizer até engessadas) pelas Ciências

²⁹ Informações depreendidas de seu currículo *Lattes*, cuja última atualização visualizada é de 24 de março de 2014.

Sociais para esses assuntos (por exemplo) mas também como uma espécie de instrumento científico de compreensão e concatenação dessas mesmas determinações, assim como de rediscussão das mesmas, voltando então a possível postura de tradução de conhecimentos Museais que Chagas.

É crível inferir que esse tipo de dinâmica semântica, a qual perpetua-se na obra do ano de 2009 (e perceptivelmente nas outras obras de Chagas analisadas no próximo tópico do capítulo), corrobora para uma necessidade de análise conceitual e terminológica de pelo menos um dos conceitos anteriormente mencionados, sendo *afetação* o eleito para o próximo tópico deste capítulo. Essa eleição encontra-se em consonância a essa leitura poética (e tônica) de Chagas enquanto dinâmica semântica catalisadora e tradutora de conhecimentos,

Os principais conceitos – elencados no Quadro 1 – das obras de Mário Chagas, explanam não somente algumas de suas propensões nocionais, eles também podem ser tidos como incrementos para o contemporâneo quadro conceitual da Museologia.

Esses conceitos em Chagas, contemplados aqui somente através das suas escolhas epistêmicas e conceituais, servem também de ponte para uma apreciação do tipo de metodologia semântica empregada por Mário Chagas, principalmente quando se percebe uma realidade contemporânea de adensamento do quadro conceitual da Museologia.

Não se pretende aqui atribuir-se os descontentamentos e irresoluções semânticas da Teoria Museológica brasileira Contemporânea (referidos no capítulo anterior) à dimensão da problemática da linguagem, contudo, este trabalho propõe justamente como uma possível ramificação de investigação sobre esse universo semântico, uma possibilidade de perspectiva da dimensão nocional da Museologia, uma humilde ponte à um enredamento da tônica e da linguagem poética enquanto catalisadores conceituais e terminológico enquanto proposta de recurso à problemática do quadro conceitual da Museologia, discorrida anteriormente.

Por conseguinte, a Museologia Social, por exemplo, pode ser tida aqui como uma importante temática que pode subsidiar um proposto arraigamento da dimensão da linguagem e da tônica (referida anteriormente) e da própria proposta da busca por uma semântica museal.

Segundo Cláudio Santos (2011), graduado em Museologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), o conceito de Museologia Social foi formulado pelo Museólogo Português Mário Moutinho, tido como um dos principais pensadores dessa

prática museológica da contemporaneidade. De acordo com Mário Moutinho a Museologia Social “(...) traduz uma parte considerável do esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea” (MOUTINHO, 2009, p. 7).

É possível depreender que esse esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea pode embutir um outro esforço: o de adequação (ou equilibração³⁰) da Teoria Museológica brasileira contemporânea aos condicionalismos das diferentes poéticas e das diferentes abordagens de linguagem contemporâneas.

Por fim, propõe-se um questionamento (estritamente retórico) para contemplação do próximo tópico: se *afetação* (assim como os outros referidos conceitos) e o tipo de condução semântica fundada, principalmente, por uma ótica poética e social, são caros a um relevante intelectual e pensador da Teoria Museológica contemporânea Brasileira, como Mário Chagas, não poderiam estes ser também serem caros ao quadro conceitual da Museologia e a proposta de uma *semântica museal*?

2.2 - O conceito de afetação

De acordo com o que foi determinado no capítulo anterior e nessa conclusão do tópico anterior, este segundo tópico compreende uma análise do termo e do conceito de *afetação*, e de suas variações terminológicas e gramaticais, dentro de três referências textuais³¹ de Mário de Souza Chagas, termo este que aqui foi previamente associado ao estudioso.

³⁰ Segundo o Instituto Antônio Houaiss (2009) equilibração significa ato ou efeito de equilibrar-se, de se colocar ou mesmo de se manter em equilíbrio. Com isso, propõem-se neste trabalho que essa equilibração ocorra através de uma dialética entre Teoria Museológica e semânticas transversais contemporaneidade.

³¹ A análise da ocorrência do termo *afetação* nos textos selecionados de Mário Chagas não será sistematizada em quadros como se verá nos próximos capítulos. Isto se deu porque os textos de Chagas escolhidos, apesar de apresentarem valor qualitativo quanto a análise do termo *afetação*, estes apresentam um volume total de páginas analisáveis menor em comparação ao dos textos de Bruno Brulon e José Reginaldo Gonçalves, não se visualizando com isso a necessidade de condensação dessas ocorrências nem dos assuntos desdobrados por ela. Contudo, a metodologia de captação e de análise dos termos são semelhantes entre os capítulos.

O termo afetação tem origem etimológica do Latim: *affectatione*³² (*affectatō, ōnis*), que quer dizer, de acordo com o *dicionário de latim-português*, (PORTO 2003, p. 40) “aspiração, procura, busca, pretensão, desejo ardente, paixão (...) requinte”.

A fim de propor uma análise conceitual e etimológica do termo *afetação* é possível dizer que, faz-se necessário, o uso de definições lexicais da língua portuguesa, com intenções de haver um primeiro aprofundamento no estudo do conceito de *afetação*.

Conforme artigo de Bruna Moreno (2011), para o *site* da empresa brasileira *Scritta*, que ministra cursos que prestam serviços de consultoria em linguagem oral e escrita, para as mais diversas áreas em todo o Brasil desde o ano de 2001, o *Novo Aurélio: O Dicionário da Língua Portuguesa do Século XXI*, o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* e *Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*, são tidos como um dos mais utilizados e famosos dicionários utilizados atualmente.

Diante da notoriedade desses dicionários, vê-se a seguir um segundo quadro, que agora abarca definições de afetação de acordo com os mesmos, os quais podem ser tidos como ferramentas de recuperação³³ nocional mais acessíveis.

A escolha por unidades léxicas de língua, no caso aqui a da portuguesa, e não por outras representações epistêmicas e orais da variedade linguística brasileira, relacionadas a esses termos, se funda, metodologicamente, por uma tentativa de se armar cientificamente (e poeticamente) para a anteriormente referida problemática conceitual da Museologia da Teoria Museológica, visto que essas unidades apresentam uma abrangência de definições que envolvem incorporações epistêmicas ampliadas e específicas, como as que abrangem diferentes realidades brasileiras.

No *Novo Dicionário Aurélio*, por exemplo, foram incorporadas, no ano de 2010, palavras como “chororô”, “ricardão”, “bandeide”, dentre várias outras, havendo então um parâmetro mais amplo (e presumivelmente honesto com a variedade linguística brasileira) para o enfrentamento da realidade semântica e poética da Museologia brasileira contemporânea.

³² Referência em Latim.

³³ Esta recuperação está ligada ao conceito de recuperação da informação apoiada por Simone Bastos Vieira (1994) o qual aponta que a recuperação da informação seria um recurso de comunicação com o propósito de descobrir uma necessidade através do uso da linguagem, podendo ela ser um exercício multidisciplinar que envolve conhecimentos lógicos, tecnológicos e linguísticos. No caso desta Monografia o recurso de comunicação é a semântica, no caso deste capítulo o uso de linguagem é a poética e os conhecimentos envolvidos são os linguísticos.

Quadro II - Definições de afetação

Dicionário	Ano da Edição Consultada	Editora / Unidade De Lexicografia	Definições de Afetação
Novo Aurélio: O Dicionário da Língua Portuguesa do Século XXI	2010	Positivo	1 Ato ou efeito de afetar(-se); 2 Falta de Naturalidade; amaneiramento 3 Fingimento; falsidade; 4 Vaidade, presunção;
Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa	2009 (ano da última edição)	Instituto Antônio Houaiss	1 ausência de naturalidade, modo artificial de ser; amaneiramento 2 exageração de sentimentos; atitude fingida, falsa 3 desejo de atrair admiração; vaidade, pedantismo, presunção 4 ônus que recai sobre um bem para garantir uma obrigação; ato que dá destino a um bem público 5 maneirismo;
Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa	2015 (ano da última edição)	Melhoramentos Ltda	1 Ato ou efeito de afetar(-se) 2 Fingimento ou exageração de sentimento; artificialismo, simulação 3 Desejo de atrair admiração; vaidade. 4 Ausência de naturalidade; solenidade. 5 Modo artificioso de estar, falar ou proceder

Fonte: Elaborada por Débora de Abreu e Silva (2019)

Em seu texto e de Cláudia Storino *Museu, Patrimônio e Cidade: camadas de sentido em Paraty* (2014), primeira das três obras de Chagas (sendo duas delas com coautoria), que foram postas anteriormente para serem analisadas, discorre-se sobre uma espécie de papel de estratégia a qual os museus apresentam em relação à preservação de cidades históricas abrangidas na categoria de patrimônio.

Mário Chagas e Cláudia Storino (2014), apontam que essas referidas cidades são verdadeiros lugares de memória e de esquecimento, de poder e de resistência. Correlacionalmente a isso, os museus são compreendidos pelos autores como ambientes especiais para práticas sociais.

A pesquisa concentra-se no Museu de Arte Sacra, situado na cidade de Paraty, Brasil, uma cidade-patrimônio³⁴. Ao se adentrar pela poética deste texto de Mário Chagas e Cláudia Storino (2014), é possível realizar primeiras alusões ao sentido de *afetação*.

A *afetação* se insere na linguagem e na forma do texto, não havendo a presença do termo *afetação* em si, mas sim de alguns vocábulos ligados lexicalmente a *afetação*, por tanto será feita uma análise da linguagem do texto e dos termos que correspondem a *afetação*.

Primeiramente, Mário Chagas e Cláudia Storino integram o sentido de *afetação* às ações relacionadas a atmosfera da preservação, dos museus, do patrimônio e de patrimônio, sendo essas referidas palavras as palavras-chave da obra. De início, no sentido de reação às práticas que envolvem a atmosfera dos museus e das cidades patrimônio, aliando-se aqui a acepção de *afetação* do *Novo Aurélio* (2010), isto é, reações aliadas ao efeito de afetar(-se). Uma visualização disso é a alusão que eles fazem dos Museus como:

antros de relação e dispositivos de narração que se constroem por meio de espacialidades, temporalidades, imagens, informações, vivências e convivências tratadas, em simultâneo, como bens, representações e manifestações culturais (CHAGAS; STORINO, 2014, p. 72)

Já indo em acordo as definições do dicionário *Michaelis* (2015), de maneira geral, um antro seria um local sombrio e profundo que serve de covil às feras; um lugar perigoso; covil; uma casa de vícios e de perdição, dentre outros significados.

Diante disso tudo, a partir do texto de Mário Chagas e Cláudia Storino (2014), pode-se dizer que o termo *afetação* apresenta, de acordo com os anteriormente dispostos significados, uma conotação geral de ações e reações por vias de sentimentos passionais e virtuais, e talvez uma mistura desses dois. Com isso, um antro pode certamente conceber esse tipo de ações e reações, e à luz de Mário Chagas e Cláudia Storino (2014), um Museu também pode ser tido como um cenário para essas ações e reações.

³⁴ De acordo com Danilo Celso Pereira (2015), uma cidade-patrimônio seria cidades salvaguardadas em uma geografia de políticas públicas de preservação do Brasil. Essa pesquisa abraça esse sentido de cidade-patrimônio.

A afetação também aparece no tom de escrita³⁵ desses autores, de maneira geral. Como no caso de antro, essa acepção também perpassa a perspectiva crítica que o autor e a autora apresentam perante práticas sociais que se reduzem às restringidas (e porque não dizer afetadas) determinações patrimoniais.

Neste referido texto os autores abordam, por exemplo, o conceito de arte sacra. Mário Chagas e Claudia Storino (2014), nesse sentido muito mais aproximados do latim, ao ângulo intrínseco de afetação (aspiração, busca, pretensão e não de fingimento e modo artificioso de proceder) determinam aparentemente sob um tom afetado que:

(...) o conceito de arte sacra necessita de (...) revisão. No mundo contemporâneo, a manutenção de um conceito contrário à diversidade cultural, que considera como arte sacra a arte produzida no âmbito de apenas uma experiência religiosa, não colabora para o espírito de respeito às diferenças e tende a produzir discriminação e preconceito em relação a outras religiões e suas correspondentes experiências e práticas poéticas. Ainda assim, o Museu de Paraty guarda (...) possibilidades de conexão com as experiências universais de religiosidade. (CHAGAS; STORINO, 2014, p. 74)

Na literalidade do texto (CHAGAS; STORINO, 2014) aparecem os seguintes vocábulos que fazem relação lexical com afetação: “afetiva” (palavra de gênero feminino relativa ao substantivo masculino afetivo), duas ocorrências para “afetar” (ela em si, uma enquanto verbo e outra em “afetam”, verbo em concordância verbal com a terceira pessoa do plural) e duas ocorrências de “afetos” (substantivo masculino ligado a palavra afeto no plural).

No primeiro vocábulo, “afetiva”, Mário Chagas e Claudia Storino (2014) o inserem quando abordam sobre como é possível compreender as cidades além de sua materialidade e corporeidade, eles o fazem colocando a perspectiva de João do Rio em *A alma encantadora das ruas: crônicas*, de 1997, mais especificamente na explicação sobre o termo mentefatos, colocada por Mário Chagas e Claudia Storino (2014), para interpretar a percepção de João do Rio (1997) sobre cidade, eles explicam que a cidade enquanto *mentefato* (neologismo utilizado por Ubiratan D’Ambrósio em *Da realidade à ação: reflexões sobre a Educação (e) Matemática*, de 1988) seria um local de vida social “com fatos ou produções mentais, incluindo (...)”

³⁵ De acordo com Fabiano Cancela (2018) o tom de escrita seria a maneira que um autor tem de comunicar sua mensagem; seu estilo e maneirismos; posicionamento e atitude em relação ao leitor.

manifestações afetivas e cognitivas (...) de valores, (...) saberes e fazeres (...) religiões (...) filosofias, ideologias e ciências (...).” (CHAGAS; STORINO, 2014, p. 76).

O segundo vocábulo, “afetar”, (CHAGAS; STORINO, 2014, p. 80) foi utilizado para: tratar sobre os impactos do ciclo de desenvolvimento econômico e de mudanças sociais ocorridas desde o tombamento pelo IPHAN do conjunto arquitetônico e paisagístico da cidade de Paraty no Livro do Tombo das Belas Artes e no Livro do Tombo Arqueológico e da posterior extensão da Rodovia Rio-Santos a Paraty.

O terceiro vocábulo, “afetam”, (CHAGAS; STORINO, 2014, p. 83) foi utilizado para se tratar sobre como bens comuns afetam a vida social de uma cidade e as práticas patrimoniais. Mário Chagas e Claudia Storino (2014) entendem que bens comuns (modalidades energéticas, como a água e o fogo) transcendem circunscrições patrimoniais ligadas, de acordo com eles, aos limites do público, privado e de interesses particulares e mercantilistas, muitas vezes alheios a vidas e práticas sociais fraternas.

Para o quarto vocábulo, “afeto”, Mário Chagas e Claudia Storino (2014) pegaram emprestado ideias de Vladimir Sibylla Pires (2014), sobre bens comuns para o social dentro da dinâmica do que se concebe por patrimônio. Para o autor, à luz de Vladimir Sibylla Pires (2014), o afeto deveria ser um bem comum, como a água ou o fogo.

Para o quinto vocábulo, “afetos”, Mário Chagas e Claudia Storino (2014) colocam o afeto como um bem que deve ser compartilhado entre cidade e museu, assim como o acervo do Museu de Arte Sacra, simultaneamente a realidade das práticas sociais que vão além da materialidade e de pretensões de circunscrição de patrimônio.

A segunda obra a ser analisada, a qual é organizada por Mário Chagas e Vladimir Sibylla Pires, intitulada *Território, museus e sociedade: práticas, poéticas e políticas na contemporaneidade* (2018) é composta por textos de diversos autores (inclusive de Chagas). São eles: Vladimir Sibylla Pires, Peter Pál Pelbart, Aparecida Rangel, Maria Célia Teixeira Moura Santos, Carmen Maya, Pedro Cláudio Cunha Bocayuva, Aparecida Rangel, Maria Célia Teixeira Moura Santos, Carmen Maya, Luiz Guilherme Vergara, Davy Alexandriski, Edmundo Pereira, Geo Britto, Jadir Anunciação de Brito e Camila Maria dos Santos Moraes.

De maneira a apresentar os índices temáticos da obra, e não a ordem sequencial dos assuntos, esta obra trata basicamente sobre: Museus, Museus em

realidades de experimentação, Museologia, Museologia frente a fenômenos urbanos, Museologia Social, questões sociais e territoriais, memória, sociedades, poéticas contemporâneas, escolas de pensamento contemporâneo, Cinema, teatro, mediação de discursos imagéticos, práticas poéticas e políticas no Núcleo de Arte Contemporânea da Paraíba e representação fonográfica entre os povos *Tikuna*.

Ao longo do texto Mário Chagas e Vladimir Sibylla Pires (2018) identificam-se 50 referências de termos relacionados lexicalmente a afetação (incluindo-se repetições). Contudo, a fim de se pretender uma afinação com a linguagem própria de Chagas nesta obra, os textos que concernem a redação de Chagas (e Vladimir Sibylla Pires) são os de abertura *Território, museus e sociedade* (CHAGAS; PIRES, 2018, pp. 9-24) e o de encerramento *Sociedade, museus e território* (CHAGAS; PIRES, 2018, pp. 285-299) do livro.

Nesses dois há a ocorrência de 20 termos lexicalmente relacionados a afetação (incluindo-se repetições).

A tônica latina (latim) de aspiração e desejo e o uso repetido de vocábulos relacionados a afetação, de Mário Chagas e Vladimir Sibylla Pires (2018), se incidem sobre o que eles exprimem sobre as intrincadas realidades entre sociedade, museu e território. A organização desta obra, isto é, a escolha desses autores e da conformação de seus textos, apresenta como eixo em comum essa semântica do afetar(-se). Esses autores partilham dessa realidade de ações e reações emocionais e virtuais que reverberam em realidades sociais, museais, territoriais e patrimoniais que baseiam a coordenação de Chagas sobre as textualidades.

Na terceira obra (apostila de curso) de Chagas a ser analisada, intitulada *Uma introdução à Museologia Social*, também de 2015, observa-se a ocorrência de (vinte e dois), 22, termos relacionados lexicalmente e semanticamente a afetação (incluindo repetições).

Esta apostila (CHAGAS, 2015) constitui-se por um conjunto de textos advindos de trabalhos coletivos e de autores refletiram sobre práticas da Museologia Social e do Patrimônio Cultural. Chagas procurou contribuir para indivíduos que buscassem conteúdos de natureza cultural, científica e cidadã. Para Mário Chagas (2015) esse curso se direciona àqueles que não tenham medo de afetar e ser afetados por processos museais e patrimoniais de origem popular e comunitária.

Mais uma vez visualiza-se, portanto, a presença do afetar(-se). E isso se insere aqui não apenas na literalidade do texto como na delimitação metodológica deste curso de Chagas.

Esse tipo de arquitetura semântica pode condensar, portanto, um sentido para o que se pode pensar sobre conceitos-chave da Museologia. Ademais, a linguagem de especialidade da museologia, introduzida anteriormente, perpassa as três obras; a cientificidade e o arranjo de conceitos da Museologia estão presentes assim como a tônica do texto faz-se transversal e complementar a eles, isto é, o afetar-se pode ser tido como um qualificador conceitual das obras de Chagas.

Com relação às definições de afetação, diante das obras aqui analisadas, viu-se aproximações para o sentido semântico do Latim assim como para os das definições contemporâneas de afetação. Não obstante, observa-se que as possíveis aproximações com os dicionários contemporâneos seriam a partir do ato ou efeito de afetar(-se), vaidade e solenidade.

A partir desse primeiro apontamento é possível verificar então que houve contribuição semântica do Latim e das correspondências contemporâneas para o português. Epistemologicamente (não apenas poeticamente) é possível pensar uma assimilação de afetação como conceito sistematizável a uma linguagem de especialidade da Museologia. Não querendo com isso entrar em méritos epistêmicos, mas sim, com essa possível assimilação, se haver uma pequena via de assimilação de diferentes realidades linguísticas em perspectiva à semântica museal.

É possível dizer que Chagas é tido como um dos baluartes teóricos da Museologia, inegavelmente admirado, muitíssimo citado por outros acadêmicos e considerado como agente intelectual imprescindível, principalmente, à Museologia social brasileira e a sua formação.

De acordo com Clovis Carvalho Britto (2019):

(...) Mario Chagas soube mobilizar um conjunto de táticas e estratégias visando materializar suas propostas museológicas em políticas públicas no Brasil e, ao mesmo tempo, produzir a crença em seu nome. (...) ele fundou a Revista Brasileira de Museus e Museologia (MUSAS) e [o] Programa Editorial do Instituto Brasileiro de Museus, (...) que (...) reverberaram o pensamento de Museologias Indisciplinadas, incluindo sua própria produção intelectual. Trata-se, assim, de admitir a fabricação de espaços importantes de circulação e legitimação de discursos, e, ao mesmo tempo, de reconhecimento da trajetória de determinados agentes e pautas em torno de leituras sobre as Museologias. (BRITTO, 2019, pp. 190-191)

Contudo, apesar dessa notoriedade, a problemática conceitual da Museologia acaba também, de certa maneira por transpassar Chagas.

A questão da cientificidade e de um amadurecimento epistêmico e semântico para a Museologia também está ligada a histórica e sociológica problemática entre “a linguagem do poder e o poder da linguagem” (SILVA, 1998, p.92), isto é, ligada a – de acordo com conceitos mobilizados por Mauricio Silva (1998) – ideários linguísticos, a preciosismos gramaticais; a purismos e preconceitos linguísticos; a tentativas pseudocientíficas de balizar usos populares (ou até mesmo de engessar alguns em detrimento epistêmico de outros), a busca de uma cientificidade que perde-se em preconceitos e uma aparente insensibilidade de apreensão de possibilidades semânticas.

Por fim, é observável que a assimilação de diferentes ponderações poéticas e de linguagem pode ser tida como relevante agregadora de novos enlaces conceituais e epistemológicos para a Museologia, os quais se derivam dessa *imaginação museal afetada* de Mário Chagas; desse importante autor da Teoria Museológica brasileira contemporânea.

Capítulo 3 - A experiência em Bruno César Brulon Soares

3.1 - Bruno César Brulon Soares e a leitura decolonial

Museologia, Antropologia e História. Segundo informações curriculares disponibilizadas na Plataforma CNPq (BRULON, 2019), essas são as três grandes áreas sobre as quais Bruno César Brulon Soares – também conhecido (e citado) como Bruno Brulon – se compôs enquanto intelectual, acadêmico e cientista, e por quê não dizer, enquanto pessoa³⁶.

Em um primeiro resumo de sua vida acadêmica e intelectual, Bruno Brulon bacharelou-se em Museologia (2006), bacharelou-se e licenciou-se em História (2011), tornou-se mestre em Museologia e Patrimônio (2008) e Doutor em Antropologia, sendo a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio), o Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da UniRio e do Museu de

³⁶ Assim como no capítulo anterior, pessoa está sendo entendida aqui enquanto *Ser* consciente de si mesmo; ser com identidade própria.

Astronomia e Ciências Afins (UniRio/MAST) e a Universidade Federal Fluminense (UFF) as instituições e instâncias acadêmicas formadoras, consecutivamente.

Dentro desse universo acadêmico e a partir dessa primeira ordenação de áreas, determinada por Bruno Brulon (2019), é possível inferir diferentes informações e proposições biográficas e acadêmicas acerca do mesmo.

A Museologia participou de seus inícios acadêmicos e profissionais e perpassou esses seus diferentes graus de formação, contudo sobre ênfases e qualidades diferentes. A Teoria Museológica, a Museologia Experimental³⁷, os Ecomuseus e Museus Etnográficos, a Descolonização da Museologia e dos Museus, a História dos Museus e a História da Museologia como Campo Disciplinar, segundo informações de Bruno Brulon (2019), são as ênfases modulares de suas pesquisas, produções e entendimentos acadêmicos e intelectuais como um todo.

Diante desse último parágrafo, é válido se debruçar sobre o conceito de Museologia Experimental, corroborando-se então para uma compreensão biográfica e acadêmica de Brulon.

De acordo com Bruno, a partir do *Blog História da Museologia* e site organizado por ele e que será apresentado posteriormente, o conceito de Museologia Experimental seria

ramo da Museologia que se desenvolveu internacionalmente depois dos anos 70, entendendo os museus como processos sociais baseados na experiência humana sobre um dado território ou espaço socialmente construído. Ela tem a sua origem no movimento da Nova Museologia, e mais particularmente na associação que o precedeu na França, intitulada Museologia (nova) e Experimentação social, datando de 1982. (BRULON, 2017, p.1)

Bruno Brulon (2017) aponta que a Museologia Experimental pode ser compreendida como um método de natureza empírica para o processo de experiências museais concebidas por experimentação social,

Em seu Grupo de Pesquisa Museologia Experimental e Imagem (MEI) da UniRio, (o qual será melhor analisado posteriormente) Brulon entende a Museologia Experimental como um mecanismo que visa "balizar as atividades propostas visando ressignificar as relações de grupos socialmente vulneráveis com aquilo que reconhecem por seu patrimônio" (BRULON, 2019, p.1). Nesse âmbito, o estudioso

³⁷ Esse conceito será analisado ao longo do capítulo.

(BRULON, 2019) compreende a Museologia Experimental como um caminho para se entender a Musealização, contemplando-a como um processo de partilha, de apreciação de objetos, memórias e testemunhos.

Dentro do MEI, a Museologia Experimental acontece através de procedimentos de intervenção ligados à, por exemplo:

atos e encenações; performances; rodas de conversa; oficinas; visitas experimentais; gravação de testemunhos em formato digital; organização de exposições em espaços socialmente desvalorizados no contexto da cidade do Rio de Janeiro; e outras atividades de cunho museológico que tem como finalidade romper com as hierarquias tradicionalmente construídas pelos museus e patrimônios "oficiais". (BRULON, 2019, p.1)

Bruno Brulon (2017) entende que a Museologia Experimental advém também de uma teoria reflexiva (ou metamuseologia) a qual, para ele, concebe-se por uma investigação de múltiplos atores circundados no processo social da musealização. Através do MEI, esse aspecto atrela-se a uma espécie de comprometimento da Museologia Experimental com um posicionamento crítico sobre a produção de valores museais.

Portanto, tanto o Grupo de Pesquisa Museologia Experimental e Imagem da UniRio quanto a própria noção de Museologia Experimental, visam subsidiar processos museológicos experimentais vinculados à valorização de patrimônios culturais, principalmente os que fazem referência à culturas e à narrativas tidas por Brulon como silenciadas por discursos hegemônicos, as quais para ele "ignoram as formas de saber-fazer museu de atores e grupos que vivem no espaço urbano". (BRULON, 2019, p.1)

Brulon assimila que a Museologia e os entendimentos sobre museus podem ser compreendidos e problematizados através de um método de natureza experimental e social e reflexiva, captando e analisando a partir desse método, não somente experiências museais como também atores da musealização, projetando-se um afinamento de posicionamentos críticos ligados aos então valores museais.

Bruno Brulon aponta também que a experimentação social (característica, pode-se dizer, medular da Museologia Experimental):

permite abordagens que vão da prática à teoria e da teoria à prática, implicando tanto em métodos sincrônicos quanto nos diacrônicos para a percepção integral dos fenômenos museais. (BRULON, 2017, p. 1)

Algo interessante que se desperta do conceito de Museologia Experimental é que Brulon envolve-se em um trabalho de valorização de patrimônios culturais, de memórias, de testemunhos, da compreensão sobre Musealização e valores museais tanto a partir da própria Museologia Experimental e do Grupo de Pesquisa Museologia Experimental e Imagem, quanto da utilização de terminologias e noções semânticas que instrumentalizam essa sua postura experiencial em suas obras, observando-se então um primeiro vislumbamento da *experiência em Bruno César Brulon Soares*, a qual se desdobrará ao longo do capítulo.

É crível afirmar que Bruno decanta e apreende a Museologia em suas dimensões antropológica, teórica, experimental e histórica. E ele atua enquanto acadêmico, estudioso, professor, coordenador e editor nos temas: “Museu, Museologia, Musealização, Sociedade, Patrimônio, Ecomuseu, Museus Etnográficos e Descolonização” (BRULON, 2019, p.1).

É possível interpretar que essa espécie de decantação pode ser entendida como tendo algumas importantes características, ou melhor, relevantes elementos conjunturais: a leitura e a tônica decolonial³⁸ e experiencial³⁹ e o perscrutamento semântico e linguístico.

Primeiramente, faz-se necessária uma observação sobre leitura decolonial, da qual Bruno Brulon concebe a sua. Segundo os estudiosos Maurício de Novais Reis e Marcilea Freitas Ferraz de Andrade em *O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas* (2018) é possível alcançar que a leitura decolonial (sendo pensamento e leitura compreendidos aqui em um mesmo sentido) pode ser compreendida como:

problematizar a manutenção das condições colonizadas da epistemologia, buscando a emancipação (...) de (...) tipos de opressão e dominação, ao articular interdisciplinarmente cultura, política e economia de maneira a construir um campo (...) de pensamento que

³⁸ Para este capítulo, prefere-se utilizar o termo “decolonial” e não “descolonial” (na língua inglesa *decoloniality*). pelos mesmos motivos da estudiosa Catherine Walsh (2009). A autora prefere utilizar o termo “decolonial”, subtraindo o “s”, para indicar uma diferenciação com a acepção de descolonizar em seu sentido, pode-se dizer, clássico. A intenção não é dissipar o colonial ou revertê-lo, isto é, superar o momento colonial por um momento pós-colonial. A intenção aqui é a de ocasionar um posicionamento contínuo de reconsideração e de problematização. O decolonial implica, pode-se dizer, em um processo contínuo.

³⁹ Neste capítulo, entende-se o sentido de experiencial como algo que “se desenvolve ou pode ser ocasionado a partir da experiência; cuja essência tem teor experimental.” (RIBEIRO, 2009, p.1) e como algo que “que concerne à experiência; que deriva da experiência” (HOUAISS, 2009). A partir dessas significações, a leitura e a tônica experienciais de Brulon evidenciam-se a partir de seus ímpetus intelectuais de busca teórica e de suas experiências profissionais que enlaçam, conjuntamente às suas obras teóricas, sua personalidade acadêmica.

privilegie os elementos epistêmicos locais em detrimento dos legados impostos pela situação colonial. (REIS; ANDRADE, 2018, p. 3)

Agora, quanto à historicidade da concepção de descolonização, de acordo com Maria Paula Meneses a descolonização “é um dos elementos fundadores do século XX, embora a sua importância tenha sido subestimada pelos múltiplos silêncios e omissões das macronarrativas históricas” (MENESES, 2016, p. 40).

Já para a historicidade do conceito decolonial, de acordo com Manoela Corrêa Leda em *Teorias Pós-Coloniais e Decoloniais: Para Repensar a Sociologia da Modernidade* (2015) esta nasce de um projeto de decolonialidade. Segundo a autora:

A crítica ao eurocentrismo teórico das ciências sociais ganha no projeto do grupo latino-americano Modernidade/Colonialidade a sua configuração mais recente. Tal associação começou a se constituir em 1998 (...) Escorado em cânones ocidentais do pós-estruturalismo e pós-modernismo – Foucault e Derrida – o grupo (...) dividiu-se entre aqueles que consideravam a subalternidade como parte (...) dessas abordagens e aqueles que reivindicavam maior radicalidade da crítica anti-eurocêntrica e (...) uma ruptura com o esquema epistêmico ocidental. (GROSFOGUEL, 2008, p.116) Devido às divergências teóricas, o grupo se decompôs, dando origem ao projeto da decolonialidade. O novo grupo arquitetou-se a partir dos diálogos e publicações de intelectuais de (...) países da América Latina, dentre os quais se encontram Enrique Dussel, Immanuel Wallerstein, Edgardo Lander, Anibal Quijano e Walter Mignolo. (LEDA, 2015, p. 112)

Voltando a Maria Paula Meneses (2016), vê-se uma relevante interpretação sobre descolonização, a qual pode corroborar com o sentido da leitura decolonial de Brulon:

No campo ontológico, a descolonização passa pela renegociação das definições do ser e dos seus sentidos, aliando a democratização à descolonização. Esse desafio cognitivo contesta o privilégio epistêmico do Norte global, abrindo o mundo a outros saberes, narrativas e lutas, contadas a múltiplas vozes. (MENESES, 2016, p. 26)

A partir de informações depreendidas e apuradas de seu currículo *Lattes*⁴⁰, a leitura decolonial de Bruno Brulon (2019) apresenta-se entre algumas das ênfases de pesquisa e de âmbito profissional e acadêmico, são eles: fato colonial, categorias de valor colonial, crítica decolonial, processos de descolonização, *Descolonização da Museologia*, *Descolonização do pensamento Museológico*, museologia em contextos

⁴⁰ Neste Capítulo, a pesquisa acerca dos dados do currículo de Bruno Brulon (2019) iniciou-se em meados de 26 de Abril de 2019. A versão, aqui utilizada, da atualização feita por Brulon em seu currículo *Lattes* é datada de 7 de Abril de 2019.

coloniais, Museus em contextos coloniais, Museus Etnográficos e Descolonização, musealização e descolonização, descolonização da teoria museológica, descolonização do pensamento museológico e patrimônio e colonialidade.

Portanto, substancialmente, a leitura decolonial de Brulon se faz enquanto posição político-intelectual que propõe uma problematização e resignificação de relações de dominação, as quais podem assujeitar, prender, controlar, subjugar e monopolizar outros através de uma ocupação de caráter predatório.

É concebível afirmar que Brulon desdobra esse sentido tanto dentro do estrito pensamento de colonização (colonização histórica, por exemplo) quanto dentro de outras interpretações do que pode ser colonizado ou descolonizado (conotativamente, por exemplo), principalmente quando Brulon engendra uma forte retórica de descolonização dos Museus e da própria Museologia.

Exemplificando esse viés de Brulon, em sua tese *Máscaras guardadas: musealização e descolonização* (2012) ele atesta que:

No caso da França, é impossível negar a influência da colonização no desenvolvimento dos museus. Estes foram, por muito tempo, financiados e comandados pelo império colonial, servindo aos interesses da metrópole. Considerando que a expansão europeia, particularmente a que se deu no decorrer do século XIX, teve consequências brutais na história 'alterada' dos povos que ela tocou (...) a condição de "assujeitamento" que lhe era decorrente, condicionou de forma avassaladora as reações e as identidades desses povos "dependentes", bem como de outros povos já emancipados. O conjunto de movimentos posteriores que buscaram alternativas às relações de dominação que decorreram de tal expansão e que foram estabelecidas neste contexto, pode-se chamar de descolonização. (BRULON, 2012, pp. 38-39)

A tônica decolonial de Bruno César Brulon Soares se evidencia, pode-se dizer, sob a própria origem e explicação crítica a qual perpassa o sentido de decolonial, caracterizando Brulon como um importante estudioso o qual define e estuda esse sentido.

Neste mesmo texto *Máscaras guardadas: musealização e descolonização* (2012), por exemplo, vê-se as seguintes indicações ao que ele propõe para a descolonização, e por assim dizer, para o sentido decolonial:

Quadro III - Trechos que remetem ao sentido decolonial e a descolonização

Trechos que remetem ao sentido decolonial e a descolonização	Paginações, consecutivamente
"(...) tentativas do final do século XX de se 'libertar' a museologia de relações de dominação"	(BRULON, 2012, p. 5),
"(...) processo de fricção dos estados colonizadores com as colônias, no momento em que o discurso 'dominante' lançava tentativas de remediar as consequências da situação colonial"	BRULON, 2012, p. 40
"(...) processos de libertação plena dos sistemas de dominação instaurados"	BRULON, 2012, p. 40
"(...) análise (...) da própria visão dos dominantes sobre si mesmos (...) "	BRULON, 2012, p. 40
"(...) perspectiva sobre as relações coloniais e seus desdobramentos no presente que reconhece os múltiplos interesses nelas investidos e a complexidade das redes de poder em que se inserem"	BRULON, 2012, p. 41
"(...) antropologia reflexiva, pela eclosão de múltiplos movimentos sociais e pelas novas ideias sobre inclusão social e descolonização (...) "	BRULON, 2012, p. 42
"(...) autonomização dos grupos de onde provinham os seus objetos (...) nos processos de musealização dos centros de cultura (...) "	BRULON, 2012, p. 42
"(...) libertar os Outros das amarras de um passado que, ao ser ignorado, liberta tanto os dominados quanto os dominadores de sua culpa e responsabilidade"	BRULON, 2012, p. 244
"(...) revolução (...) na (...) ideia de musealização"	BRULON, 2012, p. 292
"(...) narrativas críticas sobre o (...) contexto colonial"	BRULON, 2012, p. 424

Fonte: Elaborada por Débora de Abreu e Silva (2019)

Coincidentemente, esses sentidos vinculados a essa obra (BRULON, 2012) podem ser depreendidos da vida acadêmica e científica de Bruno Brulon como um todo. Sendo visualizadas, por exemplo, em outras obras de Bruno como: *Musealização e Descolonização: observando a mudança social a partir da axiologia museal* (2015), *Paisagens culturais e os patrimônios vividos: vislumbrando a descolonização, para uma musealização consciente* (2017), *Quando as coleções de*

museus criam conexões: reflexões sobre Musealização e Descolonização no Musée du Quai Branly (2016), Descolonizando o pensamento museológico: museu e patrimônio como categorias de valor colonial (2017).

Ademais, de maneira corroborativa a essa pesquisa sobre Brulon, é possível determinar então, de acordo com Maria Paula Meneses (2016):

a descolonização é um conceito que se traduz em sentidos mais amplos que a conquista da independência ou a transferência de poderes. A descolonização inclui a análise de lutas, de compromissos, de acordos e de resultados, o repensar dos aspectos fundamentais, de quem tem o poder e como o utiliza. (MENESES, 2016, p.40)

Portanto, um dos caminhos encontrados por Brulon para sua leitura decolonial foi o da descolonização. Porém, é razoável dizer que seu crivo não é somente uma meta descolonizadora, com relação à suplantar resquícios coloniais. Isto é, a leitura de Brulon não se refere apenas a aplacar a roupagem europeia aglutinada nos processos de musealização, por exemplo, mas sim de construir (e reconstruir) epistemologias.

Além do mais, é possível afirmar, que sua retórica de descolonização se confirma a partir de uma visão experiencial e contínua, não somente a partir de uma visão teórica e crítica, utilizando Brulon de suas experiências profissionais e acadêmicas para corroborar e elucidar seus ideais decoloniais, optando-se para o próximo tópico deste capítulo pelo vocábulo *experiência* (enquanto termo e enquanto sentido tônico da textualidade de Brulon).

Agora, sua leitura experiencial pode ser verificada a partir de dois aspectos: enquanto especificidade de suas pesquisas e enquanto metodologia de discurso. Enquanto modo, de acordo com dados de sua carreira Bruno Brulon (2019) apresenta um forte trabalho com experimentalidades, principalmente vinculadas a Museologia, sendo ele: coordenador do MEI da UniRio, desde o ano de 2014 e coordenador do Laboratório de Museologia Experimental (LAMEX), também da UniRio desde 2017.

O MEI pode ser tido como um importante assunto que dinamiza essa característica experiencial aqui atribuída a Bruno.

Este Grupo de Pesquisa, de acordo com o *site* oficial da UniRio (2019) e com o que já foi arrolado no capítulo sobre Museologia Experimental, trabalha com reflexões acerca do campo da Museologia e promove pesquisas ligadas à Museologia Experimental, a partir de experimentação social em processos museológicos e de uma aplicação da Teoria da Museológica.

Neste grupo há também um trabalho com análise da *práxis* museal e de sua presença na construção do campo museológico, verificação de casos experimentais ligados à uma confirmação ou alteração da teoria da Museologia e sua finalidade e estudos sobre imagens.

Neste Grupo, verifica-se então o tipo de direcionamento dentro da Museologia o qual Brulon se dispõe, tanto enquanto especificidade de suas pesquisas (museologia de caráter experimental e análise da *práxis* museal) e enquanto metodologia de discurso (experimentação social e Teoria Museológica).

Além do MEI, Brulon também participa do que pode ser tido como um grande projeto para a Museologia brasileira, o *Blog História da Museologia* pertencente e advindo do grupo *Memória e Preservação da Museologia no Brasil*, o qual está sob responsabilidade de Bruno Brulon. O referido grupo buscava compreender correntes do pensamento museológico

De acordo com a apresentação do próprio *site* (BRULON, 2017), no ano 2016, a partir de pesquisas da então intitulada iniciação científica *História da Museologia: o pensamento museológico na estruturação de um campo do saber*, a qual era ministrada pelo professor Brulon dentro da graduação em Museologia, na UniRio, e por meio da contribuição do grupo MEI surge então este *Blog*.

Em resumo, o *site* tem o objetivo de ser uma ferramenta de divulgação científica de caráter acessível e com relevância acadêmica para as universidades brasileiras.

O projeto também faz parte do Programa de Ensino Tutorial da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PET-UniRio), o qual é promovido por edital da Pró-Reitoria de Graduação da UniRio, desde março do ano de 2017.

Em geral, a especificidade de suas pesquisas se visualiza também sobre seus trabalhos ligados a experimentação social, a ensino experimental, a museologia e experiência urbana e a experiência religiosa em exposições museológicas.

Sendo esses os títulos, por exemplo, de alguns de seus trabalhos que abarcam essa qualidade experiencial: *O Ecomuseu e seu Público: A Experiência do Visitante, entre Objetividade e Subjetividade* (2013), *O Novo Museu, a Nova Museologia e a experiência museológica* (2008), *Museums as theme parks: from the informational paradigm to the reflexive experience* (2015), *Práticas, ensino e reflexões de Waldisa Rússio: um caminho experimental em direção à Museologia* (2017), *A Museologia Experimental: entendendo o museu como dispositivo social* (2017).

Seu histórico profissional revela também seu caráter experiencial. Com registros profissionais do ano de 2006 até atualmente, nos seguintes segmentos e entidades:

- Conselho Regional de Museologia 2ª Região, COREM, Brasil;
- UniRio, UFF, Brasil;
- International Council of Museums, ICOM, França;
- Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales, EHESS, França;
- Associação Cultural de Amigos do Museu do Folclore Edison Carneiro, ACAMUFEC, Brasil;
- Museo. Museologia e Museografia., MUSEO, Brasil;
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - DF, IPHAN/DF, Brasil;
- Reserva Técnica do Museu Naval, IF, Brasil;
- Universidade de São Paulo, USP, Brasil;
- Colégio Estadual Joaquim Távora, CEJT, Brasil;
- Escola Municipal Prof. Francisco Portugal Neves, EMFPN, Brasil;
- Museu Histórico Nacional, MHN, Brasil e Museu da Diversidade Sexual, MDS, Brasil.

Em *Quando o Museu abre portas e janelas: O reencontro com o humano no Museu contemporâneo* (2008) e em *Máscaras guardadas: musealização e descolonização* (2012) é possível visualizar o caráter experiencial enquanto metodologia de discurso. Na primeira, Bruno Brulon (2008) analisa mudanças ocorridas na concepção de Museu e das novas experiências que se sucederam ao longo do século XX, ligada ao movimento (intitulado) *Nova Museologia*.

Na segunda obra, Bruno Brulon (2012) investiga processos de musealização na França a partir de categorizações antropológicas “os museus dos Outros” e “os museus de Si”. Brulon reflete sobre as especificidades e a historicidade dessas categorias com base em um estudo de museus etnográficos tradicionais e ecomuseus. Nessa pesquisa, Bruno Brulon, através de uma análise etnográfica e histórica, procurou entender os processos de musealização do *Musée du quai Branly*.

Diante dessas obras, é possível conjecturar que esse caráter experiencial ao se perceber que Bruno Brulon se apoia nas qualidades experimentais de prognósticos e conceituações de pesquisa, verificando desde reverberações axiológicas até a variabilidade de discursos, preocupando-se com um estudo exploratório.

A tônica experiencial de Brulon pode ser conjecturada a partir da aparente curiosidade e do sentimento investigativo (pode-se dizer) que Bruno Brulon apresenta em seus textos, e a partir do casamento que ele estabelece entre conceitos *do* e para o campo museal e vivências realizadas. Exemplos de obras: *Museology and the Sacred: Every museum has a God, or God is in every museum?* (2018) e *O museu para a sociedade: uma instância educacional e comunicacional, ou um espaço para as elites com seu rico passado material?* (2006).

O perscrutamento semântico e linguístico é verificável, a partir de informações curriculares de Bruno Brulon (2019) em sua posição intelectual de investigação da dimensão axiológica e epistêmica, ligada à e para a Teoria Museológica e a certas dimensões do campo museal. São exemplos desse caráter obras como *Musealização e Descolonização: observando a mudança social a partir da axiologia museal* (2018), *História da Museologia: o pensamento museológico na estruturação de um campo do saber* (2018), *Metamuseologia: a terminologia em debate* (2014).

A partir da entrevista ao estudioso André Desvallés realizada por Bruno Brulon, que está contida nos *Anais do Museu Histórico Nacional* (BRULON 2012;2015), é possível deduzir algumas características biográficas à Brulon assim como visualizar um pouco desse perscrutamento.

Em síntese, suas questões feitas a Desvallés (BRULON 2012;2015) contornam os seguintes pontos:

- Quando Desvallées utilizou pela primeira vez o termo “Nova Museologia” e qual era o sentido inicial do termo?
- Quais as relações que se pode apontar entre movimentos de cunho sócio teórico criados nos anos 1980?
- Como o movimento “Nova Museologia” surgiu?
- O pensamento de Desvallées sobre ecomuseus em relação à arte e etnologia (Brulon introduziu a pergunta abordando que em uma parte sua tese ele discute os processos de musealização nos ecomuseus),
- O pensamento de Desvallées sobre como se deu a Museologia de Georges Henri Riviére em relação a ecomuseus?,
- Qual a concepção de Desvallées sobre ecomuseu?, sobre “museu de sociedade”? e sobre “museu social”?,
- Como Desvallées diferenciaria os pontos de vista de Georges Herri Riviere e de Hugues de Varine com relação ao conceito de ecomuseu?,
- Como Desvallées visualiza as diferentes qualificações de “ecomuseus”?,
- Como se realizou o trabalho de Desvallées em Ecomuseus?,
- Como os Ecomuseus se introduziram em contextos de estrutura institucional?,
- Como se deu a participação de Desvallées no ICOFOM?,

- Qual é o estado atual da museologia e dos museus no mundo?,
- Qual é a grande diferença entre os ditos “novos museus” e os museus tradicionais? entre os museus coloniais e os museus “descolonizados”?

Diante da natureza dessas questões e da maneira como Brulon conduz a entrevista e a partir de seus dados curriculares (BRULON, 2019), é possível alcançar que Brulon é um intelectual que demonstra uma preocupação com as origens semânticas de conceitos que podem ser tidos como caros à Teoria Museológica, procurando diferentes sentidos sobre eles, Bruno Brulon preocupa-se com a reverberação e com as reações e as experiências proporcionadas em movimentos teóricos, conceituais, acadêmicos e científicos da Museologia.

A partir de Desvallées, Bruno Brulon integraliza e dinamiza as questões de outros intelectuais os quais ratificam e implementam correntes teóricas e conceituações que podem ser tidas como emblemáticas. Esse tipo de abordagem sistêmica que busca apreender, complexificar e ampliar as dimensões epistêmicas e linguísticas do campo museal é uma característica que se vislumbra não só na retórica da entrevista como na trajetória intelectual de Brulon.

Ao abordar sobre ecomuseu e esmiuçar diferentes perspectivas e compreensões sobre o mesmo, Brulon evidencia então sua metodologia crítica acerca de narrativas históricas normatizadas. Sob um reparável olhar crítico, Brulon em outra obra *A Invenção do Ecomuseu: O Caso do Écomusée du Creusot Montceau-Les-Mines e a Prática da Museologia Experimental* (2015) expõe que o ecomuseu:

Tendo como berço a França pós-colonial, em sua origem (...) representou a utopia da democratização da memória, por meio de um mecanismo museológico inclusivo que tinha por objetivo principal o de dar a palavra àqueles que apenas raramente partilhavam da cena da História. (BRULON, 2015, p. 267).

Por fim, é possível compreender então que o perscrutamento semântico e linguístico, a tônica experiencial, a leitura experiencial, mas principalmente, a leitura decolonial e a tônica decolonial de Bruno Brulon, podem ser entendidos não apenas como características estilísticas de sua personalidade científica, teórica e profissional, mas também como um canal semântico para engendrar e apreender seus principais conceitos. Até agora, observa-se uma confirmação dos conceitos decolonial e descolonização como sendo uns dos principais conceitos mobilizados por Brulon.

Assim como foi feito no capítulo anterior deste trabalho, a fim de se estruturar as áreas (e subáreas) de conhecimento, ou melhor, os âmbitos de estudo e de

exercício profissional nos quais Brulon construiu sua formação teórica, acadêmica e profissional, assim como alguns dos seus principais conceitos (enquanto termo e enquanto noção) utilizados pelo intelectual segue-se um quarto quadro com duas sistematizações.

Nela, essas duas sistematizações apresentam as seguintes características: os âmbitos estão demonstrados a partir das informações acadêmicas de Brulon, disponibilizadas na Plataforma *Lattes*, estes âmbitos foram indexados⁴¹ um complementarmente ao outro.

Já quanto a alguns de seus conceitos, estes foram dispostos (em ordem alfabética) através de uma análise extensiva⁴² e exaustiva dos títulos das obras de Bruno Brulon, das informações seu currículo *Lattes* (BRULON, 2019) e também dos textos dele previamente propostos nesta monografia *Quando o Museu abre portas e janelas: o reencontro com o humano no museu contemporâneo* (2008), *Máscaras guardadas: musealização e descolonização* (2012) e *Stránský: uma ponte Brno-Brasil / Stránský: a bridge Brno-Brazil* (2014;2017). A seguir:

Quadro IV - Âmbitos e Conceitos em Bruno Brulon

Âmbitos	Conceitos
Ciências Humanas; Ciências Sociais Aplicadas; Antropologia; Antropologia e Educação; Descolonização; Descolonização da Museologia e dos Museus; Sociedade; Política Social; Política Social do Estado e População de Favelas; Turismo, Turismo ligado a Ciências Sociais e Patrimônio; Turismo ligado a Patrimônio Integral e Desenvolvimento; Artes; Imagem; Performance; Atividades artísticas, criativas e de espetáculos; Educação; Educação Tutorial; Letras e Artes; Linguística; História; História da Museologia; História da Museologia como Campo Disciplinar; História dos Museus; Museu; Museus; Museus Etnográficos; Museus	Ambiente; Antropologia; Arte; Axiologia; Conceito; Cultura; Cultural; Decolonial; Descolonização; Discurso; Diversidade; Ecomuseologia; Ecomuseu; Educação; Experiência; Experimental; História; Homossexualidade; Identidade; Imagem; Interdisciplinaridade; LGBTI+; Linguística; Memória; Moderno; Museal; Musealidade; Musealização; Musealizar; Museografia; Museologia; Museologia Experimental; Museological; Museology; Museu; Museum; Museu comunitário; Narrativa; Nova Museologia; Novo Museu Objeto; Outros; Paisagem; Paradigma; Passado;

⁴¹ Assim como no capítulo anterior, segundo Sueli Suga, Andrea Hayashi e Maria Conceição (2012), indexar seria um mecanismo de representação de informação através de descritores, a partir de um processo de análise. Da mesma maneira que o currículo de Chagas, o de Brulon foi analisado semelhantemente a metodização dessas autoras, utilizando informações acadêmicas para a assimilação dos âmbitos sobre as quais Brulon se debruça.

⁴² Da mesma maneira como foi abordada no capítulo anterior, a análise extensiva, é entendida aqui à luz de Susana Henriques (2012), que a determina como análise de um número alargado de unidades de amostragem (utilizou-se, também aqui, informações curriculares, linhas de pesquisa e produções) combinada com a aplicação de instrumentos de recolha de informação (utilizou-se também neste capítulo o *Write Words Counter* e uma interpretação heurística das obras de Brulon).

Etnográficos e Descolonização; Ecomuseus; Museu e sociedade; Axiologia museal; Teoria Museológica; Museologia; Museologia, performance e imagem; Museologia Teórica; Museologia Experimental; Museologia e experimentação social; Musealização; Musealização e Descolonização; Patrimônio; Patrimônio cultural e ambiental; Patrimônio, Museologia e Sociedades em Transformação; Memória; Memória social; Memória LGBTI+; Homossexualidade; Homossexualidade no Brasil.	Passagem; Patrimonial; Patrimonializar; Patrimônio; Pensamento; Performance; Perspectiva; Realidade; Representar; Romper; Saber; Social; Sociedade; Sociologia; Sujeito; Tecnologia; Tempo; Teoria; Terminologia; Texto; Tradicional; Universal; Universo; Urbano; Valor; Virtual e Visual;
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaborada por Débora de Abreu e Silva (2019)

Finalmente, diante de todas essas análises e proposições, é possível constatar que a construção, reconstrução e problematização das estruturas epistêmicas e linguísticas através da leitura decolonial (assim como da perscrutamento semântico, da tônica experiencial e da leitura experiencial) pode ser tida como um relevante insumo para a semântica museal contemporânea brasileira.

Sobre esse crivo destacam-se os principais conceitos mobilizados por Brulon (dispostos anteriormente no Quadro IV), que direta ou indiretamente, perpassam essa dialética reflexiva ligada a leitura decolonial, optando-se para o próximo tópico pelo conceito de experiência, também presente em suas obras.

3.2 - O conceito de experiência

De acordo com o que foi estabelecido no capítulo anterior e no último tópico deste capítulo, pretende-se neste tópico 3.2, apresentar uma análise do conceito de Experiência (enquanto definição, enquanto termo e enquanto tônica textual), e de suas variações terminológicas e gramaticais, dentro de três referências textuais de Bruno César Brulon Soares, termo esse que foi previamente associado a Brulon.

O termo experiência tem origem etimológica do Latim, *experientia, ae*, que quer dizer, de acordo com o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2009a): prova, ensaio, tentativa.

Assim como no caso da análise dos conceitos de Mário Chagas, feita no capítulo anterior, a fim de propor uma análise conceitual e etimológica do termo experiência, faz-se necessário considerar o uso de definições lexicais da língua portuguesa, com intenções de haver um primeiro aprofundamento no estudo do conceito de experiência.

O argumento sobre a legitimidade e notoriedade dos dicionários: *Novo Aurélio: O Dicionário da Língua Portuguesa do Século XXI*, o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* e *Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* mantêm-se o mesmo do capítulo 2.

A escolha por unidades léxicas de língua, no caso aqui a da portuguesa, e não por outras representações epistêmicas e orais da variedade linguística brasileira, justifica-se nesse capítulo, também, pela questão metodológica de enfrentamento da problemática conceitual e epistêmica da Museologia dentro de seu corpo Teórico, a qual pode ser aplacada através da abrangência de definições que envolvem esses dicionários, os quais podem ser tidos como unidades que apresentam incorporações epistêmicas ampliadas.

A seguir, vê-se um quinto quadro, que agora abarca definições de experiência de acordo com esses dicionários.

Quadro V - Definições de experiência

Dicionário	Ano da Edição Consultada	Editora / Unidade de Lexicografia	Definições de Experiência
Novo Aurélio: O Dicionário da Língua Portuguesa do Século XXI	2010	Positivo	1 Conhecimento que se obtém na prática; 2 prática da vida; 3 Habilidade ou perícia resultante do exercício contínuo duma profissão, arte ou ofício; 4 Experimento.
Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa	2009 (ano da última edição)	Instituto Antônio Houaiss	1 experimentação, experimento (método científico) 2 qualquer conhecimento obtido por meio dos sentidos 3 forma de conhecimento abrangente, não organizado, ou de sabedoria, adquirida de maneira espontânea durante a vida; prática 4 forma de conhecimento específico, ou de perícia, que, adquirida por meio de aprendizado sistemático, se aprimora com o correr do tempo; prática 5 tentativa, ensaio, prova
Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa	2015 (ano da última edição)	Melhorament os Ltda	1 Ato ou efeito de experimentar(-se). 2 Conhecimento adquirido graças aos dados fornecidos pela própria vida 3 Ensaio prático para descobrir ou determinar um fenômeno, um fato ou uma teoria; experimenta, experimentação, experimento

			4 Conhecimento das coisas pela prática ou observação. 5 Uso cauteloso e provisório. 6 Perícia ou habilidade adquiridas pela prática
--	--	--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaborada por Débora de Abreu e Silva (2019)

Os três textos de Bruno César Brulon Soares, de onde se depreende a análise conceitual⁴³ do termo *experiência* e de suas variações lexicais, são: *Quando o Museu abre portas e janelas: o reencontro com o humano no museu contemporâneo* (2008), *Máscaras guardadas: musealização e descolonização* (2012) e *Stránský: uma ponte Brno-Brasil / Stránský: a bridge Brno-Brazil* (2014;2017)

Neste primeiro texto, Bruno Brulon (2008) analisa mudanças ocorridas na concepção de Museu e nas experiências que ocorreram ao longo do século XX, como por exemplo o movimento chamado Nova Museologia. Brulon explica nesse texto que é no cerne destas mudanças (experiências) que a Museologia encontra no Museu o seu campo disciplinar entre as ciências tidas como contemporâneas.

Para Bruno Brulon foi possível perceber (inclusive a partir de sua perspectiva sobre a Nova Museologia) que a experiência é o autêntico objeto do Museu, quando se leva em consideração certas manifestações de Museus, como: museus locais, museus de vizinhança, ecomuseus, *Children's Museums* e os museus exploratórios, os quais, para o estudioso (BRULON, 2008) são todos comprometidos com experiências.

Segundo Bruno Brulon (2008) a experiência sobre o território no Museu é vista no campo das relações humanas que nele ocorrem, ele atesta que o Museu harmoniza o humano com o que ele dita como ambiente integral.

De maneira geral, é possível inferir deste texto que *experiência* se qualifica na linguagem⁴⁴ de Brulon, visto que o texto é apresentado através de uma tônica que instiga o “conhecimento obtido por meio dos sentidos” (HOUAISS, 2009b) e

⁴³ Além das outras determinações já apresentadas, os métodos para essa análise conceitual são: busca por palavra-chave em todo o corpo de textos das obras, em atmosfera virtual. Peneiragem através da palavra experiência na íntegra e também através do prefixo *exper*, o qual pôde contemplar, lexicalmente, as outras variações semanticamente agrupáveis e associáveis à experiência. Quanto ao agrupamento de assuntos (tópicos) ligados a experiência fez-se a interpretação heurística e a captação, também por palavra-chave.

⁴⁴ A linguagem está sendo entendida aqui enquanto maneira de se comunicar.

“Conhecimento adquirido graças aos dados fornecidos pela própria vida” (MICHAELIS, 2015). À luz desse segundo significado, é possível observar do texto a experiência como canal de reconciliação, de atestação da essência humana e de descobrimento da identidade, que se insere na narrativa⁴⁵ do texto. Os principais eixos da discussão, derivando-se disso, propostas na obra de Bruno Brulon (2018) são: experiência como acontecimentos no campo museal, experiência como canal para os museus, experiência como objeto do Museu e experiência no âmbito das relações e reações humanas.

Como também na textualidade⁴⁶ da obra, através dos vocábulos encontrados ao longo do texto e dos tópicos (assuntos) ligados à experiência. São eles:

Quadro VI – Termos e tópicos ligados à experiência (BRULON, 2008)

Termos ligados e equivalentes a experiência (BRULON, 2008)	Tópicos ligados à experiência (BRULON, 2008)
<p>Com um total de cento e cinquenta e dois (152) termos. Sendo: Trinta (30) resultados para experiências (vocábulo experiência no plural), noventa e cinco (95) resultados para experiência (vocábulo no singular), duas (2) instâncias para <i>experiences</i> (tradução em inglês da palavra experiências), oito (8) instâncias para <i>experience</i> (tradução em inglês da palavra experiência), três (3) ocorrências para a variação experimentar (verbo), três (3) ocorrências para a variação experimentamos, cinco (5) instâncias para a variação experimenta, duas (2) instâncias para a variação experimental, duas (2) instâncias para a variação experimentam e duas (2) instâncias para a variação experimentação.</p>	<p>Experiência como objeto de museu; Experiência sobre o território no Museu; Experiência do intangível; Experiência do real; Experiência museológica; Experiência no museu; Experiências escandinavas dos museus; Experiências de museus; Experiência educacional; Experiências humanas; Experiência do ecomuseu; Experiências com o público jovem; Experiência libertadora; Experiências na Museologia; Experiência museal; Experiências passadas; Experiência do mundo; Experiências resultantes das relações humanas; Realidade experimental; Experiência subjetiva; Experiência estética; Experiência diaspórica; Experiência e vocação humana; Experiência popular; Experiência negra; Experiência alucinatória; Experiência religiosa; Experiência imaterial; Experiência cotidiana; Experiência mágica; Experiência como um paradigma fundador da Museologia e Experiências sobre o real.</p>

Fonte: Elaborada por Débora de Abreu e Silva (2019)

O segundo texto de Brulon *Máscaras guardadas: musealização e descolonização* (2012), o qual já foi introduzido e analisado no início do capítulo,

⁴⁵ Entende-se por narrativa a maneira como Bruno Brulon (2008) trata as questões de seu texto. Ele apresenta este reencontro do humano com o Museu contemporâneo através de experiências.

⁴⁶ A textualidade é tida aqui como o conjunto total dos conceitos utilizados por Brulon.

apresenta os seguintes termos ligados e equivalentes a experiência e os seguintes tópicos (assuntos) ligados à experiência:

Quadro VII – Termos e Tópicos ligados à experiência (BRULON, 2012)

Termos ligados e equivalentes a experiência (BRULON, 2012)	Tópicos ligados à experiência (BRULON, 2012)
<p>Total de 167 (cento e sessenta e sete) termos ligados e equivalentes a experiência. Sendo: Oitenta e oito (88) ocorrências do termo experiência (singular); duas (2) ocorrências da variação <i>expérimentation</i> (experimentação em espanhol); quatro (4) ocorrências da variação <i>experimentação</i>; três (3) ocorrências para o termo experiências (variação de experiência no plural); seis (6) ocorrências da variação experimental; uma (1) instância da variação <i>experimenta</i>; três (3) ocorrências da variação <i>experimentar</i> (verbo); três (3) instâncias da variação <i>experimentar</i> (verbo); uma (1) instância da variação <i>Experiencing</i> (experimentando na língua inglesa); uma (1) ocorrência para a variação <i>experimentos</i>; duas (2) instâncias para a variação <i>experimentado</i>; três (3) instâncias para a variação <i>experimentada</i>; duas (2) ocorrências para a variação <i>expérimentation</i> (experimentação na língua espanhola); uma (1) ocorrência da variação <i>experimentando</i>; uma (1) ocorrência da variação <i>experimentava</i>; uma (1) ocorrência da variação <i>experimentadas</i>; uma (1) ocorrência da variação <i>experimentarem</i>; uma (1) ocorrência da variação <i>experimentais</i>; uma (1) ocorrência da variação <i>experimentada</i> (singular) e duas (2) ocorrências da variação <i>experience</i> (experiência em inglês).</p>	<p>Experimentação social; experiência "espiritual"; experiência com a alteridade; experiência individual e interior; experiência sagrada; experiência estética; experiência particular; experiências museológicas; experiência etnográfica; experiência do campo; experiências sensoriais; experiência artística; experiências humanas; experiências museográficas; experiência intelectual; experiência dos objetos; experiência sensorial; experiência sensível; experiência do autêntico; experiência contemplativa; experiência cognitiva; experiência simultaneamente afetiva e analítica; experiência da criação; experimentação do novo; experiência subjetiva; experiências sociais; experiência emotiva; experiências de ecomuseus; experiências compartilhadas; experiência íntima; experiência pessoal; estrutura experimental; museu experimental; experiências imprevisíveis; experiência histórica e lúdica; experiência compartilhada; experimentação do 'antigo'; experimentar relações de alteridade; experiências de automusealização e experiência dos templos.</p>

Fonte: Elaborada por Débora de Abreu e Silva (2019)

No terceiro texto a ser analisado *Stránský: uma ponte Brno-Brasil / Stránský: a bridge Brno-Brazil* (2014;2017) observa-se uma situação diferente, nesse caso, as instâncias ao termo experiência não são apenas de Bruno Brulon e Baraçal, como em algumas partes do texto (a apresentação e o texto interior *A Museologia Reflexiva: recompondo os fundamentos de uma ciência contemporânea*, por exemplo, foram feitos por Brulon), mas sim também para eles e em acordo à eles, visto que o livro substancia-se a partir de textos de diversos outros autores e que este foi editado por Brulon e Baraçal e organizado por Brulon.

Portanto, a abordagem de análise é feita através das escolhas intelectuais, da concordância e da aceção do conceito de experiência de Brulon e Baraçal perante outros autores. Os usos de experiência aqui, quando postos em comparação às outras duas obras, também entram enquanto corroborantes à personalidade intelectual e

epistêmica de Bruno. Ou seja, os conceitos de experiência não partem somente de Brulon mas fazem parte dele, também, enquanto editor e organizador, demonstrando-se efetivamente o universo semântico e epistêmico do qual Brulon quer e faz-se participar.

Por esses motivos, para esse texto de Brulon e Baracal faz-se uma exceção metodológica em comparação a análise dos outros textos. Neste caso incorporou-se a quantidade total de ocorrências de termos ligados e equivalentes a *experiência* incluídas nos textos dos outros autores da obra.

Nesta obra, em síntese, aborda-se sobre (BRULON; BARACAL, 2014;2017): quais seriam os objetos da Museologia, perspectivas teóricas acerca do pensar a Museologia através de uma Metamuseologia, a contribuição de Stránský para o pensamento latino-americano, Metamuseologia e o Discurso Museológico, Museologia Reflexiva, Zbyněk Stránský e a Bibliologia⁴⁷, o pensamento de Stránský como sendo um marco referencial na História da Museologia, referenciais iniciais do pensamento *stranskiano*, o ensino de Teoria Museológica, as diferentes percepções do objeto de estudo da Museologia a partir de uma configuração *stranskiana*, o objeto Epistêmico da Museologia, a construção de uma *práxis* museológica e Museologia em diálogo internacional com o leste europeu.

Além de Brulon, os outros autores desta obra são: Zbyněk Z. Stránský, Tereza Cristina Moletta Scheiner, François Mairesse, Anna Leshchenko, Jan Dolák, o próprio Anaildo Bernardo Baraçal (editor), Olga Nazor, Luciana Menezes de Carvalho, Kizie Pontes, Juliana Carpinelli, María Nélide González de Gómez, Carla Renata Antunes de Souza Gomes e Ana Paula Rocha.

A seguir, os termos ligados e equivalentes a experiência e os tópicos (assuntos) ligados à experiência encontrados nessa obra:

⁴⁷ Bibliologia, segundo Houaiss (2009), seria a ciência da história e da composição material do livro, em todos os seus aspectos. Na obra (BRULON; BARÇAL, 2014;2017) a Bibliologia também é entendida nesse sentido, sendo ela observada como ciência; técnica; organização; “ciência do escrito” (ESTIVALS, 2006); ciência integrante das ciências da informação e da comunicação; ciência do documento; ciência do livro; ciência da documentação;

Quadro VIII – Termos e Tópicos ligados à experiência (BRULON; BARACAL, 2014;2017)

Termos ligados e equivalentes a experiência (BRULON; BARACAL, 2014;2017)	Tópicos (assuntos) ligados à experiência (BRULON; BARACAL, 2014;2017)
Foram localizadas quarenta e oito (48) instâncias. Sendo: treze (13) ocorrências para a variação experiências (experiência no plural), quatorze (14) ocorrências para experiência, sete (7) instâncias para a variação experience (experiência em inglês), cinco (5) instâncias para experiences (experiência traduzida para o inglês e para o francês), duas (2) ocorrências da variação Experiencing (experimentando em inglês), duas (2) ocorrências da variação experimentais, quatro (4) instâncias para a variação experimental e uma (1) ocorrência para a variação experimentação.	experiências práticas em museus; experiência social; experiência artística; experiência pessoal; experiência empírica; das coisas; diálogo experienciado; modelos experimentais; experiências museais; experiências heterogêneas; experimentos no mundo do teatro; experiência museológica; experiências individuais; experiência virtual; experiência nacional; experiências nacionais e internacionais; experiência da facticidade histórico biológica; experiências humanas; experiências de ecomuseus e Museologia Experimental.

Fonte: Elaborada por Débora de Abreu e Silva (2019)

Diante de todos esses dados⁴⁸ apreendidos dessas três obras e de todas as interpretações feitas até agora, é possível fazer importantes análises e problematizações, a fim de torná-los informações.

De maneira geral, observa-se uma presença significativa de vocábulos ligados e equivalentes a experiência, revelando um (talvez não intencional) apreço pela utilização do mesmo, não sendo ele evidenciado de maneira direta, como palavra-chave ou como assunto sumário, mas sim como um conceito que amarra e auxilia semanticamente os assuntos, hipóteses e conjecturas de pesquisa propostas por e a partir das questões de Bruno, assim como de suas pretensões acadêmicas incrustadas em suas narrativas.

É possível verificar, a partir dos tópicos (assuntos) ligados à experiência apresentados nos quadros VI, VII e VIII, que Brulon circunda os significados para experiência, apresentados nos dicionários no quadro V, observando-se que ele concebeu experiência e se utilizou do sentido semântico e epistêmico dela para suas proposições, análises e para a concatenação de sua textualidade, observando-se então em seus textos o trabalho com experiência enquanto:

- Conhecimentos e vivências que se obtêm na prática da vida;
- Habilidades resultantes de exercícios contínuos;

⁴⁸ De acordo com Diego Elias: “O dado não possui significado relevante (...) a informação é a ordenação e organização dos dados de forma a transmitir significado e compreensão dentro de um determinado contexto. Seria o conjunto ou consolidação dos dados de forma a fundamentar o conhecimento.” (ELIAS, 2019, p.1)

- Experimentação;
- Experimento enquanto método científico;
- Conhecimentos obtidos por meio dos sentidos;
- Conhecimentos abrangentes e de sabedoria adquirida de maneira espontânea, conhecimento específico adquirido por meio de aprendizado sistemático que se aprimora com o correr do tempo;
- Experiência enquanto tentativa e enquanto ato e efeito de experimentar(-se);
- Ensaio prático para descobrir ou determinar um fenômeno;
- Experiência enquanto fato e teoria;
- Experiência enquanto experimentação e experimento e enquanto conhecimento das coisas pela prática e observação.

Outra informação que se depreende dessas três obras com relação à experiência é a linha semântica que as perpassa. Dentre todos os tópicos (assuntos) ligados à experiência apresentados nos quadros VI, VII e VIII verificou-se a unanimidade ou a repetição em pelo menos dois agrupamentos de assunto: experiência museológica, experiência estética, experiências humanas, experiência subjetiva, experiências de ecomuseus, dimensão experimental (realidade, estrutura, Museologia), Experiência pessoal, Experiências de museus, Experimentação e Experiência social.

Diante disso foi possível perceber que Bruno Brulon problematizou e pesquisou: o reencontro com o humano no museu contemporâneo (BRULON, 2008), a musealização frente a descolonização (BRULON, 2012) e a lógica museológica de Stránský (BRULON; BARCAL, 2014;2017) a partir desses sentidos de experiências, munindo-se dela tanto do ponto de vista epistêmico e lexical quanto do semântico e holístico.

De modo extensivo, é possível afirmar que Brulon, através das dimensões de experiência que utilizou, acabou por contemplar, a partir dessas suas obras, as seguintes referências temáticas: Museu; Ecomuseu; dimensões do intangível, real, museológico, educacional e humana; dimensões museais, experimentais, estética, popular, imaterial, social, sensorial, espiritual, sagrada, etnográfica, artística, museográfica, intelectual, contemplativa, cognitiva, afetiva, emotiva, pessoal, histórica, lúdica e de *automusealização*.

Por fim, é plausível determinar que essa análise conceitual de experiência perpassa não somente uma exploração especulativa do conceito, ela também serviu como ferramenta de captura de temáticas, e serviu para demonstrar um ponto de vista de como se costura semanticamente obras da realidade contemporânea da teoria museológica brasileira, vendo-se em Brulon um relevante exemplo dessa realidade.

Diante de todos os dados e informações recolhidos e da visível potencialidade da noção de experiência é possível observar uma abertura semântica através da experiência, pelo menos da *experiência em Bruno César Brulon Soares*. E faz-se interessante considerar, que o conceito experiência possa estar mais presente no imaginário dialético e epistêmico da museologia.

A experiência está presente na cosmologia semântica e conceitual de Bruno Brulon e é válido apontar então que essa possa também estar presente e elevada a natureza semântica e ao aprofundamento teórico da Teoria Museológica brasileira contemporânea.

É justamente sobre essas experiências, por exemplo, que é possível fazer um retrato da leitura decolonial de Brulon, visto que até aqui, Brulon não apenas contesta e problematiza situações colonizadas, mas sim instrumentaliza seu discurso e legitima seu argumento decolonial a partir contemplação da vida vivida, da experiência empírica, das experiências heterogêneas, que por si só são agentes descolonizadores, pode-se dizer.

Diante de toda essa potencialidade de caráter, no mínimo, semântico e hermenêutico⁴⁹, faz-se interessante a apreensão do conceito de experiência para a construção (e reconstrução) da dimensão epistêmica da Museologia, a favor de uma semântica Museal.

Capítulo 4 - A ressonância em José Reginaldo Santos Gonçalves

4.1 - José Reginaldo Santos Gonçalves e a retórica da perda

Neste capítulo, assim como foi feito com os outros estudiosos nos capítulos anteriores, serão apresentados aspectos da trajetória de José Reginaldo Santos

⁴⁹ Esse caráter hermenêutico está ligado ao sentido de prática filosófica de interpretação. Essa referida potencialidade hermenêutica está ligada a uma noção de ampliação de exercícios interpretativos sobre diversas áreas, admite-se nesse trabalho que a personalidade acadêmica e científica de Brulon perpassa essa prática interpretativa.

Gonçalves e alguns de seus principais conceitos. Contudo, é válido primeiramente contextualizar a escolha de um Cientista Social (1975) mestre em Antropologia Social (1980), doutor em Antropologia Cultural (1989) e Pós-Doutor dentro da Grande área de Ciências Humanas (2000; 2006 e 2014) com a ausência da titulação Museólogo, como nos outros capítulos anteriores.

Uma primeira instância que contextualiza essa escolha, sendo esta uma primeira característica de sua trajetória acadêmica e profissional, seria a de que, apesar de suas titulações, a princípio, não circunstanciadas estritamente a Museologia, José Reginaldo Gonçalves, de acordo com seu currículo *Lattes* (2019)⁵⁰, apresenta uma substancial presença no campo Museal:

- Seu mestrado em Antropologia Social foi feito pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (PPGAS/MN) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1980;
- Seus estudos sobre objetos, coleções, patrimônio, memória, poder, cidade, folclore, cultura, representação do passado, representação do Brasil, teorias antropológicas, Modernidade, espaço urbano, representação e identidade nacional, contextos latino-americanos, arte, alteridade e comunidade fazem interligações com Museus e Museologia, tanto indiretamente (com objetos de estudo semelhantes) quanto diretamente (com ênfases de estudo em Museu e em Museologia). Os quais estão contidos entre seus projetos de pesquisa, produções textuais, orientações, prêmios, iniciações científicas, eventos, participação em bancas, trabalhos técnicos, trabalhos em periódicos; e
- Ele é membro do corpo editorial dos *Anais do Museu Paulista*.

José Reginaldo Gonçalves (2019) é um profissional que apresenta em sua trajetória dentro da Antropologia e das Ciências Humanas de maneira geral uma vivência ligada ao campo Museal, podendo esse estudioso contribuir quanto ao quesito interdisciplinaridade, dentro de um proposto contexto de enfrentamento da constituição semântica e conceitual da Teoria Museológica Brasileira Contemporânea, a qual também pode ser contemplada por influências multidisciplinares.

De acordo com a professora do curso de Museologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Doutora Letícia Julião e com a doutora em Ciência da

⁵⁰ A versão, aqui utilizada, da atualização feita por Gonçalves em seu currículo *Lattes* é datada de 21 de Junho de 2019.

Informação, também da UFMG, Gabrielle Francinne Tanus, em sua obra *Ensino da Museologia no Brasil: Teoria e Interdisciplinaridade* (2014) é possível dialogar e depreender relevantes informações quanto a presença de Gonçalves no campo da Museologia e da teoria museológica brasileira e a importância da interdisciplinaridade que depreende-se a partir de sua presença.

Em resumo, esta obra – que se realizou enquanto trabalho da pesquisa *Museologia no Brasil: teoria e interdisciplinaridade na perspectiva acadêmico-institucional* (2014), desenvolvida com a colaboração das bolsistas Isabela Trópia e Karina Dultra – apresenta resultados de uma pesquisa sobre interdisciplinaridade e sobre referenciais teóricos dos cursos de Museologia no Brasil.

Letícia Julião e Gabrielle Tanus (2014) examinaram 44 planos de ensino de disciplinas teóricas de nove cursos de Museologia. Elas utilizaram do método bibliométrico para analisar 1038 referências citadas nos planos de ensino, pretendendo-se com isso demonstrar autores e obras mais citados. Com base nesses dados, elas puderam analisar referenciais teóricos do ensino da Museologia no Brasil, bem como as conversações da Museologia com outras áreas.

Letícia Julião e Gabrielle Tanus (2014) analisaram que o ensino da teoria museológica no Brasil, nos cursos de Museologia, apresenta relevante caráter interdisciplinar.

Complementarmente, Letícia Julião e Gabrielle Tanus (2014), foram além de disciplinas normalmente identificadas como teóricas (como Introdução à Museologia) e buscaram ampliar o horizonte de análise, incluindo disciplinas que tratam de campos convergentes à Teoria Museológica como: memória, patrimônio, teoria do objeto, cultura material, história de museus e coleções.

Para as autoras Letícia Julião e Gabrielle Tanus a Antropologia, por exemplo, faz-se presente no contexto interdisciplinar da Museologia e da Teoria Museológica Brasileira porque, de acordo com elas:

Das 497 referências analisadas sob o ponto de vista temático, as 160 citações do campo das Ciências Sociais e Humanas assinalam um diálogo vigoroso da Museologia com outros campos disciplinares. Essa constatação se potencializa no quadro das 1038 referências, quando se pulverizam as citações de áreas diversas daquela da Museologia, seja a história, a antropologia, ciências sociais, comunicação. Esse é um dado que corrobora o caráter interdisciplinar da Museologia, fato que se construiu em uma longa trajetória histórica. (JULIAO; TANUS, 2014, p. 84)

Nesse cenário destaca-se a presença de Gonçalves. No texto as autoras dispõem dois quadros que concernem Gonçalves: um apontando-o como segundo autor com obra mais citada dentro da Teoria Museológica Brasileira e um segundo quadro, que o apresenta como o segundo autor mais citado, também dentro do referido âmbito. São eles, contidos nas páginas 82 e 83 do livro, consecutivamente.

Quadro IX – Obras mais citadas dentro da Teoria Museológica Brasileira

OBRA	AUTOR	FREQUÊNCIA
Memória do Pensamento Museológico Contemporâneo: documentos e depoimentos	ARAUJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.)	11
Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônio	GONÇALVES, José Reginaldo Santos	10
Delineamentos para uma teoria da Museologia	CERÁVOLO, Suely.	9
Alegoria do Patrimônio	CHOAY, Françoise	7
Cadernos de SocioMuseologia	Autor institucional	7
Imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro	CHAGAS, Mário de Souza.	7
Memória Coletiva e Memória Individual	HALBWACHS, Maurice	7
Planteamientos teóricos de la museología	HERNANDEZ HERNANDEZ, Francisca	7
Sistema de objetos	BAUDRILLARD, Jean	7
Coleção	POMIAN, K	7
Código de Ética para Museus	ICOM	7
La Museologia: curso de Museologia / textos y testimonios	RIVIERE, Georges Henri	6
Memória e patrimônio – ensaios contemporâneos	ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.)	6
Museologia e museus: princípios, problemas e métodos.	BRUNO, Maria Cristina Oliveira	6
Museologia e patrimônio: documentos fundamentais	PRIMO, Judite Santos	6
O que é museu	SUANO, Marlene	6
Cartas patrimoniais	CURY, Isabelle (Org.)	5
Museu e a Vida	GIRAUDY, Danièle; BOUILHET, H.	5

Fonte: Elaborado por Letícia Julião e Gabrielle Francinne Tanus (2014)

Quadro X – Autores mais citados dentro da Teoria Museológica Brasileira

Autor	Frequência
BRUNO, Maria Cristina Oliveira	27
GONÇALVES, José Reginaldo Santos	26
CHAGAS, Mario	25
ICOM	14
CERÁVOLO, Suely Moraes	14
ARAUJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.).	12
CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte	11
CURY, Marília Xavier	11
HERNANDEZ HERNANDEZ, Francisca	11
SANTOS, Maria Célia T. Moura	11
BRASIL	10
DESvallées, Andre	10
FONSECA, Maria Cecília Londres	10
STRANSKÝ, Zbynek Z	10

Fonte: Elaborado por Letícia Julião e Gabrielle Francinne Tanus (2014)

Não obstante, à luz de Letícia Julião e Gabrielle Tanus (2014) a interdisciplinaridade pode ser entendida então não como um elemento diluidor de especificidades e da especialidade da Museologia e da Teoria Museológica, em contraponto a uma histórica subordinação de campos de conhecimento, mas também

pode ser compreendida, no momento contemporâneo, como um meio de interlocuções de conhecimentos, de diálogo com outras disciplinas, de ampliação de fronteiras semânticas e de abertura à uma conversação de estudos com mútuos benefícios científicos, e José Reginaldo Gonçalves faz-se presente, como é possível verificar, na Museologia e nessas interlocuções.

Assim como foi apontado na Introdução desta monografia, a Museologia, pode ser tida como um campo de práticas e conhecimentos amplo e plural, que constituiu-se (e ainda constitui-se) de diversas áreas de aplicação prática e de disciplinas científicas, podendo-se abarcar, por exemplo, a Antropologia e as suas dimensões social, cultural e humana, fortemente ligadas à historicidade e à cultura dos Museus e da lógica Museológica.

Fazendo um paralelo interpretativo, é possível então inferir que o próprio Gonçalves atua como um agente intelectual que reflete esse caráter interdisciplinar da Museologia e do campo Museal. Museu, Museologia e assuntos correlacionados a esses universos qualificam muitas de suas ramificações acadêmicas, científicas e profissionais, as quais fazem correspondência a sua grande área, a Antropologia.

Com isso, a partir do currículo de José Reginaldo Gonçalves (2019) verifica-se também um fluxo de conhecimentos e experiências que corroboram em produções e estudos tanto para o campo Museal quanto para a própria Antropologia, inclusive coadunando pesquisas que as articulam.

Para refletir então a realidade ontológica e epistemológica da Museologia, faz-se necessário também articular uma investigação semântica que tenha vistas não somente ao campo museal e a Teoria Museológica, como também às outras áreas científicas constituintes da historicidade e dos conceitos da Museologia, no caso aqui, da brasileira.

Retomando-se Cerávolo em *Museologia: retrospectiva sobre a formação da área e método de pesquisa para delimitar um domínio conceitual*, (2005) a identidade semântica e terminológica da Museologia e a feição e representação mental da Museologia constituem-se por diversas influências, tanto as ligadas a apuração de seus objetos de estudo quanto para a qualificação e especificação de seus discursos, por exemplo.

A vista de tudo isso, a partir de Suely Cerávolo (2005), observa-se que objetos de estudo e âmbitos científicos da Antropologia (Museus, cultura, memória, patrimônio, dentre outros) ou mesmo a noção lexical de estudo (*logia*), aplicada

semelhanamente ao termo Museologia, por exemplo, são influências que, sendo possível afirmar, não poderiam ser ignoradas ou desassociadas da discussão sobre a construção semântica da Teoria Museológica Brasileira contemporânea.

Os pontos de análise já propostos aqui, como o processo de construção do corpo conceitual da Teoria Museológica, a visível necessidade de pesquisa para o aprimoramento da constituição do quadro conceitual, uma melhora do potencial científico e acadêmico da Museologia, a relação com o humano, a atmosfera semântica e terminológica da Museologia e a incrementação do quadro conceitual do campo e de suas estruturas terminológicas e semânticas, a título de exemplo, podem receber algum tipo de resposta acadêmica e científica ligada a interdisciplinaridade de Gonçalves para com a Museologia. O próprio sentido de ressonância ligado a Gonçalves faz-se então na confluência destas disciplinas, como será apresentado posteriormente.

Então é diante de todas esses dados e informações, que se faz legítima a escolha desse estudioso nesta monografia: Gonçalves conversa transversalmente com a Museologia, ele está substancialmente presente na Teoria Museológica Brasileira contemporânea.

Em *O Modernismo Antropológico de Edward Sapir* (2012), entrevista a Richard Handler realizada por José Reginaldo Gonçalves e traduzida por Luciana Villas Bôas, é possível depreender algumas informações para propor-se um primeiro perfil da atuação intelectual de Gonçalves.

Em resumo, nesta entrevista (HANDLER, R.; GONCALVES, 2012), Richard Handler é descrito como um dos editores das obras completas do linguista e antropólogo Edward Sapir e vê-se a importância dessas obras e da influência de Sapir sobre o trabalho de Handler enquanto antropólogo cultural. A entrevista localiza também as ideias deste dentro do contexto da tradição antropológica norte-americana e dentro do modernismo artístico e literário, presentes nas primeiras décadas do século XX nos EUA e na contemporaneidade de debates antropológicos.

Pondo-se a parte a introdução das perguntas, em síntese, os questionamentos de José Reginaldo Gonçalves (2012) são:

- “(...) Quando e como você veio a se interessar pelas obras de Sapir?” (HANDLER, R.; GONCALVES, 2012, p. 12);
- “(...) que importância tiveram as ideias de Sapir para o seu próprio trabalho enquanto antropólogo cultural?” (HANDLER, R.; GONCALVES, 2012, p. 12);

- “(...) Como você situaria a obra antropológica de Sapir no contexto da antropologia norte-americana? Como você explicaria o interesse recente nos seus trabalhos antropológicos?” (HANDLER, R.; GONCALVES, 2012, p. 13);
- “(...) Mas, quando pensa sobre linguagem, quão próxima ou distante está das ideias de Saussure? Como o conceito de linguagem específico de Sapir reverbera no seu conceito de cultura?” (HANDLER, R.; GONCALVES, 2012, p. 14);
- “(...) Qual a importância das conexões pessoais e intelectuais de Sapir com o milieu do modernismo americano artístico e literário para se entender a sua antropologia?” (HANDLER, R.; GONCALVES, 2012, p. 15);
- “(...) Como você descreveria a relevância das ideias estéticas de Sapir para o entendimento do seu conceito de cultura?” (HANDLER, R.; GONCALVES, 2012, p. 15);
- “(...) Você vê alguma semelhança entre as ideias de Sapir sobre cultura e autenticidade e o conceito de cultura como “criatividade” de Roy Wagner, tal como ele o formula em seu famoso livro *The invention of culture* (publicado recentemente no Brasil)?” (HANDLER, R.; GONCALVES, 2012, p. 16);
- “(...) Como Sapir se distingue intelectualmente do seu background boasiano? Em termos mais específicos, como você distinguiria a persona intelectual de Sapir de outros boasianos, como Ruth Benedict e Margareth Mead?” (HANDLER, R.; GONCALVES, 2012, p. 16);
- “(...) O que você teria a dizer sobre as relações de Sapir com a vida cultural e intelectual alemã? Você acha que autores alemães (...) tiveram algum papel na sua formação intelectual? Você acredita que a ideia alemã de *Bildung* tem alguma importância nas reflexões de Sapir sobre cultura e personalidade?” (HANDLER, R.; GONCALVES, 2012, p. 17);
- “(...) O que você poderia dizer sobre Sapir como um “observador da cultura de massa” ou como um “crítico contra a cultura”? Quão importante é, neste sentido, a posição adotada por Sapir para o entendimento da sua famosa oposição entre cultura “autêntica” e “espúria”? Você acredita que esta oposição seja útil para a análise antropológica das formas de vida cultural? Ou trata-se apenas de uma formulação ideológica modernista sobre a cultura?” (HANDLER, R.; GONCALVES, 2012, p. 18);
- “(...) Como você descreveria a relevância das ideias antropológicas de Sapir para o debate contemporâneo sobre as relações entre “cultura” e “natureza”? (HANDLER, R.; GONCALVES, 2012, p. 19).

Infere-se dessas perguntas feitas por José Reginaldo Gonçalves (2012) e de todo o texto da entrevista, as seguintes interpretações sobre ele.

É pertinente afirmar que Gonçalves caracteriza-se por ser um intelectual marcado por um rigoroso debate conceitual. Ele importa-se com adensamentos de pesquisa, que partem desde históricas matrizes referenciais como Franz Boas, Ruth

Benedict e Margaret Mead até fontes de estudo que problematizam e reinterpretam essas matrizes, como o *The collected works of Edward Sapir* (1999).

José Reginaldo Gonçalves (2012) mostra-se como um entusiasta e curioso de lacunas históricas e conceituais ligadas a redes de interesse e influência sobre determinadas ideias e trabalhos antropológicos (no caso dessa entrevista, o foco dele é a obra antropológica de Sapir no contexto de diferentes antropologias). A partir dessa característica, é possível interpretar uma efusiva curiosidade científica em sua linguagem literária.

José Reginaldo Gonçalves (2012) identifica méritos ontológicos e não apenas condicionantes pessoalíssimos em conexões e ideias pessoais, intelectuais e estéticas.

O estudioso José Reginaldo Gonçalves (HANDLER, R.; GONCALVES, 2012) demonstra interesse em captar as reverberações de instâncias intelectuais não somente nos âmbitos teórico e disciplinar, mas também em empíricos contextos vivenciais e culturais.

Por fim, observam-se importantes informações sobre o estudioso. José Reginaldo Gonçalves (2012) demonstra interesse não somente em como certos conceitos e debates se materializam, mas é possível interpretar que ele se importa, principalmente, em como esses conceitos e debates se configuram sob a ótica de diferentes intelectuais e em como esses intelectuais lidam com as ideias conceituais e com as discussões teóricas uns dos outros.

Melhor dizendo, Gonçalves aparenta ter um interesse não somente nos conceitos e nas disputas em si, mas sim no âmbito discursivo do qual eles podem fazer parte, importando-se então com as ressonâncias desses conceitos e discussões.

Diante desse perfil, faz-se agora uma análise mais aprofundada do currículo disposto pelo próprio estudioso na Plataforma *Lattes* (GONCALVES, 2019)⁵¹.

Além das titulações de graduação e pós-graduações já apresentadas anteriormente, José Reginaldo Gonçalves (2019) informa que é professor Titular de Antropologia Cultural da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS). Ele informa que atua também como Professor Colaborador

⁵¹ As informações curriculares de Gonçalves disponibilizadas *online* na Plataforma *Lattes* foram analisadas a partir da atualização feita em 27 de Abril de 2019.

Voluntário e pesquisador Associado do Programa Avançado de Cultura Contemporânea da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PACC / UFRJ).

José Reginaldo Gonçalves (2019) apresenta-se como membro Titular do Conselho Consultivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e enquanto dirigente do Laboratório de Antropologia da Arquitetura e Espaços (LAARES), no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) em conjunto com o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), pela UFRJ.

José Reginaldo Gonçalves (2019) coloca em destaque no resumo inicial de seu currículo que é autor das obras: *A Retórica da Perda: os discursos do Patrimônio Cultural no Brasil* (atualmente em terceira edição pela Editora da UFRJ / IPHAN / 2018) e *Antropologia dos Objetos: Coleções, Museus e Patrimônios*, publicado pelo IPHAN em 2007.

Ele também apresenta neste resumo (GONCALVES, 2019) a obra *A Alma das Coisas: Patrimônios, Materialidade e Ressonância*, publicada em 2013 pela Editora Mauad, ligada à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), livro este que foi na verdade organizado por Gonçalves juntamente às outras duas estudiosas: Roberta Sampaio Guimarães e Nina Pinheiro Bitar. Ele informa igualmente que foi organizador do texto *A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX* de James Clifford (em quarta edição pela Ed. da UFRJ / 2011).

Em síntese, José Reginaldo Gonçalves (2019) apresenta projetos de pesquisa ligados aos seguintes temas: memória, patrimônios e regimes de historicidade; memória e história; memória e cidade; processos de patrimonialização; objetos, coleções e museus; culturas populares; teorias da cultura; história da antropologia e antropologia e literatura.

Agora, assim como foi feito nos capítulos anteriores, a fim de estruturar as áreas (e subáreas) de conhecimento, ou melhor, os âmbitos de estudo e de exercício profissional nos quais (de acordo com ele, GONCALVES, 2019) o intelectual construiu sua formação teórica, acadêmica e profissional e de investigar alguns dos conceitos (enquanto termo e enquanto noção) utilizados pelo intelectual, segue um outro quadro com duas sistematizações.

Essas duas sistematizações apresentam as seguintes características: os âmbitos estão demonstrados aqui a partir das informações acadêmicas de José

Reginaldo Gonçalves (2019), estes âmbitos foram indexados um complementarmente ao outro, assim como foi feito nos capítulos anteriores.

Já quanto a alguns de seus conceitos, estes foram dispostos (em ordem alfabética) através de uma análise extensiva⁵² dos títulos de suas obras, das informações de seu currículo *Lattes* (GONCALVES, 2019) e também dos textos de Gonçalves selecionados nesta monografia. A seguir:

Quadro XI – Âmbitos e Conceitos em José Reginaldo Gonçalves

Âmbitos	Conceitos
Ciências Humanas; Ciências Sociais; Antropologia; Antropologia Cultural; Antropologia e Folclore; Antropologia Social; Antropologia Urbana; Antropologia da Memória; Antropologia e literatura; Arte Popular; Culturas populares; História da antropologia; Memória e história; Memória e Sociedade; Memória e cidade; Memória; Patrimônios e regimes de historicidade; Modernismos e Identidades Nacionais; Objetos; coleções e museus; Patrimônio e Memória no Espaço da Cidade; Patrimônios Culturais; Processos de patrimonialização e Teorias da cultura.	Antropologia; Arte; Autenticidade; Brasil; Campo; Coleção; Comunidade; Contato Interétnico; Contemporâneo; Cotidiano; Cultura; Discurso; Diversidade; Divino; Etnicidade; Etnografia; Etnologia Indígena; Filosofia; Folclore; Fronteira; História; Humano; Identidade; Identidades Étnicas; Ideologia; Interdisciplinar; Liberdade; Linguagem; Material; Memória; Modernidade; Moderno; Mundo; Museal; Museologia; Museu; Nacional; Natureza; Paisagem; Passado; Patrimonialização; Patrimônio; Patrimônios culturais; Pensamento; Popular; Relatividade; Religião; Ressonância (Optando-se neste trabalho Pela Variedade Afetação enquanto Termo e enquanto Sentido Tônico Da Textualidade De Gonçalves); Retórica da Perda; Simbólico; Sociabilidade; Social; Sociedade; Sociologia; Subjetividade; Urbano; Visualidade

Fonte: Elaborada por Débora de Abreu e Silva (2019)

É possível reparar que dentre esses conceitos enunciados, o de retórica da perda, atribuído ao próprio José Reginaldo Gonçalves, pode ser tido como um importante conceito para compreender-se a linguagem e o tom de escrita⁵³ de Gonçalves.

⁵² A metodologia de análise extensiva também é feita aqui à luz de Susana Henriques (2012) como nos outros capítulos, com a análise de um número alargado de unidades de amostragem (informações curriculares, linhas de pesquisa e produções) combinada com a aplicação de instrumentos de recolha de informação. Utilizou-se aqui também o *WriteWords Counter* e uma interpretação heurística das obras de Gonçalves. A plataforma *WriteWords Counter* (2002-2019) foi utilizada aqui também para captação de termos repetidos.

⁵³ Assim como no capítulo 2, de acordo com Fabiano Cancela (2018) o tom de escrita seria a maneira que um autor tem de comunicar sua mensagem; seu estilo; posicionamento e atitude em relação ao leitor.

A partir de seu currículo (GONCALVES, 2019) vê-se uma considerável presença dessa concepção ligada à algumas de suas obras, à título de exemplo: *A Retórica da Perda: Os Discursos do Patrimônio Cultural* (1996), *A Alma das Coisas e a Retórica da Perda* (2015), *As Transformações do Patrimônio: da retórica da perda à reconstrução permanente* (2012) e em *A Crise do Patrimônio: da retórica da perda a reconstrução permanente* (2009).

A partir da primeira obra dessa lista e de acordo com o fichamento deste texto de José Reginaldo Gonçalves (1996), produzido pelo grupo de Pesquisa Patrimônio e Mídias digitais do NOMADS.USP, Núcleo de Estudos de Habitares Interativos da Universidade de São Paulo (NOMADS.USP, 2009) é possível realizar interpretações e explanações acerca deste conceito e de sua reverberação em José Reginaldo Gonçalves.

Basicamente, neste texto de José Reginaldo Gonçalves (1996) há uma leitura crítica sobre estruturas de narrativas que engendram patrimônios nacionais, em específico o caso brasileiro. Ele instrumentalizou-se de um discurso da perda (a retórica da perda): alguns historiadores “resguardam” os patrimônios nacionais em um processo que também pode ser compreendido como contraditório, pois certos “resguardos”, certas proteções e certos conceitos e narrativas sobre a perda e sobre o que é patrimônio e cultura, também podem excluir.

Em José Reginaldo Gonçalves (1996) vê-se que a perda é um termo que muitas é vezes utilizado em discursos de denúncia à uma situação de “descuido” com o patrimônio ou de “deslegitimação”, dentro disso, observa-se, contudo, um exercício, às vezes discriminatório e deliberativo, do que deve ser “guardado”, “salvaguardado” e “livrado” da “perda”. Nesse sentido, acontecem, por exemplo, ações de homogeneização e idealização de culturas, do passado e de patrimônio.

José Reginaldo Gonçalves (1996) eleva em observação (tanto a nível analítico quanto crítico) a reverberação de termos como: objetificação, apropriação, alegoria e autenticidade, os quais podem ser importados de discursos extranacionais, sendo eles aplicados dentro do contexto brasileiro principalmente com o intuito de entender o processo de “brasilidade”. No texto, o autor dá ênfase na atuação de dois historiadores⁵⁴: Rodrigo Melo Franco de Andrade e Aloísio Magalhães.

⁵⁴ Ao enfrentar a questão das narrativas sobre patrimônio cultural como sendo alegorias da formação nacional, José Reginaldo Gonçalves (1996) aponta Andrade (famoso advogado, jornalista e escritor brasileiro) e Magalhães (notório designer gráfico brasileiro) como sendo pessoas do cenário brasileiro

Segundo o dicionário *Michaelis* (2015) a palavra retórica apresenta os seguintes significados: Conjunto de princípios que constituem a arte da eloquência ou do bendizer; oratória; Habilidade no uso da fala e da escrita com o objetivo de influenciar ou persuadir; Discussão ou debate sem conteúdo; Estilo primoroso, mas pobre de ideias; verbosidade.

Diante desses significados é possível conjecturar, à luz de José Reginaldo Gonçalves (1996), as seguintes proposições: nesse texto o autor verifica que certos conceitos e terminologias (como os apresentados anteriormente) são muitas vezes utilizados em conjuntos de princípios que constituem-se: em eloquências temáticas, como a da perda, em um estrito objetivo de influenciar ou persuadir e em discursos com uma aparente preciosidade de conteúdo.

José Reginaldo Gonçalves (1996) ao tratar sobre o patrimônio cultural como apropriação e perda, o estudioso aponta o problemático enquadramento mítico que a História se propõe a fazer para suplantear a sua visão de processo inexorável de destruição que apresenta, o qual porém, por si só, também destrói, a seu modo, culturas e identidades. De acordo com José Reginaldo Gonçalves:

A História aparece como um processo inexorável de destruição, em que valores, instituições e objetos associados a uma “cultura”, “tradição”, “identidade” ou “memória” nacional tendem a se perder (...) O efeito dessa visão é desenhar um enquadramento mítico para o processo histórico, que é equacionado, de modo absoluto, à destruição e homogeneização do passado e das culturas (...) No entanto, este discurso, que se opõe (...) àquele processo de destruição, é o mesmo que, paradoxalmente, o produz. (...) (GONCALVES, 1996, pp. 22 e 25)

Dentro dessa ótica, ao abordar sobre coleções e patrimônios culturais, é possível interpretar que José Reginaldo Gonçalves (1996) percebe que, as aparentemente honestas noções de coerência, continuidade, totalidade e autenticidade, também podem destruir e segregar. De acordo com ele:

No mesmo movimento produzem-se, transformados em coleções e patrimônio culturais, os objetos que estão sendo destruídos e

com a qualidade de ter "(...) autoridade para dizer o que é e o que não é o patrimônio cultural brasileiro (...) culturalmente constituída" (GONCALVES, 1996, p. 33). Gonçalves aponta que “No discurso (...) deles o Brasil é objetificado (...) segundo determinados propósitos (...) esses intelectuais, por meio de narrativas diversas, inventam o patrimônio cultural, a nação brasileira e a eles próprios, enquanto guardiões desse patrimônio.” (GONCALVES, 1996, p. 33). De acordo com o estudioso Andrade foi participante de uma política hegemônica caracterizada como “Período heroico” (1937-1970) e Magalhães participou de um “processo de renovação ideológica e institucional da política oficial de patrimônio cultural (...)” (GONCALVES, 1996, p. 37).

dispersados. Esses objetos são concebidos nos termos de uma imaginária e originária unidade, onde estariam presentes atributos tais como coerência, continuidade, totalidade e autenticidade.(...) Embora haja um lamento constante em relação a esse processo de fragmentação e perda, ele, na verdade não é apenas um fato exterior ao discurso, mas algo que coexiste com o esforço de preservação tal como aparece nos discursos sobre patrimônio cultural (GONCALVES, 1996, p.25)

Infere-se de José Reginaldo Gonçalves (1996) que essa prevalência acerca da perda, dentro dos discursos dos patrimônios culturais no Brasil, está fortemente ligada à noção de desejo e autenticidade, mais especificamente as noções de “objetos de desejo” e de objetos “autênticos”, emprestadas de Susan Stewart no texto.

Susan Stewart (1984) afirma que o distanciamento dos objetos, tanto no tempo como no espaço, é que imprime a eles o caráter de “objetos de desejo” (*Objects of desire*). Segundo Susan Stewart (1984) e conforme a interpretação de José Reginaldo Gonçalves (1996), os objetos “autênticos”, que ganham um caráter de merecedores de serem buscados, “resgatados” e tidos como representativos do patrimônio cultural acabam por articular uma autenticidade que causa um efeito de sua própria perda.

José Reginaldo Gonçalves (1996) acredita que essa programação do desejo se faz presente nas narrativas nacionais brasileiras acerca de patrimônios culturais.

De modo geral, nesta obra, José Reginaldo Gonçalves (1996) trabalha essa questão dos discursos sobre perda ao tratar, também, sobre apropriação, metáforas visuais, referência cultural, produção cultural, política do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) de 1937 a 1979, apropriação da cultura nacional, cultura nacional como estratégia de autenticação e narrativas sobre patrimônio cultural como alegorias da formação nacional, por exemplo.

Ao visualizar algumas das informações curriculares de José Reginaldo Gonçalves (2019) esses mesmos tipos de assuntos depreendem-se dos já descritos âmbitos de estudo e de exercício profissional do estudioso, visualizando-se então, a partir desse texto (três vezes relançado) o tom de escrita e a linguagem deste Antropólogo Cultural.

Ademais, diante de todas essas percepções de José Reginaldo Gonçalves e sobre ele, é possível então perceber a confirmação de uma das características de sua trajetória: assim como foi visto na entrevista, Gonçalves não prende-se, necessariamente a uma simples aceção e noção pura de conceitos e terminologias, mas sim, ele não somente atenta-se principalmente a ressonância conjuntural desses conceitos, como também os critica e problematiza, podendo inferir que ele estabelece

um discurso de ressignificação de termos e conceitos não em seu sentido epistêmico, mas sim da maneira como são utilizados em discursos e narrativas.

Finalmente, é possível constatar também que a interdisciplinaridade ligada intrinsecamente e extrinsecamente a Gonçalves, sua leitura analítica e crítica quanto a profundidade semântica e ressonante de conceitos e terminologias e sua postura diante de discussões sobre perda podem ser tidos como relevantes insumos para a semântica museal contemporânea brasileira.

Sobre esse crivo, para o próximo tópico, destaca-se dos principais conceitos mobilizados por José Reginaldo Gonçalves (dispostos anteriormente no quadro XI) o conceito de ressonância, que direta e indiretamente, perpassa essas posturas do estudioso, conceito esse que também está presente em suas obras *Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios* (2005), *Antropologia dos Objetos: coleções, museus e patrimônios* (2007) e *Os Limites do Patrimônio* (2007), anteriormente escolhidas.

4.2 - O conceito de ressonância

De acordo com o que foi proposto no primeiro capítulo da monografia e nessa conclusão do tópico anterior, este segundo tópico compreende uma análise do termo e do conceito de ressonância, e de suas variações terminológicas e semânticas, dentro de três referências textuais de José Reginaldo Gonçalves, termo esse que foi previamente associado ao estudioso. Para tanto, serão utilizados então a mesma sistematização e os mesmos argumentos metodológicos dos capítulos anteriores.

O termo ressonância tem origem etimológica do latim, *resonāntia, ae*, que quer dizer, de acordo com o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2009c): rebombo, eco.

Assim como no caso da análise dos conceitos de Mário Chagas e de Bruno Brulon, feitas nos capítulos anteriores, a fim de propor uma análise conceitual e etimológica do termo ressonância, faz-se necessário o uso de definições lexicais da língua portuguesa, com intenções de haver um primeiro aprofundamento no estudo do conceito de ressonância.

O argumento sobre a legitimidade e notoriedade dos dicionários: *Novo Aurélio: O Dicionário da Língua Portuguesa do Século XXI*, o *Dicionário Houaiss da Língua*

Portuguesa e Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa mantêm-se o mesmo dos capítulos anteriores.

A escolha por unidades léxicas de língua, no caso aqui a da portuguesa, e não por outras representações epistêmicas e orais da variedade linguística brasileira, justifica-se também neste capítulo, pela questão metodológica de enfrentamento da problemática conceitual e epistêmica da Museologia dentro de seu corpo Teórico, a qual pode ser aplacada através da abrangência de definições que envolvem esses dicionários, os quais podem ser tidos como unidades que apresentam incorporações epistêmicas ampliadas.

Vê-se a seguir um décimo segundo quadro, que agora abarca definições de ressonância de acordo com esses dicionários.

Quadro XII - Definições de Ressonância

Dicionário	Ano da Edição Consultada	Editora / Unidade de Lexicografia	Definições de Ressonância
Novo Aurélio: O Dicionário da Língua Portuguesa do Século XXI	2010	Positivo	1 Qualidade do que ressoa; capacidade de ressoar; 2 Fenômeno pelo qual um corpo vibra com maior intensidade quando o atingem vibrações produzidas por outro, produzindo, p.ex., maior volume de som ou prolongando a duração deste. 3 Transferência de energia de um sistema oscilante para outro quando a frequência do primeiro coincide com uma das frequências próprias do segundo.
Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa	2009 (ano da última edição)	Instituto Antônio Houaiss	1 repercussão de sons 2 qualidade ou condição de ressonante 3 estado de um sistema que vibra numa frequência própria, com amplitude acentuadamente maior, como resultado de estímulos externos que possuem a mesma frequência de vibração 4 processo de transferência de energia de um sistema, que oscila numa frequência própria, para outro que oscila com a mesma frequência 5 partícula elementar que pode ser compreendida como o estado excitado de outra e cuja vida média é muito curta (...) 6 particularidade de certas moléculas de terem duas ou mais fórmulas estruturais em que somente as posições dos elétrons diferem; (...) 7 vibração do ar contido nas cavidades supraglóticas, numa frequência

			correspondente ao seu volume e à sua forma, que causa a intensificação do tom fundamental ou de alguns harmônicos do som produzido pelas pregas vocais ou, nos sons surdos, é responsável pelos traços acústicos de cavidade dos sons (...).
Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa	2015 (ano da última edição)	Melhoramentos Ltda	1 Amplificação dos sons. 2 Característica do que é ressonante. 3 Impressão causada no público, em um grupo ou em uma pessoa. 4 Fenômeno de transmissão de um movimento vibratório. 5 Fenômeno que ocorre quando um composto tem duas ou mais fórmulas estruturais com a mesma posição para os núcleos dos átomos, mas difere quanto às posições dos elétrons; (...). 6 Processo de transporte de energia de um sistema oscilante em uma frequência própria para outro sistema com oscilação na mesma frequência. 7 Tendência de um sistema mecânico para absorver mais energia quando a frequência de suas oscilações se iguala à frequência de vibração natural do sistema. 8 Partícula elementar cuja vida é muito curta e que se supõe ser um sistema transitório que se forma em interação com outras partículas (...). 9 Fenômeno caracterizado pela vibração do ar quente nas cavidades pulmonar, bucal e nasal, que imprime a intensidade do som, da qual resulta o timbre. 10 Ruído que se distingue ao se realizar o exame de percussão do tórax.

Fonte: Elaborada por Débora de Abreu e Silva (2019)

Sobre os três textos de Gonçalves escolhidos serão feitas interpretações e inferências acerca do texto e conjuntamente uma análise conceitual⁵⁵ do termo ressonância de suas variações.

Na primeira obra, José Reginaldo Gonçalves (2005) toma como ponto de partida pensar “patrimônios culturais” em termos etnográficos, estudando-os enquanto

⁵⁵ Além das outras determinações, já apresentadas anteriormente, os métodos para essa análise conceitual são: busca por palavra-chave em todo o corpo de textos das obras, em atmosfera virtual. Peneiragem através da palavra ressonância na íntegra e também através do prefixo *resson*, o qual pôde contemplar, lexicalmente, as outras variações semanticamente agrupáveis e associáveis à ressonância. Quanto ao agrupamento de assuntos (tópicos) ligados a ressonância fez-se a interpretação heurística e a captação, também por palavra-chave.

fatos sociais totais⁵⁶. Ele explora os potenciais descritivos e analíticos do que se concebe por patrimônio, explanando suas possíveis dimensões sociais e simbólicas, abordando sobre delineamentos semânticos dentro do contexto da modernidade.

José Reginaldo Gonçalves (2005) demonstrou neste texto aspectos tidos para ele como definidores dentro dessa proposta de potenciais descritivos e analíticos sobre patrimônio. Estes foram enunciados a partir da “ressonância”, da “materialidade” e “subjetividade”, sendo estes entendidos enquanto categorias de entendimento estabelecidas por ele. É possível dizer que ele trouxe argumentações teóricas que podem contribuir para discursos de teor teórico e político acerca de usos do conceito de cultura, quando observado sob o viés antropológico.

É razoável verificar, diante do texto e da disposição desses conceitos e assuntos: seu ímpeto de exploração das potencialidades descritivas e analíticas de conceitos, sua investigação conceitual que busca contemplar dimensões sociais e simbólicas, sua sensibilidade em estudar desenhos semânticos. Revelando-se com isso, (sendo razoável interpretar-se) seu tom de escrita.

A seguir, os termos e assuntos ligados à ressonância encontrados ao longo do texto.

Quadro XIII – Termos e Tópicos ligados à ressonância (GONCALVES, 2005)

Termos ligados e equivalentes a ressonância (GONCALVES, 2005)	Tópicos ligados à ressonância (GONCALVES, 2005)
Com um total de vinte e três (23) termos. Sendo: Vinte (20) para ressonância, dois (2) para ressonâncias e um (1) para <i>Ressonance</i> .	Ressonância como categoria para análise de culturas como patrimônios; Ressonância como atributo para debates; Ressonância enquanto estudo; Ressonância na análise de discursos modernos; Ressonância relacionada ao público Ressonância textual; Ressonância enquanto inspiração; Ressonância enquanto meio para evocar forças culturais complexas;

Fonte: Elaborada por Débora de Abreu e Silva (2019)

É possível analisar, diante desse quadro, mas mais especificamente observando-se os tópicos, que os usos de ressonância conseguiram amarrar semanticamente sua proposta de conceber as culturas como patrimônios, pois José Reginaldo Gonçalves (2005) não utilizou do termo apenas para construção da sua

⁵⁶ José Reginaldo Gonçalves (2005) se utiliza da noção de “fato social total” de Marcel Mauss (2003, pp. 185-318).

literalidade, mas para imprimir no texto, à luz dos significados do Quadro XII, a idéia de ressonância enquanto repercussão de forças culturais complexas, enquanto processo de transferência de energia para outro (ressonância como atributo para debates e enquanto categoria para análise de culturas como patrimônios (ação produzida por diagnóstico).

Na segunda obra a ser analisada – a qual pertence a *Coleção Museu, Memória e Cidadania*, coordenada por José do Nascimento Júnior e Mário Chagas e que compreende diferentes textos⁵⁷ de Gonçalves – José Reginaldo Gonçalves (2007) discorre basicamente sobre:

- Teorias antropológicas;
- Objetos materiais;
- Coleções;
- Conhecimento etnográfico;
- Visualidade;
- Museus; museus e a cidade; os museus e a representação no brasil;
- Patrimônio; patrimônio enquanto categoria de pensamento;
- Patrimônios culturais; patrimônios culturais como gênero de discurso; sistemas culinários como patrimônios culturais;
- Autenticidade;
- Ideologias nacionais;
- Monumentalidade e cotidiano;
- Antropologia de Luís da Câmara Cascudo;
- Memória; memória e etnicidade;
- Cultura; cultura açoriana; culturas como patrimônios;
- Ressonância; materialidade e subjetividade.

Segundo José Reginaldo Gonçalves (2007) um dos fios condutores desses assuntos seria: o de reflexão sobre processos de transformação social e simbólica, reclassificações, deslocamentos e discursos sobre coleções, museus e patrimônios e sobre:

⁵⁷ Dentro dessa volumosa obra, está compreendido o anteriormente analisado texto *Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios* (2005), por esse motivo, apesar de mencionar nas características gerais da obra os conceitos “ressonância, materialidade e subjetividade” (apenas por um intuito de fidedignidade ao sumário do mesmo) esta obra de José Reginaldo Gonçalves (2007) será analisada ausentando-se esse texto, a fim de não se haver uma repetição de pesquisas.

o papel que os objetos materiais em geral, e em especial aqueles classificados como itens integrantes de coleções, museus e patrimônios, desempenham no processo de formação de diversas modalidades de autoconsciência (GONCALVES, 2007, p. 10)

Quanto à natureza dos textos, José Reginaldo Gonçalves (2007) aponta que são "palestras, conferências, aulas, comunicações em congressos, esses textos, em sua maioria, vieram a ser publicados em revistas especializadas e em livros, entre os anos de 1989 e 2005" (GONCALVES, 2007, p. 9)

Assim como ocorreu no capítulo sobre Mário Chagas, na análise da obra *Museu, Patrimônio e Cidade: camadas de sentido em Paraty* (2014), o conceito ressonância não está presente literalmente no texto, mas ele insere-se na linguagem, no tom de escrita e através de termos que se correlacionam etimológica e semanticamente à ressonância. Essa escolha deu-se pelo volume explorável da obra e para manter um alinhamento metodológico com outras partes da monografia. A seguir, o quadro com a sistematização dos termos.

Quadro XIV - Termos e Tópicos ligados à ressonância (GONCALVES, 2007)

Termos correlacionados etimologicamente a Ressonância (GONCALVES, 2007)	Tópicos ligados semanticamente à ressonância (GONCALVES, 2007)
<p>Com um total de cinquenta e dois (52) termos. Sendo: Duas instâncias para repercussão (2); duas (2) instâncias para repercutindo; duas (2) instâncias para repercutem; três (3) para repercute; uma (1) para repercussões; uma (1) instancia para estímulos; uma (1) para estimulantes; uma (1) para estimulante; uma (1) para estimulam; uma (1) para estimular; quatro (4) para frequência; uma (1) para transferência; uma (1) para oscilação; uma (1) para excitar; três (3) instâncias para intensificação; uma (1) para ampliavam; duas (2) instâncias para ampliação; duas (2) instâncias para transmissão; cinco (5) para fenômeno; uma (1) para fenômenos; seis (6) para tendência; uma (1) para tendências; uma (1) para transitório; cinco (5) para interações; uma (1) para interação e duas (2) para intensidade.</p>	<p>Repercussão subjetiva; repercussão em museus etnográficos; repercussão ligada a tese de interdependência; patrimônios que repercutem aspirações e reivindicações formuladas por movimentos sociais de natureza nacionalista; a repercussão da museologia no Brasil; repercussões da identidade; repercussão de narrativas; estímulos sensoriais e psicológicos; interpretações estimulantes sobre objetos materiais; estímulo de virtudes cívicas; frequências no cotidiano; frequência de gostos alimentares; oscilação entre perspectivas; intensificação dos processos característicos da grande cidade; intensificação de atitude psicológica; intensificação de processo de profissionalização; ampliação de métodos de pesquisa histórica; ampliação de fontes utilizadas por historiadores; ampliação da categoria "patrimônio"; transmissão de categorias de pensamento; fenômeno ocidental e moderno; fenômeno urbano; fenômeno museal; fenômeno na condição de "invenções de tradições" (Hobsbawm, 1983); fenômenos ligados à consciência; tendência ao esquecimento; tendência humana; tendência à fragmentação; tendência democratizante; tendência a unidade; interações sociais; interações entre diversos gêneros de estudo; interação entre</p>

Fonte: Elaborada por Débora de Abreu e Silva (2019)

Por fim, observa-se deste texto de José Reginaldo Gonçalves (2007) e desse quadro as seguintes proposições: a massa de assuntos apresentados no texto (GONCALVES, 2007) apresenta relevantes características discursivas de Gonçalves. Ele problematiza e propõe perspectivas que não necessariamente arredondam a – muitas vezes “legitimadas” – visões semânticas, patrimoniais e antropológicas.

É plausível especular, também, que o estudioso José Reginaldo Gonçalves (2007), ao pesquisar sobre museus, cidade, Brasil, patrimônio, discurso, culinária, autenticidade, cotidiano, antropologia, memória, etnicidade e cultura, não somente visualiza e esmiúça discussões e narrativas acerca destes, analisando-as experimentalmente, mas o faz, também, observando sinergicamente suas estruturas semânticas, seus maneirismos, seus gêneros de discurso, suas ideologias e subjetividades e a ressonâncias desses em nível social, antropológico e teórico.

No quadro XIV observa-se a forte presença de termos correlacionados etimologicamente a ressonância, revelando-se então, no corpo terminológico de José Reginaldo Gonçalves (2007) o uso desse tipo de termos para conformação da sua narrativa, a qual propõe explorar uma antropologia dos objetos. Com relação aos tópicos ligados semanticamente à ressonância neste quadro, vê-se neste mesmo texto de José Reginaldo Gonçalves (2007) o uso, mesmo que indireto, de significados dos dicionários atrelados a ressonância, verificando-se com isso a tônica de qualidade repercussiva de Gonçalves, ou melhor, as características do tipo de mensagem que José Reginaldo propõe a apresentar.

Na terceira obra escolhida, também de 2007, *Os Limites do Patrimônio*, José Reginaldo Gonçalves (2007) trata sobre o patrimônio como categoria analítica antropológica. Neste texto ele discorre sobre os “patrimônios culturais” como objeto de uma obsessão coletiva e sobre a expansão semântica concebida pela noção de “patrimônios intangíveis”. Ele invoca a noção de limite para evitar esvaziamentos semânticos e trivialismos os quais podem corroborar em uma diminuição de “potencial descritivo e analítico” (GONCALVES, 2007, p. 239)

Dentre outros assuntos, José Reginaldo Gonçalves (2007) discorre sobre: processos sociais e culturais de delimitação das fronteiras do patrimônio, distinção

ontológica entre patrimônios culturais e mercado, existência social e cultural do patrimônio, distinção entre as representações da categoria patrimônio, transformações da categoria “patrimônio”, bens inalienáveis, valores rituais, sociais e de exibição, discursos do patrimônio cultural no Brasil, patrimônio cultural, limites do mercado nos processos de produção dos patrimônios, análises dos modernos discursos sobre o patrimônio cultural e sobre instituições situadas entre memória e história.

Em suma, José Reginaldo Gonçalves (2007) pretendeu com esse texto dar um foco nas ambiguidades, detectadas por ele, na categoria de patrimônio, quando coloca-se em observação "(...) o aspecto definidor de sua própria natureza (...) entre o passado e o presente, entre o cosmos e a sociedade, entre a cultura e os indivíduos, entre a história e a memória" (GONCALVES, 2007, p. 246)

E sob esse ponto de vista das ambiguidades há também, a título de exemplo, uma questão que José Reginaldo Gonçalves (2007) diria por excesso de ressonância, dentro dessa relação entre patrimônio, museus e quem os classifica. Este texto de Gonçalves apresenta o caso de uma coleção de objetos de culto e imagens de entidades da umbanda apreendidos por repressão policial em décadas passadas. Estes estavam organizados figurando-se o contexto cosmológico do terreiro de umbanda, o responsável pelo museu (o qual não era museólogo) mas sim um policial aposentado umbandista que arquitetou, a sua maneira, a exposição.

José Reginaldo Gonçalves (2007) aponta que foi percebido que dentre as visitas que o museu recebia cotidianamente estavam fiéis da umbanda que buscavam apoio junto a essas entidades para resolver suas inquietações. Para Gonçalves esse excesso de ressonância seria o forte apelo imagético e sensorial em dissonância e em contraponto a uma identidade de organização policial. Para Gonçalves:

um museu dedicado ao passado e à identidade de uma organização policial aproxima-se da condição de um terreiro de umbanda. Trata-se evidentemente de um caso extremo e, por isso mesmo, bom para expor a dimensão de ambigüidade que parece caracterizar os objetos no contexto dos museus. (GONÇALVES, 2007, p. 217)

Assim, pode-se interpretar que José Reginaldo Gonçalves (2007) quis chamar a atenção para o fato de que os acessos à memória e à comunicação criativa que o patrimônio possibilita, pode muito bem ser realizado pelo acaso do que propriamente

por uma, dita consciente, construção do presente, calcada por categorizações de patrimônio.

A seguir, os termos e assuntos ligados à ressonância encontrados ao longo do texto.

Quadro XV – Termos e Tópicos ligados à ressonância (GONCALVES, 2007) segunda obra

Termos ligados e equivalentes a ressonância (GONCALVES, 2007)	Tópicos ligados à ressonância (GONCALVES, 2007)
Com um total de dez (10) termos. Sendo: Sendo 7 (sete) para ressonância, dois (2) para ressonâncias e um (1) para <i>Ressonance</i>	Ressonância como componente para análise de discursos modernos; ressonância atrelada a materialidade e subjetividade dentro de uma perspectiva de compreensão de culturas como patrimônios; ressonância e público; ressonância e poder; ressonância e objeto; ressonância textual;

Fonte: Elaborada por Débora de Abreu e Silva (2019)

Portanto, é possível interpretar e analisar deste texto de José Reginaldo Gonçalves (2007) e desse Quadro XV, que categorizações semânticas e conceituais sobre patrimônio, bem como as noções e discursos sobre patrimônio cultural, produção de patrimônios e sobre representação da categoria de patrimônio, muitas vezes podem diluir, relativizar e/ou artificializar tanto a própria noção de patrimônio como também suas potencialidades, e diante disso, é razoável visualizar que Gonçalves se atenta a uma dimensão heurística de patrimônio, isto é, uma dimensão ampliada que vai além de suas conceituações, mas sim de uma natureza empírica ligada muito mais as ressonâncias culturais e sociais imbricadas ao patrimônio.

Através do Quadro XII de significados para ressonância, vê-se no discurso de José Reginaldo Gonçalves (2007) a noção de impressão causada no público, em um grupo ou em uma pessoa (ressonância e público), amplificação de noções (ressonância como componente para análise de discursos modernos), interação (ressonância e poder; ressonância e objeto), impressão (ressonância textual) e distinção (ressonância atrelada a materialidade e subjetividade dentro de uma perspectiva de compreensão de culturas como patrimônios).

Concluindo-se, é possível interpretar da postura semântica de José Reginaldo Gonçalves seu olhar a favor de análises e usos conceituais e antropológicos que visem balizar esvaziamentos semânticos e verbosidades artificializadas, muitas vezes ligadas a narrativas que segregam, como por exemplo, a da própria noção do que deve ou não ser patrimonializado, por mais "conscientizada" que ela possa parecer.

Gonçalves apresenta-se também como um intelectual que busca transcender literalidades. Aqui (pode-se inferir) viu-se que ele utiliza o termo ressonância a partir de uma leitura transversal do termo, utilizando de seu sentido lexical mas também ultrapassando-o, e utilizando-o de maneira heurística, com vistas a instrumentalizar seus argumentos e críticas.

Analogamente ao que percebe-se com o conceito de ressonância em Gonçalves, esse tipo de ampliação do tipo de conceitos que podem ser contemplados à Teoria Museológica, pode ser um importante construto para aprofundar e/ou construir as potencialidades da semântica museal brasileira, visto que o termo ressonância apresenta uma forte influência que partem da Física, Física Nuclear, Químico-física, fonética e medicina, mas que paradoxalmente, podem operacionalizar a semântica museal.

Diante da análise de suas obras e de sua trajetória é razoável afirmar que ao mesmo tempo que Reginaldo pode suscitar a busca por um autoexame epistêmico para o quadro conceitual da Museologia, ele também pode contribuir com uma espécie de discernimento semântico, visto que ele critica e eleva à uma problematização ontológica, terminologias e maneirismos retóricos que (utilizando de suas palavras) para José Reginaldo Gonçalves (2007) se inflacionam de expressões e categorias de patrimônio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em questão propôs analisar o quadro conceitual do campo da Museologia brasileira e de suas estruturas terminológicas e semânticas à luz da identificação e da pesquisa sobre como os termos afetação, experiência e ressonância se estabelecem no discurso dos estudiosos Mário de Souza Chagas (e o termo afetação), Bruno César Brulon Soares (e o termo experiência) e José Reginaldo Santos Gonçalves (e o termo ressonância).

Quanto a essa proposta é válido afirmar que a análise foi feita, pelo menos de uma específica parcela do campo da Museologia Brasileira e da Teoria Museológica brasileira, principalmente em sua contemporaneidade, fazendo-se isso partir de um crivo interpretativo, filosófico e teórico. Contudo, observa-se que talvez esse parâmetro possa realmente ser tido como demasiadamente hipotético, teórico e ou flutuante diante das discussões epistêmicas da Museologia, mas por esse trabalho constituir-se metodológica e essencialmente por uma revisão de literatura, por fundar-se como uma pesquisa teórica e pela razão de que uma análise semântica, lexical e sintática fazem parte da linguística, da Filosofia e da Ciências da Informação, esse crivo interpretativo, filosófico e teórico faz-se pertinente e legítimável em uma pesquisa científica.

Ao longo dessa monografia, observou-se que os próprios Mário Chagas, Bruno Brulon e José Reginaldo Gonçalves, sendo possível determinar, apresentam parâmetros discursivos, teóricos e epistêmicos próprios dentro da cosmologia da Teoria Museológica brasileira contemporânea e em contraponto a ela.

No trabalho conseguiu-se identificar e analisar características biográficas e acadêmicas desses autores, assim como perceber a participação destes em conjecturas semânticas e epistemológicas do campo museal e para o campo museal.

Através desses estudiosos e de todos os outros aqui analisados, nesta pesquisa foi possível se efetivar uma problematização sobre a composição terminológica do campo da Museologia na Teoria Museológica brasileira contemporânea e a maneira é traduzida para a linguagem da Museologia questões nocionais e conceituais do campo.

Não apenas se pesquisou a linguagem poética de Mário Chagas, a linguagem experimental de Bruno Brulon e a linguagem antropológica de José Reginaldo Gonçalves, como também, sendo crível afirmar, utilizou-se dessas para a construção

da pesquisa, fazendo-se alusão então a uma metalinguagem. Neste trabalho, utilizou-se um pouco das abordagens poéticas, experimentais e antropológicas, para se fazer alusões, interpretações, expressões, inferências, conceituações, articulações sintáticas e epistêmicas e descrições biográficas que podem ser criticáveis, inclusive as dificuldade encontradas na pesquisas fazem alusão justamente a concatenação de ideias e de interpretações, mas que se fizeram necessárias para a tradução da proposta por uma semântica museal.

Ademais, é possível se apontar, a partir desses capítulos, que a proposta por uma semântica museal visualizada através da análise dos termos afetação, experiência e ressonância na Teoria Museológica Brasileira Contemporânea pode ser contemplada, dentro do que se discorreu aqui e dentre outros exemplos, a partir:

- Do autoexame epistêmico;
- Da ampliação de tipo de conceitos;
- Da transcendência de literalidades;
- Da atenção a posturas semânticas e ontológicas
- Do pensar patrimônios culturais;
- Da análise conceitual;
- Da atenção a profundidade semântica;
- Do potencial científico e acadêmico da Museologia;
- Da representação mental da Museologia;
- Da interdisciplinaridade;
- Do apelo semântico e hermenêutico;
- Da pesquisável cosmologia semântica e conceitual da Teoria e/ou das Teorias Museológicas;
- Da abertura semântica;
- Da dialética reflexiva;
- Da observação de características estilísticas em personalidades científicas;
- Da preocupação com as origens semânticas de conceitos;
- Do caráter experiencial enquanto metodologia de discurso;
- Da problematização e resignificação de relações de dominação;
- Da historicidade de concepções;
- De uma tentativa de amadurecimento epistêmico e semântico para a Museologia;

- Da contribuição semântica de outros universos epistêmicos;
- Da atenção a relações e inter-relações lexicais;
- Do tom de escrita;
- Do o uso de unidades léxicas de língua;
- Da imaginação museal;
- Da linguagem poética;
- Do ímpeto de se formar constituição epistêmica e nocional da Museologia através de uma realidade poética, transversais ou não, à linguagem de especialidade da Museologia e para a Museologia;
- Do discernimento sobre conceitos tidos como chave;
- Das especificidades conceituais;
- E de discussão sobre questões nocionais.

Por fim, essa pesquisa suscitou para futuros trabalhos o aprofundamento do reconhecimento das personalidades teóricas da Museologia, fazendo-se necessário também entrevistar-se os estudiosos Mário Chagas, Bruno Brulon e José Reginaldo assim como, por que não, outros estudiosos que se contraponham semanticamente a eles. Tudo isso, em vias de se pesquisar ainda mais a semântica museal brasileira.

REFERÊNCIAS

0051 Ideias Da Aldeia 24 05 2005 vássia Mário Chagas f 1476 1 (Título do vídeo no *Youtube*). Direção de Simony D'ávila. Produção de Inês Pontes. Acre: **Tv Aldeia**, 2005. (39 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5ljCo8NS65E>>. Acesso em: 14 abr. 2019.

AUBERT, Francis Henrik. **Língua como estrutura e como fato histórico-social: conseqüências para a terminologia**. In Ieda Maria Alves (org.). A constituição da normalização terminológica no Brasil. São Paulo, FFLCH/CITRAT, 1996, p. 11-15. Disponível em: <https://filologiauefs.files.wordpress.com/2018/03/aubert_francis-lc3adngua-como-estrutura-e-como-fato-histc3b3rico-social.pdf>. Acesso em: 01 de mar. 2019

BARY, Marie-Odile de, TOBELEM, Jean-Michel (dir.). **Manuel de muséographie: Petit guide à l'usage des responsables de musée**. Biarritz: Option Culture, 1998.

BERMAN, Antoine. A tradução e seus discursos. **Alea: Estudos Neolatinos**, [s.l.], v. 11, n. 2, p.341-353, dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2009000200011>. Acesso em: 14 abr. 2019.

BETHÔNICO, Mabe Machado. **Museologia e poética: a instituição como composição**. Belo Horizonte, 2005. Disponível em: <<https://www.eba.ufmg.br/museologia/>>. Acesso em: 14 abr. 2019.

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. **Institui O Estatuto de Museus e Dá Outras Providências..** Brasil, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm>. Acesso em: 31 jul. 2019.

BRITTO, Clovis Carvalho. **Nossa maçã é que come Eva: a poética de Manoel de Barros e os lugares epistêmicos das Museologias Indisciplinadas no Brasil**. 2019. 223 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Educação e Administração,

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2019. Disponível em: <http://www.museologia-portugal.net/files/upload/doutoramentos/tese_clovis_britto.pdf>. Acesso em: 18 maio 2019.

BRULON, Bruno (Org.). **Apresentação**. Grupo de Pesquisa Museologia Experimental e Imagem, UniRio. Disponível em: <<http://www.unirio.br/museologiaexperimental/apresentacao-1/apresentacao>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

BRULON, Bruno (Org.). **Museologia Experimental**. Grupo de Pesquisa Museologia Experimental e Imagem, UniRio. Disponível em: <<http://www.unirio.br/museologiaexperimental/apresentacao-1/museologia-experimental>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

BRULON, Bruno. **Quando o Museu abre portas e janelas**: O reencontro com o humano no Museu contemporâneo. 2008. 162 p. Dissertação (Mestrado) - Curso de Museologia, Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio, UniRio/MAST, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/download/16/12>>. Acesso em: 26 maio 2019

BRULON, Bruno. **Máscaras guardadas**: musealização e descolonização. 2012. 461 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia, Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012. Disponível em: <<http://ppgantropologia.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/16/2016/07/BRUNO-C%C3%89SAR-BRULON-SOARES.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2019.

BRULON, Bruno. **A Invenção do Ecomuseu**: O Caso do Écomusée du Creusot Montceau-Les-Mines e a Prática da Museologia Experimental. Mana, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 267-295, Aug. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v21n2/0104-9313-mana-21-02-00267.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

BRULON, Bruno; DESVALLÉES, André. **Entrevista com André Desvallées**. Anais do Museu Histórico Nacional, v. 47, p. 131-150, 2015.

BRULON, Bruno (Org.). **André Desvallées**. 2017. Disponível em: <<https://historiadamuseologia.blog/autores/andre-desvallees/>>. Acesso em: 08 jan. 2019.

BRULON, Bruno (Org.). **Georges Henri Rivière**. 2017. Disponível em: <<https://historiadamuseologia.blog/autores/georges-henri-riviere/>>. Acesso em: 08 jan. 2019.

BRULON, Bruno (Org.). **O projeto**. História da Museologia. Texto com redação na data (suposta) de 2017. Disponível em: <<https://historiadamuseologia.blog/oprojeto/>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

BRULON, Bruno. **Provocando a Museologia**: o pensamento geminal de Zbynek Z. Stránský e a Escola de Brno. São Paulo: An. Mus. Paul, 2017. 23 p. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v25n1/1982-0267-anaismp-25-01-00403.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

BRULON, Bruno; BARACAL, A. B. (Org.). **Stránský**: uma ponte Brno-Brasil / Stránský: a bridge Brno-Brazil. Rio de Janeiro: Paris: Comitê Internacional de Museologia - ICOFOM, 2017. 304 p. Disponível em: <http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/images/Icofom_Stransky_couv_cahierFINAL.pdf>. Acesso em: 26 maio 2019.

BRULON, Bruno (Comp.). **Currículo Lattes**. 2019. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/9885138624847414>>. Acesso em: 26 abr. 2019

BURCAW, G. Ellis. Methodology of museology and professional training - basic paper and comments. **ICOFOM Study Series**, n. 1 ICOFOM Study Series Stocolmo: ICOFOM/ICOM, p. 10-23, 1983

CABRÉ, M. Teresa. **La terminología: Teoría, metodología, aplicaciones.**

Barcelona, Editorial Antárdida/Empúres, 1993, 529 p.

CABRÉ, M. Teresa. Una nueva teoría de la terminología: de la denominación a la comunicación. In: CABRÉ, M. T. **La terminología: representación y comunicación.**

Elementos para una teoría de base comunicativa y outros artículos. Barcelona:

Universitat Pompeu Fabra/Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1999. p. 109-

127. Disponível em: <http://onomazein.letras.uc.cl/Articulos/6/R1_Born.pdf>. Acesso em: 01 de mar. de 2019.

CANCELA, Fabiano. **Tudo o que você precisa saber sobre os principais tons de**

escrita. 2018. Disponível em: <[https://comunidade.rockcontent.com/tons-de-](https://comunidade.rockcontent.com/tons-de-escrita/)

[escrita/](https://comunidade.rockcontent.com/tons-de-escrita/)>. Acesso em: 01 abr. 2019.

CARVALHO, Luciana Menezes de. **Em direção à Museologia latino-americana: o papel do ICOFOM LAM no fortalecimento da Museologia como campo**

disciplinar. 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em

Museologia e Patrimônio, UniRio/MAST, Rio de Janeiro, 2008. 107 p. Orientador:

Tereza Cristina Moletta Scheiner. Co-orientador: Marcos Luiz Cavalcanti de

Miranda.). Disponível em: <[http://ppg-](http://ppg-pmus.mast.br/dissertacoes/luciana_menezes_de_carvalho.pdf)

[pmus.mast.br/dissertacoes/luciana_menezes_de_carvalho.pdf](http://ppg-pmus.mast.br/dissertacoes/luciana_menezes_de_carvalho.pdf)>. Acesso em: 01 de mar. de 2019

CERAVOLO, S. M.. **DA PALAVRA AO TERMO:** um caminho para compreender Museologia. 2004. 231 p. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais Aplicadas,

Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicação e

Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em:

<http://www.museologia.ffch.ufba.br/sites/museologia.ffch.ufba.br/files/tese_suely_moraes_ceravolo.pdf>. Acesso em: 20 de fev. 2019.

CERAVOLO, S. M.. **Delineamentos para um teoria da Museologia.** Anais do

Museu Paulista, São Paulo, v.12, p. 237-268, 2004. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142004000100019&lng=pt&nrm=iso)

[47142004000100019&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142004000100019&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 08 jan. 2019.

CERAVOLO, S. M.. Museologia: retrospectiva sobre a formação da área e método de pesquisa para delimitar um domínio conceitual. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) GT 2: **Organização do Conhecimento e Representação da Informação**, 6., 2005, Florianópolis. pp. 1-13. Disponível em:
<<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/vienancib/paper/view/1741/875>>. Acesso em: 14 de jun. de 2019

CERAVOLO, S. M.; TÁLAMO, M. F. G. M.. Linguagem de especialidade e a elaboração da noção de campo científico: o caso da Museologia. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) GT 2: **Organização e Representação do Conhecimento**, 9., 2008, São Paulo. p. 1 - 13. Disponível em:
<<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/ixenancib/paper/view/3022/2148>>. Acesso: 28 jan. 2019.

CHAGAS, M. S.. **A imaginação museal**: Museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: Ibram, 2009. v. 1. 257p.

CHAGAS, Mário; STORINO, Claudia. Museu, patrimônio e cidade: camadas de sentido em Paraty. **Cadernos de Sociomuseologia**, [S.l.], n. 3, june 2014. ISSN 1646-3714. Disponível em:
<<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/4532>>. Acesso em: 01 abr. 2019

CHAGAS, M. S.; GOUVEIA, I.. **Museologia social**: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). Cadernos do CEOM, v. 27, p. 9-22, 2014.

CHAGAS, M. S.. **Uma introdução à Museologia Social**. In: CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO (SESC), 1., 2015, São Paulo. Sesc, 2015. p. 1 - 172.

CHAGAS, Mário de Souza; PIRES, Vladimir Sibylla (Org.). **Território, museus e sociedade**: práticas, poéticas e políticas na contemporaneidade. Rio de Janeiro:

Coleção Museu, Memória e Cidadania, 2018. 311 p. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/09/LIVRO-TERRITORIO-MUSEUS-E-SOCIEDADE_WEB____vers%C3%A3o-02.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2019.

CHAGAS, M. S. (Comp.). **Currículo Lattes**. 2019. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/6889976283803861>>. Acesso em: 14 abr. 2019

CINTRA, Anna Maria Marques; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves; LARA, Marilda Lopes Ginez; KOBASHI, Nair Yumiko (1994). **Para entender as linguagens documentárias**. São Paulo, Ed. Polis, 72 p.. Disponível em: <http://abecin.org.br/data/documents/CINTRA_et_al_Para_entender_as_linguagens_documentarias_2_ed.pdf>. Acesso em: 01 de mar. de 2019

D' AMBRÓSIO, Ubiratan. **Da realidade à ação**: reflexões sobre a Educação (e) Matemática. São Paulo: Summus/Unicamp, 1988. 115p

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. Tradução: Bruno Brulon Soares, Marília Xavier Cury. ICOM: São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2019

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. **Conceito-chave**. 2018. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/conceito-chave>>. Acesso em: 01 mar. 2019.

DUARTE, Alice. **Nova Museologia**: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora. In: Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, v.6, n. 1. Rio de Janeiro: UniRio, 2013. p. 99-127.

ELIAS, Diego. **Dados VS Informação: Qual a diferença?** Disponível em: <<https://www.binapratice.com.br/dados-x-informacao>>. Acesso em: 28 maio 2019.

ESTIVALS, Robert. **La bibliologie, une science francophone**. Association Internationale de Bibliologie, 19ème colloque international de bibliologie, Alexandrie, 12-15 mars 2006. Disponível em <<http://www.aib.ulb.ac.be/colloques/2006-alexandrie/fulltext/estivals.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2019

ESTRUTURA Curricular: EIXO 1 – TEORIA E PRÁTICA MUSEOLÓGICA. EIXO 1 – TEORIA E PRÁTICA MUSEOLÓGICA. 2019. Disponível em: <<http://www.museologia.fci.unb.br/curso/curriculo>>. Acesso em: 31 jul. 2019.

FERNANDES, Márcia. **Função Poética**. 2019. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/funcao-poetica/>>. Acesso em: 14 abr. 2019.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Afetação**. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009. 2120 p. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Experiência**. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009. 2120 p. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. [s.l.]: Curitiba: Positivo, 2010., 2120 p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Ressonância**. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2120 p.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa. A linguagem de especialidade e o texto técnico-científico: Notas conceituais. **Transinformação**, [s.l.], v. 16, n. 3, p.241-251, dez. 2004. FapUnifesp (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-37862004000300004>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-37862004000300004&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 21 jun. 2019.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A Retórica da Perda**: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1996.

GONCALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 11, n. 23, pp.15-36, jan. 2005. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ha/v11n23/a02v1123.pdf>>. **14 de jun de 2019**

GONCALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. 252 p. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3753385/mod_resource/content/1/GON%C3%87ALVES.%20antropologia_dos_objetos_V41.pdf>. Acesso em: **14 de jun. de 2019**

GONCALVES, José Reginaldo Santos. Os Limites do Patrimônio. In: LIMA, Manuel Ferreira; ECKERT, Cornélia; BELTRÃO, Jane. **Antropologia e Patrimônio Cultural**: diálogos e desafios contemporâneos. Blumenau: Nova Letra, 2007. p. 239-248. Disponível em:

<<http://www.abant.org.br/conteudo/livros/PatrimonioCultural.pdf>>. Acesso em: **14 de jun. de 2019**

GONCALVES, José Reginaldo Santos (Comp.). **Currículo Lattes**. 2019. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/8759132068825242>>. Acesso em: **14 de jun. de 2019**

GROSFOGUEL, Ramón. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais**: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. Revista Crítica de Ciências Sociais, 80, Março 2008: 115-147.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. **A interdisciplinaridade em Museologia** (1981). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional. v.1. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010a. p.123-126.

HANDLER, R. ;GONCALVES. **Entrevista com Richard Handler**: o modernismo antropológico de Edward Sapir:. Rio de Janeiro: PPGSA IFCS UFRJ, 2012

(Entrevista). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sant/v2n4/2238-3875-sant-02-04-0011.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2019

HENRIQUES, Susana. **Pesquisa Extensiva**: Seminário de Investigação Métodos e Técnicas de Recolha e Tratamento de Dados, Lisboa: Universidade Aberta (UAb), 2012. 27 slides, color. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/4859/3/Pesquisa%20extensiva_SH-2012.pdf>. Acesso em: 28 maio 2019.

HOBBSAWM, E.; RANGER, T. **The invention of traditions**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983

HOME PAGE. **WRITEWORDS** (United Kingdom). Disponível em: <<http://www.writewords.org.uk/>>. Acesso em: 14 abr. 2019.

HOUAISS, Antonio. **Bibliologia**. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1986 p.

HOUAISS, Antonio. **Equilíbrio**. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009

HOUAISS, Antonio. **Experiência**. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009

HOUAISS, Antonio. **Linguagem**. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009

HOUAISS, Antonio. **Ressonância**. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009

ICOM BR (Org.). **COMITÊS INTERNACIONAIS**. Disponível em:

<http://www.icom.org.br/?page_id=6>. Acesso em: 28 fev. 2019.

JULIÃO, Letícia; TANUS, Gabrielle Francinne de S.C.. Ensino da Museologia no Brasil: teoria e interdisciplinaridade. In: **I Seminário Brasileiro de Museologia**, 2014, Belo Horizonte. Anais do I SEBRAMUS, 2014. p. 74-85.

LAUDONIO, Fábio. O que é metalinguagem?. **Mundo Estranho**, São Paulo, 04 jul. 2018. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-metalinguagem/>>. Acesso em: 14 abr. 2019.

LEDA, Manuela Corrêa. Teorias Pós-Coloniais e Decoloniais: Para repensar a Sociologia da Modernidade. **Temáticas**, Campinas, v. 45, n. 23, p.101-126, fev. 2015. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/tematicas/article/download/2317/1730>>. Acesso em: 26 maio 2019.

LEITE, Pedro Pereira. **Olhares Biográficos: A Poética da Intersubjetividade em museologia**. Lisboa: Marca D'água, 2012. 60 p. Disponível em: <https://www.academia.edu/1498704/Objetos_Biogr%C3%A1ficos_A_Po%C3%A9tica_de_Intersubjetividade_em_Museologia?auto=download>. Acesso em: 14 abr. 2019.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 183-294.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naif, 2003., pp. 185-318

MENESES, Maria Paula. Os sentidos da descolonização: uma análise a partir de Moçambique. **Opsis**, [s.l.], v. 16, n. 1, p.26-44, 23 ago. 2016. Universidade Federal de Goiás. <http://dx.doi.org/10.5216/o.v16i1.36904>. Disponível em: <https://ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1097_Os_sentidos_da_descolonizacao_um_a_analis.pdf>. Acesso em: 26 maio 2019.

MICHAELIS (Brasil). **Afetação**. São Paulo: Melhoramentos Ltda, 2015. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/afeta%C3%A7%C3%A3o/>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

MICHAELIS, Henriette. **Antro**. São Paulo: Melhoramentos Ltda, 2015. Disponível em: <Antro: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/antro/>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

MICHAELIS, Henriette. **Experiência**: Michaelis. São Paulo: Melhoramentos Ltda, 2015. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/experi%C3%Aancia/>>. Acesso em: 26 maio 2019.

MICHAELIS, Henriette. **Michaelis**: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos Ltda, 2015. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>>. Acesso em: 02 abr. 2019.

MICHAELIS, Henriette. **Mística**: Michaelis. São Paulo: Melhoramentos Ltda, 2015. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/m%C3%ADstica>>. Acesso em: 14 abr. 2019.

MICHAELIS, Henriette. **Ressonância**: Michaelis. São Paulo: Melhoramentos Ltda, 2015. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/resson%C3%A2ncia/>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

MICHAELIS, Henriette. **Retórica**. São Paulo: Melhoramentos Ltda, 2015. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/retorica/>>. Acesso em: 16 jun. 2019.

MORENO, Bruna. **Os quatro principais dicionários de língua portuguesa**. 2011. Disponível em: <<https://www.scrittaonline.com.br/posts/os-quatro-principais-dicionarios-de-lingua-portuguesa>>. Acesso em: 02 abr. 2019.

MOUTINHO, Mário Canova. Sobre o conceito de Museologia Social. **Cadernos de Sociomuseologia**, [S.l.], v. 1, n. 1, maio 2009. ISSN 1646-3714. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/467>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

MUNIZ, Juliana. Núcleo de Tecnologia da Informação da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília. **Curso de Museologia: Estrutura Curricular**. Disponível em: <<http://www.museologia.fci.unb.br/curso/curriculo>>. Acesso em: 08 jan. 2019.

NOMADS.USP (Brasil). Universidade de São Paulo (Org.). **Livro A Retórica da Perda Jose Reginaldo**. 2009. Grupo de pesquisa Patrimônio Cultural e Mídias digitais. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/pesquisas/cultura_digital/patrimonio_cultural_e_midias_digitais/textos/07-02-09_livro_A_Retorica_da_Perda_Jose_Reginaldo.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2019.

PEREIRA, Danilo Celso. **Cidade patrimônio: uma geografia das políticas públicas de preservação no Brasil**. 2015. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-22122015-101754/pt-br.php>>. Acesso em: 02 abr. 2019

PIRES, Vladimir Sibylla. **Museu-monstro: insumos para uma museologia da monstruosidade..** 2014. 173 f. Tese (Doutorado) - Curso de Museologia, Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/841/1/Tese_Vladimir%20Sibylla_Final.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2019.

PORTAL do Instituto Brasileiro de Museus – Ibram. **Programa editorial:** Ibram lança dois títulos em livreria no Rio de Janeiro. 2010. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/tag/imaginacao-museal/>>. Acesso em: 14 abr. 2019.

PORTO (Ed.). **Afetação**. Dicionário de latim-português. 2. ed., 2003. 715 p.

PORTO (Ed.). **Dicionário de latim-português**. 2. ed., 2003. 715 p.

QUEIROZ, M. S.. **Luta, resistência e conquista:** a experiência expográfica na implantação do Ponto de Memória da Estrutural (Brasília-DF). 2013. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

QUEIROZ, M. S.. **(Meta)Curadoria em Processos de Museologia Social**. Revista Museologia & Interdisciplinaridade, v. 5, p. 196-212, 2016. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/10cf/1669622b08d2bd1b440f1ec4136aef53bde5.pdf>> Acesso em: 31 jul. 2019

QUEIROZ, M. S.; FREITAS, J. V. F..**O Traje como Experiência Social:** a coleção de Eufrásia Teixeira Leite assinada por Charles Worth no Museu Casa da Hera. Revista Museologia & Interdisciplinaridade, v. 7, p. 70-86, 2018.

QUEIROZ, M. S. (Comp.). **Currículo Lattes**. 2019. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/5070041632076159>>. Acesso em: 14 abr. 2019

REIS, Maurício de Novais; ANDRADE, Marcilea Freitas Ferraz de. O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas. **Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 17, n. 202, p.1-11, mar. 2018. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/41070>>. Acesso em: 26 maio 2019.

RIBEIRO, Débora.(Ed.). **Experiencial**. Brasil: 7graus, 2009. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/experiencial/>>. Acesso em: 26 maio 2019.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas:** crônicas. Org. Raúl Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.p377-405.

ROQUE, Maria Isabel. **A (in)definição de museu**. 2017. Disponível em: <<https://amusearte.hypotheses.org/1955>>. Acesso em: 01 mar. 2019.

SANTOS, Cláudio de J.. **MUSEOLOGIA SOCIAL: A FORMAÇÃO DE UM CONCEITO**. 2011. Disponível em: <<http://ensaiosmuseologicos.blogspot.com/2011/08/museologia-social-formacao-de-um.html>>. Acesso em: 14 abr. 2019.

SILVA, Mauricio. **A linguagem do poder e o poder da linguagem**: Lima Barreto e a Língua Portuguesa. REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, [S.l.], v. 7, n. 1, p. 91-105, june 1998. ISSN 2237-2083. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2186>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

SIQUEIRA, Vânia Maria; SCHEINER, Tereza Cristina. Museu, Musealidade e Musealização: termos em construção e expansão. Documentos de trabalho do 21º Encontro Regional do comunicaci3n. Petrópolis, Nov/ 2012, p.52-66. In: CABRÉ, M. T. **La terminologia: representaci3n y comunicaci3n**. Disponível em: <http://onomazein.letras.uc.cl/Articulos/6/R1_Born.pdf>. Acesso em: 01 de mar. de 2019.

STEWART, Susan. Objects of desire. in: **On longing: narratives of miniature, the gigantic, the souvenir, the collection**. Baltimore, The John Hopkins University Press, 1984.

STRÁNSKÝ, Zbyněk Z. **Brno**: Education in Museology. Museological Papers V, Supplementum. Brno: J. E. Purkyně University and Moravian Museum, 1974. 47p. Tradução: Bruno Brulon Soares, Marília Xavier Cury. ICOM: São Paulo, 2013.

STRÁNSKÝ Z. Z.. **Muséologie. Introduction aux études**, 1995.

SUGA, Sueli Mitiko Yano; HAYASHI, Andrea Akemi Oribe; CONCEIÇÃO, Maria Anália da. **Curso de Metodologia LILACS no âmbito do Projeto BVS Bioética e**

Diplomacia em Saúde: São Paulo: Unidade Lilacs, 2012. 24 slides, color.

Disponível em: <http://lilacs.bvsalud.org/curso2012/files/2012/12/indexacao_geral-2012.pdf>. Acesso em: 28 maio 2019.

VIEIRA, Simone Bastos. **La recuperación automática de información jurídica:**

metodología de análisis lógico-sintáctico para la lengua portuguesa. 1994. 382 f.

Tese (Doutorado) - Curso de Ciencias de la Información, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 1994. Disponível em:

<<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/514431>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, Estado, Sociedad:** Luchas (de)coloniales de

nuestra época. Universidad Andina Simón Bolívar, Ediciones Abya-Yala, Quito,

2009. Disponível em < [http://www.flacsoandes.edu.ec/interculturalidad/wp-](http://www.flacsoandes.edu.ec/interculturalidad/wp-content/uploads/2012/01/Interculturalidad-estado-y-sociedad.pdf)

[content/uploads/2012/01/Interculturalidad-estado-y-sociedad.pdf](http://www.flacsoandes.edu.ec/interculturalidad/wp-content/uploads/2012/01/Interculturalidad-estado-y-sociedad.pdf)>. Acesso em: 26

maio 2019.